8º FPMU

FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Coleções, museus universitários e sociedade: elos entre ciência, cultura e comunidade

FORTALEZA/CE

Tecituras do Conhecimento: Caderno de Resumos Expandidos

Volume I

https://doi.org/10.5281/zenodo.20057195

8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS
Tecituras do Conhecimento: Caderno de Resumos Expandidos do 8º FPMU”
(Coleção em 3 volumes - E-book)

Copyright © 2026 by Jéssica Tarine Moitinho Lima (organizadora)
Todos os direitos reservados
Museu de Arte da UFC (Mauc/UFC)
Av. da Universidade, 2854 – Benfica – Fortaleza – Ceará

Organização
Jéssica Tarine Moitinho de Lima

Revisão
Graciele Karine Siqueira
Rebeca Maria Gadelha de Sousa
Tatiana Alves de Almeida
Tamara Fernanda Carneiro Evangelista

Identidade Visual e Comunicação Visual
Rodrigo Luiz dos Santos
Norton Falcão

Editoração e Diagramação
Rodrigo Luiz dos Santos

Fotografias
Flávio Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Larisse Macêdo de Almeida CRB-3/1276

As opiniões e conteúdos apresentados nos textos deste Caderno de Memórias são de responsabilidade exclusiva de suas autoras e seus autores.

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Larisse Macêdo deAlmeida CRB-3/1276

F745t Fórum Permanente de Museus Universitários (8. : 2025 : Fortaleza, CE)
Tecituras do Conhecimento [recurso eletrônico] : Caderno de Resumos Expandidos, Volume 1 / Jéssica Tarine Moitinho de Lima, org.
Fortaleza, CE : Mauc Edições, 2026.

23800kb. ; PDF

Coleção em 3 volumes.
ISBN: 978-65-85071-12-3 v. 1
ISBN: 978-65-85071-13-0 v. 2
ISBN: 978-65-85071-14-7 v. 3

1. Museus Universitários. 2. Museologia. 3. Memória. I. Lima, Jéssica Tarine Moitinho de, org. II. Museu de Arte da UFC. III. Título.

CDD 069

Presidente da República
Luís Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Camilo Sobreira de Santana

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Reitor
Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Vice-Reitora
Profª. Diana Cristina Silva de Azevedo

PRÓ-REITORIA DE CULTURA

Pró-Reitor
Prof. Sandro Thomaz Gouveia

Pró-Reitora Adjunta
Profª. Glícia Maria Pontes Bezerra

MUSEU DE ARTE DA UFC – MAUC

Diretora
Graciele Karine Siqueira



8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS - 8FPMU

COMISSÃO ORGANIZADORA NACIONAL

Coordenação Geral

Graciele Karine Siqueira (UFC)
Saulo Moreno Rocha (UFC)

Região Centro-Oeste

Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)

Região Nordeste

Allyson Pontes Pinheiro (URCA)
Cristiane Xerez Barroso (UFC)
Márcia Pereira de Oliveira (UFC)
Rebeca Gadelha (IFCE)
Roberto Moreira Chaves (UFC)
Tatiana Alves de Almeida (UFBA)
Vinicius Melquíades dos Santos (UFPI/ Universidade Lusófona)

Região Norte

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA)
Gerson Rodrigues de Albuquerque (UFAC)

Região Sudeste

Maurício Candido da Silva (USP/RBCMU)
Rodrigo Luiz dos Santos (PUC-Campinas)

Região Sul

Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)
Eliane Muratore (UFRGS)
Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (UFPR)

Bolsistas

Ana Júlia de Souza Neves Ladislau
Américo Silvestre Costa Filho
Carlos Eduardo Barbosa de Sousa
Francisco Clenival da Silva Filho
Guilherme da Silva Linhares
Iury Nobre de Sousa
Joana de Medeiros Isidio
Joyce Oliveira da Silva
Júlia Assunção Amado de Oliveira
Larissa Medeiros Rodrigues
Lilian de Sousa Leitão
Nathan de Brito Leitão
Sophia Ferreira Gomes de Oliveira e Silva
Thaiana Barros dos Santos



COMISSÃO CIENTÍFICA

Coordenação

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA)

Região Centro-Oeste

Andrea Fernandes Considera (UnB)
Carlos Augusto Ribeiro Jotta (UFG)
Cláudia Landin Negreiros (UNEMAT)
Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)
Rossana Klippel de Souza José (UFG)
Ryanddre Sampaio de Souza (UFMT)

Região Sudeste

Adriana Mortara Almeida (UFMG)
Aline Cristina Gomes Ramos (UFES)
Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro (UFRJ)
Giulia Villela Giovani (UFMG)
Luciana Menezes de Carvalho (Unirio)
Maurício Candido da Silva (USP)

Região Nordeste

Allyson Pontes Pinheiro (URCA)
Amanda Aline Pinheiro (UFC)
Ana Cláudia de Araújo Santos (UFPE)
Elane Santos Gonçalves (UFBA)
Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro (FUNDAJ)
Isabela Marques Leite de Souza (UFBA)
Joana Angélica Flores Silva (UFRB)
Saulo Moreno Rocha (UFC)
Simone Almeida Gavilan (UFRN)
Tatiana Alves de Almeida (UFBA)
Vinícius Melquíades dos Santos (UFPI)

Região Sul

Aline Escandil de Souza (UFRGS/COREM 3R)
Aline Portella Fernandes (UFRGS)
Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)
Bruna Marina Portela (UFPR)
Diego Lemos Ribeiro (UFPEL)
Eliane Muratore (UFRGS)
Elias Palminor Machado (UFRGS)
Idemar Ghizzo (FEBAVE)
Keila Cristina A. Villamayor Gonzalez (UDESC)
Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (MAE-UFPR)

Região Norte

Guilhermina de Melo Terra (UFAM)
Paola Haber Maués (UFPA)
Jones da Silva Gomes (UFPA)
Lilian Débora Lima de Oliveira (UFAM)
Wanessa Pires Lott (UFPA)
Doriene Monteiro Trindade (UFPA)

Internacional

Luis Pablo Orozco Varela (Universidad Nacional Costa Rica - UNA)
José da Graça (Museu da Universidade de Cabo Verde)



Sumário

Apresentação 09

Curadoria Científica e Construção Coletiva 12

Apresentações de Trabalhos: Compartilhamento de Práticas e Saberes 13

Pôster 14

Núcleo de Memória da Museologia no Brasil: coleções universitárias a serviço do ensino, pesquisa e extensão 19

Entre a produção e o público: vivência na exposição USP 90 anos, uma jornada imersiva pelos nossos Museus 23

Herbário Prisco Bezerra - EAC: Missão, Acervo e Contribuições para o conhecimento da flora nordestina 27

Implementação do padrão Darwin Core em coleções científicas: o caso da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba 30

Do Silêncio à Voz: O Museu da Resistência como Palavra da Comunidade da Boa Esperança, Teresina Piauí 33

Memória e Patrimônio Amazônico: criação da Cartilha Educacional para o MUFPA 36

A Função Educativa nos Museus: A Experiência do MAUC 39

Memória e Matéria: Triagem e Registro da Coleção do Departamento de Patologia da FMUSP 42

Gênero e sexualidade: um retrato da inclusão no MHNCE 45

Criação da Coleção Ictiológica do Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha/UECE 48

Coleções científicas de invertebrados da Universidade Federal do Ceará: testemunhos da biodiversidade regional 51

Diagnóstico Microclimático na Conservação Preventiva de Acervos em Museus 54

Diversidade e Representatividade Espacial dos Anfíbios da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba 57

Coleções Científicas e o tripé ensino, pesquisa e extensão: uma abordagem crítica do acervo da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba 61

Seridó por Lentes: imagens que contam nossa história 64

Sons do Seridó: valorização da música regional com um alcance internacional 68

Da Coleção Científica ao Espaço Museológico: a Transformação da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba em Centro de Educação e Divulgação da Biodiversidade 72

Diagnóstico do acervo do Museu Didático de História Natural Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto – UNESP/IBILCE: gestão e reconhecimento do material museal 75

O Acervo de Aracnídeos do Museu de História Natural Prof. Dias da Rocha da Universidade Estadual do Ceará 78

Coleções zoológicas como um ambiente de ensino-aprendizagem: Relato de experiência das visitas a Coleção Zoológica Delta do Parnaíba 81

Causos Gerais: documentando memórias e tradições na Zona da Mata Mineira 84

Conhecendo as rendeiras da Casa de José de Alencar 86

Serviço de Conservação e Restauração do Museu de Arte Sacra da UFBA: a busca por um setor técnico-científico 90

O uso de géis nanoestruturados na conservação de bens culturais científicos: O projetor do fazedor de fitas 94

O acervo do Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha (MHNCE/UECE) 97

Museu do Barro – UFSJ: um espaço onde as “Jandiras” fazem uma revolução com os tecidos, as linhas e as agulhas 100

Museu universitário de arte – MUnA: ensino, pesquisa e extensão 103

SALA 01- Comunicação, Exposição e Divulgação do Património 107

Acervo Imagens de Minas: da conservação de coleções universitárias de bens culturais científicos à formação discente 110

Orgânica: A interface Arte e Ciência no Museu de Anatomia – UFRJ 114

Museus e Trapiches: As presenças ribeirinhas numa Universidade na Amazônia 118

Patrimônio e Resistência no Museu Casa Borges (Mucb): A Exposição “Balatiponé Umutina: Passado, Presente, Futuro” como Ativação Cultural 122

Jogos Interdisciplinares no Ensino de Ciências: Experiências no Museu de Anatomia da Universidade Federal do Ceará 126

O uso das coleções científicas do Laboratório de Invertebrados Marinhos do Ceará para a produção de conteúdo para as redes sociais 130

SALA 01- Comunicação, Exposição e Divulgação do Património 134

Espaços de Divulgação Científica do Instituto de Física da UnB: Um relato de experiência em andamento 138

A invisibilidade museológica no contexto universitário: um estudo sobre o Museu de Anatomia da UFPA 143

Descobrindo a UFRGS: difusão e catalogação da coleção Imagens da UFRGS 147

Museus e a democratização do acesso ao conhecimento na área das ciências biológicas: um estudo de caso acerca do Museu de Ciências Naturais da UFPR 150

Nosso Museu: primeiros passos para um museu da UNIRIO 155

Ecos de transformação: a trajetória do Museu de Anatomia Humana da UFCSPA 158

A exposição sobre o legado de Vital Brazil (1865-1950) na Bahia 161

Patrimônio de Barro: Diálogos entre a Cultura Popular e o Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí 164

Agradecimentos 167

APRESENTAÇÃO

A realização periódica do Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU) tem se consolidado como uma estratégia fundamental para o fortalecimento do campo dos museus e das coleções universitárias no Brasil. Ao longo de suas edições, o Fórum tem promovido não apenas o debate técnico, institucional e político, mas também a construção de uma rede colaborativa capaz de articular diferentes realidades, experiências e perspectivas. Sua circulação pelas diversas regiões brasileiras reafirma o compromisso com a representatividade territorial, a descentralização das discussões e a aproximação com iniciativas locais, muitas vezes emergentes, ampliando o alcance e o impacto das ações desenvolvidas no campo.

Para além de sua relevância como espaço de articulação institucional, o FPMU destaca-se também como ambiente privilegiado de circulação e difusão do conhecimento, especialmente por meio de sua seção científica. A chamada pública para submissão de resumos expandidos e a articulação com periódicos científicos para publicação de artigos completos evidenciam o compromisso com a produção, sistematização e compartilhamento de saberes, fortalecendo o diálogo entre ensino, pesquisa, extensão e inovação. Manifestamos, aqui, nosso sincero agradecimento às pesquisadoras e aos pesquisadores, estudantes, profissionais e docentes que confiaram no 8º Fórum Permanente de Museus Universitários e compartilharam suas pesquisas, produções e experiências nesta edição, tornando possível a riqueza e a diversidade de contribuições que compõem estes cadernos. Nesse contexto, os Cadernos de Resumos Expandidos (coleção em três volumes) assumem papel central como registro qualificado das reflexões, práticas e investigações desenvolvidas junto às coleções, museus e universidades brasileiras.

Nesta edição do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários foram **167 trabalhos submetidos**, **160 aprovados** e **130 apresentados**, culminando na entrega de **10 Prêmios Edna Taveira** aos melhores trabalhos. A criação do Prêmio Edna Taveira de Excelência e Inovação, instituído nesta edição, representa um importante marco de reconhecimento à qualidade das pesquisas e ao compromisso das(os) participantes com o desenvolvimento do campo dos museus e das coleções universitárias. Ao valorizar trabalhos que se destacam pelo rigor, pela relevância e pelo caráter inovador, o prêmio reafirma a importância da produção científica e das práticas qualificadas, estimulando a continuidade das investigações e o fortalecimento de uma cultura de partilha, reconhecimento e excelência no âmbito do Fórum.

A constituição de uma Comissão Científica plural e representativa é elemento essencial para a qualidade e a legitimidade desse processo. Ao reunir pesquisadoras e aos pesquisadores, profissionais e docentes, com diversidade regional, institucional e de áreas de atuação, a Comissão assegura não apenas o rigor na avaliação dos trabalhos, mas também a valorização de múltiplas abordagens e experiências que compõem o universo dos museus e das coleções universitárias no país. Agradecemos, de forma especial, a todas e todos os avaliadores que se dedicaram à leitura atenta e criteriosa dos resumos expandidos, contribuindo de maneira decisiva para a qualificação deste material, bem como para a indicação dos trabalhos que integraram a primeira edição do Prêmio Edna Taveira de Excelência e Inovação. Estendemos nosso reconhecimento àquelas(es) avaliadoras(es) que estiveram presentes no 8º FPMU, atuando na mediação de salas, na avaliação das apresentações e na construção de debates tão potentes e necessários para o campo.

Registramos, ainda, nosso profundo agradecimento a Jéssica Tarine, por aceitar o desafio de presidir a Comissão Científica e conduzir, com rigor, sensibilidade e dedicação, a organização desta seção na programação do evento, bem como a publicação *Tecituras do Conhecimento: Resumos Expandidos do 8º FPMU* (coleção em três volumes). Agradecemos igualmente a Rebeca Gadelha, Tatiana Almeida e Tamara Evangelista pelo apoio na revisão e estruturação dos cadernos, e a Rodrigo Luiz dos Santos pelo trabalho primoroso de diagramação e editoração, que conferiu unidade, cuidado estético e qualidade editorial a estes volumes tão ricos em conhecimento e experimentações.

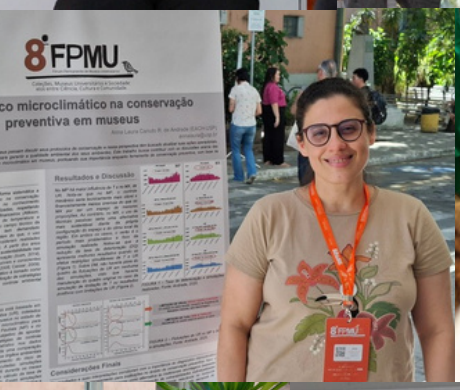
Que este material siga como fonte de consulta, inspiração e continuidade, contribuindo para o fortalecimento das práticas, das pesquisas e das redes que sustentam o campo dos museus e das coleções universitárias no Brasil. Nos vemos em breve na 9ª edição, em Belém do Pará.

Graciele Karine Siqueira
Coordenadora-Geral do 8º FPMU
Museóloga e Diretora do Museu de Arte da UFC

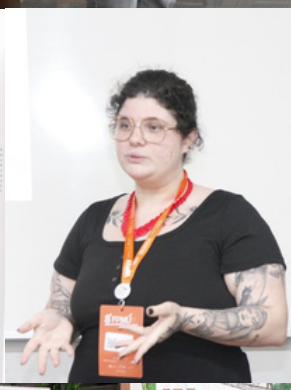
Saulo Moreno Rocha
Coordenador-Geral do 8º FPMU
Museólogo do Museu de Arte da UFC


IMAGENS DE
MINAS

8FPMU



8FPMU
co microclimático na conservação
preventiva em museus

ANFITEATRO

8FPMU
"Diagnóstico do acervo do Museu Didático de História Natural "Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto" - UNESP/IBILCE: Gestão e reconhecimento do material museal."


8FPMU

Frontview

8FPMU

8FPMU
SANDIRAS

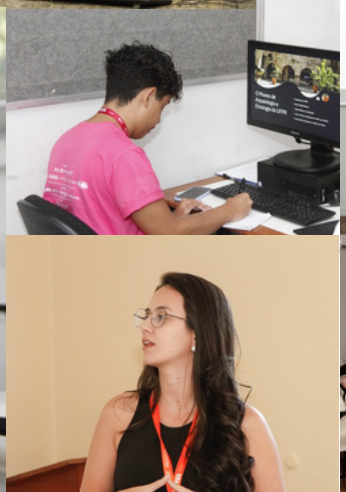








8FPMU
Do Silêncio à Voz: O Museu da Resistência co
da Comunidade da Boa Esperança, Teresi

8FPMU





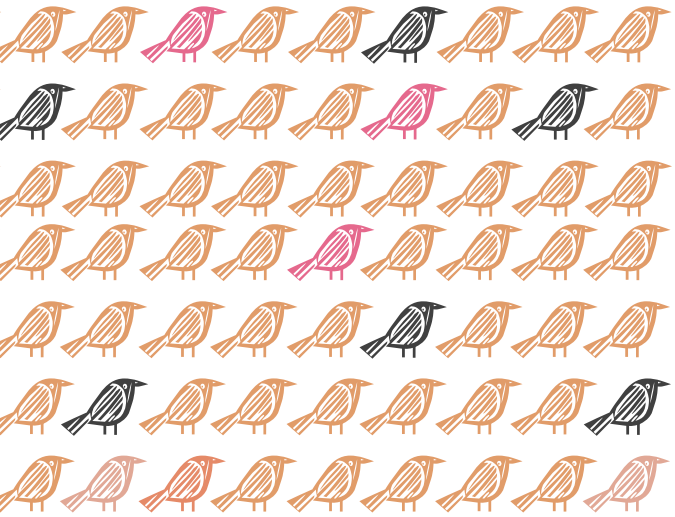
O 8º Fórum Permanente de Museus Universitários reuniu uma ampla diversidade de pesquisas e experiências, refletindo a vitalidade e a pluralidade do campo museológico em contexto universitário. Os trabalhos apresentados contemplaram diferentes formatos, desde comunicações orais até apresentações em pôsteres, evidenciando o compromisso da comunidade acadêmica em compartilhar práticas, reflexões teóricas e resultados de pesquisa.

As comunicações orais permitiram a troca direta de ideias entre os(as) pesquisadores(as), favorecendo o debate e o aprofundamento das temáticas propostas. Já os pôsteres configuraram um espaço de diálogo visual, que possibilitou a apresentação sintética e criativa de estudos em andamento ou concluídos, ampliando a interação entre autores(as) e público. Essa variedade de formatos consolidou o evento como um espaço democrático de circulação de conhecimento.

A riqueza dos temas apresentados reforça a amplitude da Museologia universitária, que vai desde a conservação preventiva, documentação e comunicação museológica até a gestão de acervos, patrimônio imaterial, acessibilidade, sustentabilidade e tecnologias digitais aplicadas aos museus. Também se destacaram pesquisas que abordam a relação dos museus com comunidades, práticas decoloniais, inclusão social e a valorização de saberes tradicionais e locais.

Este e-book reúne os resumos expandidos dos trabalhos aprovados, compondo um registro da produção atual e dos debates que atravessam o campo museológico no Brasil. Mais do que um repositório de experiências, ele se coloca como um instrumento de memória e reflexão, contribuindo para fortalecer redes, inspirar novas pesquisas e estimular o diálogo interdisciplinar que caracteriza as coleções e os museus universitários.

Comissão Científica do 8ºFPMU



APRESENTAÇÕES DE TRABALHOS: COMPARTILHAMENTO DE PRÁTICAS E SABERES

28/08/2025
MANHÃ e TARDE

Moderadora
Tatiana Alves de Almeida

Avaliadora dos trabalhos indicados à premiação
Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)

Os museus e coleções universitárias, ao longo das últimas décadas, consolidaram-se como espaços privilegiados de diálogo entre a produção científica e a sociedade. Neles, o conhecimento transborda os limites da sala de aula e assume novas formas de mediação, interpretação e pertencimento. O 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, ao propor o tema "Coleções, museus universitários e sociedade: elos entre ciência, cultura e comunidade", reafirma a vocação desses espaços como pontes entre diferentes saberes e agentes, valorizando a diversidade de práticas e perspectivas que emergem das instituições de ensino superior em todo o país.

Nesta sessão de pôsteres, reúne-se uma amostra representativa dessa vitalidade: pesquisas que exploram dimensões formativas, patrimoniais, tecnológicas e sociais das coleções universitárias, revelando o papel transformador das universidades na preservação e difusão do patrimônio cultural, natural e científico. As experiências aqui apresentadas dialogam com os princípios que orientam o Fórum desde sua criação, a integração entre ensino, pesquisa e extensão, ao mesmo tempo que projetam novos horizontes para as práticas museológicas contemporâneas.

Os trabalhos expostos evidenciam que as coleções universitárias ultrapassam sua função técnica de guarda e registro, tornando-se espaços de produção ativa de conhecimento e memória. O caso do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS/UNIRIO) exemplifica essa potência: ao reunir documentos, objetos e registros biográficos de profissionais do campo, o Núcleo não apenas preserva a trajetória da Museologia no país, mas a reinscreve em uma narrativa coletiva que reconhece as contribuições de diferentes gerações e regiões. Essa prática de musealização de acervos acadêmicos reforça o caráter interdisciplinar das coleções e sua importância como fontes primárias para a pesquisa e para o ensino.

Em outro exemplo, o Herbário Prisco Bezerra (UFC) reafirma a relevância das coleções biológicas como repositórios de biodiversidade e instrumentos de investigação científica. As amostras vegetais preservadas desde 1939 representam décadas de trabalho sistemático e colaborativo, sustentando estudos que contribuem para a compreensão da flora nordestina e para o desenvolvimento de políticas de conservação. O compromisso com o acesso aberto, por meio de plataformas digitais como o SpeciesLink e o Reflora, amplia a função social da coleção e conecta a universidade à comunidade científica global.

A dimensão educativa e inclusiva dos museus universitários aparece de forma recorrente nas experiências compartilhadas. O Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC) demonstra como a função educativa evoluiu de um ideal elitista de contemplação para uma prática democrática de mediação cultural. A consolidação de seu Núcleo Educativo, em consonância com a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), evidencia a importância da educação museal como estratégia de diálogo crítico e construção de saberes compartilhados.

Nessa mesma direção, o Museu da Resistência da Boa Esperança (UFPI) amplia o conceito de museu para além das fronteiras institucionais, constituindo-se como um espaço de luta e (re)existência de uma comunidade. O trabalho colaborativo entre moradores e universidade traduz o princípio da Museologia Social em ação: o museu como território de memória viva, em que a salvaguarda se alia à defesa de direitos e à valorização de identidades locais. Esse caso expressa, de forma contundente, a função social dos museus universitários como catalisadores de transformação e empoderamento comunitário.

A inovação tecnológica emerge como ferramenta indispensável para a gestão e a preservação de acervos, especialmente nas áreas de história natural e ciências biológicas. A Coleção Zoológica Delta do Parnaíba (UFDPar), ao adotar o padrão internacional Darwin Core, demonstra como a padronização e digitalização de dados podem fortalecer a integração das coleções locais em redes de informação globais. Esse esforço de compatibilização técnica reflete um compromisso com os princípios FAIR — Findable, Accessible, Interoperable, Reusable —, que garantem não apenas o acesso, mas a reutilização ética e sustentável dos dados científicos.

Na mesma perspectiva, o projeto de triagem e registro da Coleção de Espécimes de Anatomia Patológica da FMUSP propõe uma interface entre museologia, biomedicina e bioética. O inventário e a documentação de corações humanos históricos, alinhados ao Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (INBCM), revelam a importância de um olhar museológico sobre acervos científicos, destacando a responsabilidade ética no trato de remanescentes humanos e a potencialidade pedagógica e investigativa dessas coleções.

As experiências provenientes da Amazônia reforçam o papel das universidades na valorização das identidades regionais e na difusão do conhecimento sobre o patrimônio cultural e natural. O Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), com sua cartilha educacional digital, reafirma o compromisso da instituição com a mediação cultural e a acessibilidade. O projeto, ao integrar pesquisa documental, observação de campo e design pedagógico, resultou em um material que democratiza o acesso às narrativas e objetos do museu, aproximando a comunidade do patrimônio amazônico e fortalecendo o vínculo entre universidade e sociedade.

A iniciativa dialoga diretamente com a proposta do Fórum ao promover instrumentos educativos que não apenas informam, mas também inspiram pertencimento e participação ativa do público. A cartilha, assim como as demais ações apresentadas nesta sessão, traduz o potencial dos museus universitários de atuarem como mediadores entre o saber científico e a experiência cotidiana das comunidades.

Outro eixo fundamental presente nesta sessão é o da inclusão e representatividade. O estudo desenvolvido pelo Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha (MHNCE/UECE) sobre gênero e sexualidade na composição de sua equipe revela o compromisso das instituições com a promoção de ambientes diversos e acolhedores. Ao reconhecer as múltiplas identidades e orientações de seus colaboradores, o museu reafirma a importância de políticas institucionais que ampliem a participação de grupos historicamente marginalizados e garantam o acesso equitativo à produção científica e cultural.

Essas iniciativas não apenas transformam o cotidiano das instituições, mas também redefinem a própria noção de museu universitário como espaço de cidadania, reflexão e inclusão. Ao incorporar práticas interseccionais e sensíveis à diversidade, as universidades assumem um papel ativo na construção de sociedades mais justas e plurais.

A pluralidade de temas e metodologias presentes nesta sessão de pôsteres revela a amplitude do campo museológico universitário brasileiro. Das coleções biológicas às memórias comunitárias, das ações educativas às estratégias de digitalização, as experiências compartilhadas reafirmam que os museus universitários são espaços de fronteira — entre ciência e arte, tradição e inovação, academia e sociedade.

Mais do que depositários de acervos, são laboratórios de experimentação social e intelectual, onde a preservação dialoga com o futuro e a pesquisa se traduz em ação transformadora.

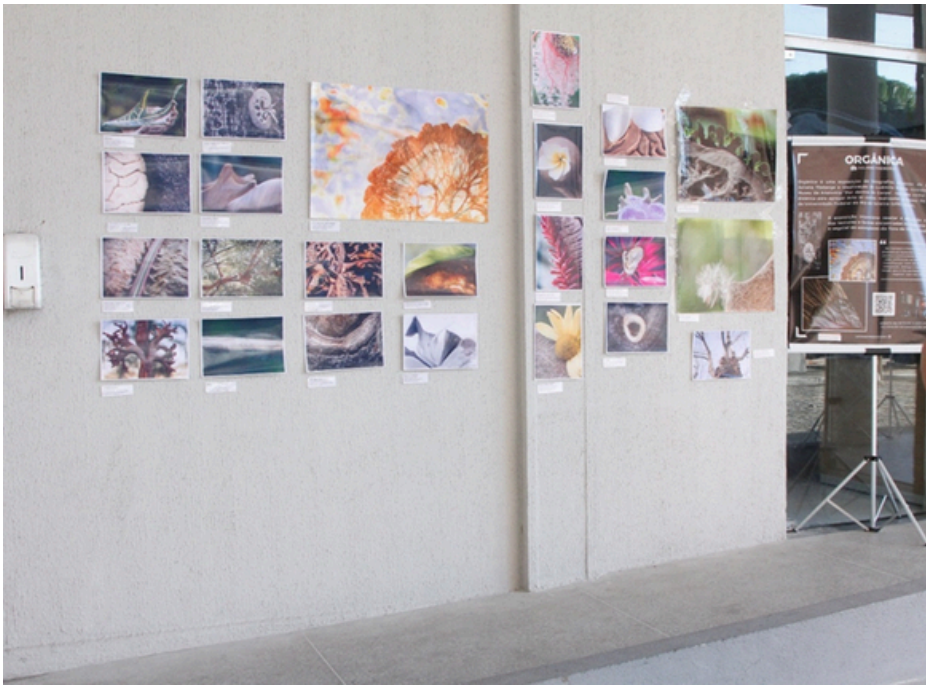
Assim, a sessão de pôsteres do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários celebra a diversidade de caminhos trilhados pelas instituições e propõe um olhar renovado sobre o papel das coleções na contemporaneidade. Que cada trabalho aqui apresentado sirva como ponto de encontro entre ciência, cultura e comunidade, e como convite permanente à construção de um patrimônio vivo, compartilhado e inclusivo.





Apresentação de trabalhos em formato pôster - Fotógrafo: Flávio Almeida





Ensaio Fotográfico - Orgânica: A interface Arte e Ciência no Museu de Anatomia - UFRJ, por Juliana Theberge dos Santos de Oliveira e Ludmila Ribeiro de Carvalho.

Núcleo de Memória da Museologia no Brasil: coleções universitárias a serviço do ensino, pesquisa e extensão.

Ivan Coelho de Sá (UNIRIO) – ivansamus@gmail.com
Ludmila Leite Madeira da Costa (UNIRIO) – ludmila.costa@unirio.br

INTRODUÇÃO

Coleções universitárias são instrumentos pedagógicos para a formação profissional e fontes de informação para a construção de conhecimento conceitual e/ou aplicado. Ao pensarmos a constituição destas coleções percebemos os impactos que elas têm na sociedade, a partir dos resultados gerados através delas. Colaborar para o desenvolvimento de pesquisas e para a formação de novos profissionais está dentre os principais objetivos do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, NUMMUS, experiência de musealização de coleções universitárias cujo processo de salvaguarda reúne atividades de conservação, documentação, difusão e acesso aos documentos e objetos doados por pessoas atuantes no campo dos museus e da Museologia de todo o Brasil, em nível nacional e internacional. As atividades do Núcleo estão diretamente ligadas ao tripe universitário: ensino, pesquisa e extensão, condição que o coloca no perfil institucional de núcleo multidimensional vinculado à Escola de Museologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, e ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS. As características da instituição de ensino ao qual se vincula foi uma das principais motivações para a criação do NUMMUS. Criado há vinte anos com o objetivo de recuperar e preservar a memória da Museologia no Brasil, o Núcleo tem por missão promover a releitura de fatos e acontecimentos que constituíram e constituem o campo profissional e disciplinar desse conhecimento, tendo como ponto de partida o percurso do primeiro curso de formação no campo, o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, hoje Curso da Escola de Museologia do CCHS/ UNIRIO. As primeiras coleções formadoras do NUMMUS advêm da Escola de Museologia e de dois Departamentos que subsidiam as ofertas de seus componentes curriculares, contudo, a grande maioria das mais de 100coleções arroladas são formadas por itens doados por profissionais aposentados e/ou ativos que participaram diretamente de diferentes momentos de consolidação da Museologia, independentemente de sua ligação com o curso supracitado. São itens documentais, iconográficos e de objetos que podem ser interpretados como coleções biográficas que abrigam memórias individuais de profissionais cujas trajetórias estão entrelaçadas ao desenvolvimento do campo no Brasil. O Núcleo preserva fontes primárias e, em vários casos, inéditas, proporcionando avanços ao processo investigativo de pesquisadores, professores e discentes, por isso tem como premissa viabilizar o acesso à essas coleções.

O NUMMUS disponibiliza os itens pertencentes às coleções para consulta aos pesquisadores, independente da área do conhecimento. Esta abrangência no atendimento é devido à realidade das muitas áreas que são transversais aos temas dos patrimônios e dos museus. Inúmeros pesquisadores têm se beneficiado do acesso à essas coleções, seja para realizar pesquisas acadêmicas, planejar e executar aulas ou realizar eventos de caráter extensionista. A criação do NUMMUS possibilitou a aprovação do Projeto de Pesquisa "Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil", coordenado pelo Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá, quem idealizou o NUMMUS e o gerencia até a atualidade. O Projeto conta com a colaboração de24 pesquisadores ativos, dentre integrantes internos (docentes e discentes da UNIRIO) e externos (de outras instituições ou independentes). Quanto aos discentes, estudantes da Escola de Museologia, há além daqueles que participam das ações por meio das bolsas de iniciação científica, os que participam através da monitoria em projetos de ensino ligados às disciplinas ofertadas nos cursos da Escola de Museologia, extensão ou incentivo acadêmico, modalidade que a UNIRIO possui para garantir a permanência de pessoas em vulnerabilidade socioeconômica.

MATERIAIS E MÉTODOS

Com a intenção de apresentar quantitativamente algumas das experiências do NUMMUS A proposta é divulgar os impactos das consultas às coleções e de algumas ações do NUMMUS que colaboram para fortalecer a formação profissional e o desenvolvimento do campo disciplinar da Museologia no Brasil. Através da modalidade poster serão apresentados os impactos em pesquisas acadêmicas da graduação e pós-graduação e em eventos de diferentes docentes e pesquisadores que utilizaram as fontes encontradas nas coleções do NUMMUS. A apresentação será por meio de dados quantitativos sistematizados em ilustração por meio de gráficos com base no que foi mapeado no cadastro de pesquisadores que registra as consultas às coleções nos últimos doze anos de atendimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da postura de acesso irrestrito e quase imediato, a contar da chegada das coleções e passarem por uma organização temática geral, os itens são divulgados aos pesquisadores que solicitarem consulta, assim como também podem ser compartilhados com os docentes da Escola de Museologia para atividades pedagógicas. A gestão do Núcleo viabiliza acesso informacional aos pesquisadores internos e externos à UNIRIO, o que possibilita a realização de inúmeras pesquisas a partir da consulta às fontes primárias, o que é um processo rico para a produção de conhecimento e elaboração de atividades acadêmicas dentro e fora de sala de aula.

Essas fontes versam sobre o percurso e desenvolvimento do campo dos museus e da Museologia no Brasil e trouxeram à tona temas como: o pioneirismo da formação especializada no Brasil, com a inauguração do primeiro Curso de Museus/Museologia da América Latina; a constatação de um campo conformado através da majoritária atuação feminina; reconhecimento de profissionais que sempre trabalharam com patrimônio diverso e plural ao longo dos noventa anos de institucionalização do campo; constatação do papel político e conceitual de seus agentes na construção e consolidação da Museologia como disciplina independente; reconhecimento das inovações no campo dos museus e do patrimônio no Brasil, em relação a outras regiões do mundo; dentre inúmeros outros aspectos antes não confirmados ou percebidos por falta de indícios ou documentos para serem analisados, estudados e divulgados, tanto sobre especificamente a Museologia, como para temas mais gerais da cultura e do patrimônio. Em vinte anos de atuação mais de 400 trabalhos acadêmicos foram realizados com base nas coleções do NUMMUS. O número do mapeamento interno no catálogo de consulta de pesquisadores foi de 387 consultas entre 2012-2024, mas este número é subnotificado, pois o controle começou sete anos depois da inauguração do Núcleo que desde seu primeiro ano disponibiliza itens para o acesso direto. O NUMMUS atende pesquisadores de todo o país com interesses em temas dos mais diversos, pois apesar do foco ser a Museologia, suas coleções podem ser analisadas para a compreensão de muitos outros temas que se inserem em questionamentos que envolvem a cultura, os museus e o patrimônio. Um dos resultados mais relevantes é a produção de pesquisadores internos, que se estende para além da produção de artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, com a publicação de 6 (seis) livros com conteúdo totalmente fundamentado nas fontes informacionais que o NUMMUS preserva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil de garantir acesso às coleções que o compõem vêm sendo alcançados ao longo destas últimas duas décadas, apesar dos desafios que a gestão enfrenta diante das limitações estruturais e orçamentárias enfrentadas, assim como todas as demais coleções universitárias e museus universitários, que em sua rotina de trabalho precisam se reinventar diante da falta de investimento, instrumentos e corpo técnico para dar andamento aos processos de preservação. Os desafios para manter este propósito são muitos e constantes.

Divulgar este trabalho e suas origens e desafios tem como intuito inspirar outras iniciativas e promover pontes entre interesses comuns com outras instituições e profissionais, bem como ajudar a promover e pensar mudanças estruturais diante dos desafios de nossas universidades, para que possamos valorizar as coleções que são fontes de conhecimento e desenvolvimento da ciência e do campo profissional brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE

Coleções Universitárias. NUMMUS. Museologia. Pesquisa. Formação.

AGRADECIMENTOS

Ao longo destes vinte anos é importante agradecer àqueles que acreditaram no projeto do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil: aos doadores das coleções, profissionais e familiares que confiam no trabalho do NUMMUS e sem os quais não seria possível iniciar o projeto. Aos colaboradores que fizeram e fazem possível realizar as ações de inventário, organização e os eventos anuais, sobretudo, os estudantes das diferentes gerações da Escola de Museologia que trabalharam desde o primeiro momento de criação do NUMMUS, seja na condição de bolsistas de iniciação científica, monitores de projetos de ensino ou bolsistas da extensão, bem como aqueles que se voluntariaram e foram essenciais na implementação e continuidade das ações que são exercidas até a atualidade de maneira ininterrupta. Vale lembrar do apoio do antigo Departamento de Museus do IPHAN, o DEMU, embrião do Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM, que subsidiou bolsas à profissionais e estudantes para implementação das primeiras ações de acondicionamento e inventário das primeiras coleções doadas ao NUMMUS, apoio fundamental para impulsionar o trabalho na fase de sua implementação, entre 2006-2007.

REFERÊNCIAS

NÚCLEO DE MEMÓRIA DA MUSEOLOGIA NO BRASIL, ESCOLA DE MUSEOLOGIA, CENTRO DE CIENCIAIS HUMANAS E SOCIAIS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO). [Cadastro de Pesquisadores]. Rio de Janeiro, 2012.

NÚCLEO DE MEMÓRIA DA MUSEOLOGIA NO BRASIL, ESCOLA DE MUSEOLOGIA, CENTRO DE CIENCIAIS HUMANAS E SOCIAIS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO). Regulamento Interno do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil.29 p. Rio de Janeiro, 2018.

SÁ, Isaura Paiva de. NUMMUS: reflexão conceitual e institucional. 2020. 104 p. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

Entre a produção e o público: vivência na exposição USP 90 anos, uma jornada imersiva pelos nossos Museus

Mariana Shinohara (USP) - marianashn@usp.br

INTRODUÇÃO

Como parte dos eventos e atividades que celebraram seus 90 anos, a Universidade de São Paulo apresentou a exposição itinerante USP 90 anos: uma jornada imersiva pelos nossos Museus, que percorreu todos os municípios paulistas onde há campus da Universidade: Ribeirão Preto, Pirassununga, Bauru, São Carlos, Piracicaba, Lorena e São Paulo, entre abril de 2024 e março de 2025.

A mostra apresentou uma experiência imersiva, interativa, digital e gratuita, que promoveu o encontro e a descoberta dos quatro Museus estatutários da USP, detentores dos maiores e mais relevantes acervos do Brasil: Museu de Arte Contemporânea (MAC), Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), Museu de Zoologia (MZ) e Museu do Ipiranga, parte da instituição do Museu Paulista (MP).

Com seções dedicadas para cada um, os quatro diferentes acervos foram reunidos no mesmo espaço por meio da intersecção entre recursos de realidade virtual, com tecnologias desenvolvidas pelo InovaUSP, e peças físicas especialmente selecionadas para a exposição, em uma oportunidade única de contemplar em um só trajeto a diversidade de conhecimento produzido e preservado pela USP.

Uma iniciativa da Reitoria da Universidade de São Paulo, a exposição contou com curadoria dos diretores, docentes e servidores dos quatro Museus (MAC, MAE, MP, MZ) e do InovaUSP, responsáveis pelo conteúdo, desenvolvimento e realização da exposição.

Além do projeto expositivo, a mostra contou com um programa educativo desenvolvido e associado à exposição, atuando de forma transversal, participativa e integrativa com vários órgãos e instituições, fomentando a frequência de um público diverso e plural.

MATERIAIS E MÉTODOS

A exposição seguiu um roteiro de itinerância definido e alinhado previamente com as disponibilidades dos espaços escolhidos, situados dentro dos campi da USP, com exceção de Bauru, em que a mostra foi sediada em um espaço da Secretaria Municipal de Cultura: 1º) Ribeirão Preto: Instituto de Estudos Avançados, de 12 abril a 10 maio;2º) Pirassununga: Antigo Ginásio de Esportes, de 24 de maio a 7 de junho;3º) Bauru: Galeria Municipal Angelina W. Messenberg, de 19 de junho a 13 de julho;4º) São Carlos: Centro de Convenções, de 5 de agosto a 6 de setembro;5º) Piracicaba: "Jumbão" - ESALQ USP, de 2 a 31 de outubro;6º) Lorena: Centro de Vivência, de 13 de novembro a 14 de dezembro de 2024;7º) São Paulo: InovaUSP - Centro de Inovação da USP, de 30 de janeiro a 29 de março de 2025.

O percurso da exposição o tinha início com "4M – Quatro Museus", filme documentário imersivo em formato de videoinstalação do artista e videomaker Tadeu Jungle. A obra foi formulada a partir das atividades de um grupo formado por pesquisadores e estudantes que se debruçou sobre os quatro Museus estatutários para investigar o chamado "ciclo curatorial".

Cada Museu tinha um "setor" com peças selecionadas de seu acervo e duas ilhas com dez óculos de realidade virtual. A solução tecnológica supriu a complexidade e o custo de transportar as obras de valor às vezes inestimável. A aproximação e criação de um multiverso do acervo também pode ser uma ponte entre a população e a Universidade, fator este que gera visibilidade e impacto no reconhecimento social para com a Universidade.

A exposição itinerante contou com um conjunto de ações educativas associadas à exposição com o objetivo de expandir o alcance da iniciativa, promovendo um movimento de aproximação dialogada com toda a comunidade USP, bem como com a comunidade externa à Universidade.

Responsável por estas ações, o Núcleo Central de Ações Educativas, composto por docentes e servidores da Universidade, elaborou materiais de apoio para suporte à formação dos mediadores que atuaram junto ao público, incluindo o curso de extensão (difusão): Mediação em espaços de educação não-formal: vivência na exposição USP 90 anos.

Em uma ação descentralizada, foram constituídos em cada cidade os Núcleos Locais de Ações Educativas, responsáveis por estabelecer parcerias estratégicas para estimular a participação da comunidade externa à USP. Estabeleceram-se contatos e parcerias com as Prefeituras, as Secretarias Municipais de Educação e Cultura, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, visando possibilitar a visita do maior número possível de alunos.

As ações com formato específico, mas diversas em seus conteúdos, procurou sempre respeitar as peculiaridades de cada localidade. A mostra contou com monitores qualificados e programa educativo para receber grupos e escolas, além do público espontâneo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final da itinerância, os objetivos propostos para o projeto de imersão digital e de itinerância dos Museus foram alcançados. Esse êxito se refletiu não apenas nos aspectos técnicos, mas também nos objetivos comemorativos e educacionais que percorreram todos os campi da Universidade de São Paulo ao longo do ano.

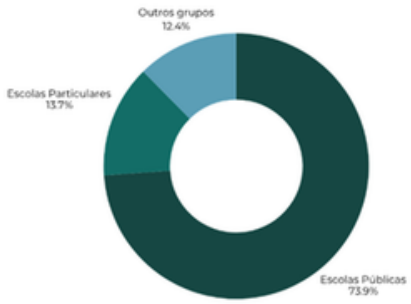


Gráfico 1. Total de agendamentos.

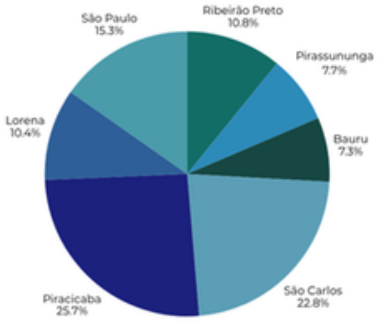


Gráfico 2. Total de agendamentos por campus.

Neste período, a mostra recebeu um público muito expressivo de mais de 23 mil visitantes, 452 agendamentos de grupos, incluindo uma presença marcante das redes estadual e municipal de ensino, que corresponderam a 73,9% do total. A exposição conseguiu alcançar alunos de mais de 200instituições públicas e privadas pertencentes a 68 municípios do Estado de São Paulo, o que demonstra o amplo alcance da iniciativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição itinerante, além de funcionar como um convite para o público conhecer e visitar os museus da Universidade, contribuiu para a compreensão do papel desses espaços como instituições públicas, vinculadas à produção de conhecimento, à formação acadêmica e à preservação e valorização do patrimônio histórico, artístico e natural do Brasil.

Com a iniciativa, buscou-se despertar o interesse do público jovem pelos universos acadêmico, científico e cultural presentes na Universidade, ao proporcionar a oportunidade de conhecer e valorizar a diversidade do conhecimento produzido e preservado por seus quatro Museus estatutários, ainda pouco conhecidos por parcela significativa da população.

PALAVRAS-CHAVE

Exposição itinerante. Museus estatutários. Imersão. Mediação. Museologia.

REFERÊNCIAS

USP 90 ANOS: uma jornada imersiva pelos nossos museus. Disponível em: <https://expomuseus90anos.usp.br/sobre-a-exposicao/>. Acesso em: 23 maio 2025.

XAVIER, Denise Walter. Museus em movimento: uma análise sobre experiências museológicas itinerantes. Cadernos de Sociomuseologia, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 5-20, 2013.

Herbário Prisco Bezerra - EAC: Missão, Acervo e Contribuições para o conhecimento da flora nordestina

Hugo Pereira do Nascimento (UFC) – nascimentohpd@gmail.com
Sarah Sued Gomes de Souza (UFC) - suedsarah@ufc.br
Maria Iracema Bezerra Loiola (UFC) - iloiola@ufc.br

INTRODUÇÃO

O Herbário Prisco Bezerra (EAC), vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC), é uma importante coleção botânica do Nordeste brasileiro, com ênfase na flora cearense. Fundado em 1939 pelo Professor Prisco Bezerra, recebeu inicialmente o nome de Herbário da Escola de Agronomia do Ceará, e só em 1970, o herbário foi transferido para o Departamento de Biologia, recebendo seu nome atual: Herbário Prisco Bezerra (LOIOLA et al., 2020).

Desde sua fundação, o Herbário EAC tem como missão manter uma coleção de referência de amostras vegetais, fomentando estudos florísticos, taxonômicos e sistemáticos em botânica; divulgar as informações das espécies para especialistas e não especialistas, possibilitando e integrando atividades de ensino, pesquisa e extensão (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2025).

No âmbito da pesquisa, a coleção é utilizada como referência no desenvolvimento de estudos sobre os mais diversos grupos de plantas, onde mais de 80 artigos foram publicados visando identificar, catalogar e ampliar o conhecimento sobre a distribuição das espécies ocorrentes no Ceará (LOIOLA et al., 2020; UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2025).

Nesse contexto, o crescimento constante da coleção demanda acompanhamento sistemático para garantir a integridade das amostras, atualizar registros e identificar lacunas geográficas ou taxonômicas, garantindo uma coleção referência dessas informações. Assim, o presente trabalho objetivou levantar dados da coleção, ao apresentara quantidade de suas amostras, do número de espécies e tipos nomenclaturais, os principais grupos taxonômicos coletados e os coletores que contribuíram historicamente para seu crescimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

Toda a coleção se encontra disponibilizada na rede speciesLink(CRIA, 2025) e Herbário Virtual (REFLORA, 2025), do Programa Flora e Funga do Brasil, podendo ser consultada por toda a comunidade científica e não científica de forma online e gratuitamente.

Nessas plataformas, foram realizadas buscas utilizando o acrônimo da coleção EAC em seus filtros de pesquisa, levantando todas as amostras disponíveis. Essa listagem foi refinada pela quantidade de amostras por família botânica e número de espécies, por coletor e apenas as amostras constatadas como tipos nomenclaturais.

Dados históricos sobre o acervo foram pesquisados no E-book Diversidade de Angiospermas do Ceará (LOIOLA et al., 2020), obra que detém informações a respeito da história dos estudos de botânica no Ceará, dos seus pesquisadores pioneiros e do surgimento do Herbário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Professor Prisco Bezerra, foi o responsável pelas coletas iniciais de amostras vegetais no Ceará em fevereiro de 1939. Sua primeira coleta no estado ocorreu no Campus do Pici no município de Fortaleza e corresponde a uma amostra de Ipomoeaasarifolia (Desr.) Roem. & Schult. (Convolvulaceae) (LOIOLA et al., 2020; CRIA, 2025).

A coleção do Herbário EAC conta, atualmente, com cerca de 68.000 amostras, distribuídas em aproximadamente 6.600 espécies, abrangendo representantes de Algas, Briófitas, Samambaias, Licófitas, Gimnospermas e Angiospermas. Já a coleção de tipo snomenclaturais tem cerca de 400 amostras (CRIA, 2025; BFG, 2025).

As três famílias com maior número de representantes são: Fabaceae com 14.738 amostras, Rubiaceae com 3.011 e Euphorbiaceae com 2.942. A grande coleção de Fabaceae se dá pela diversidade da família na região, juntamente com o fato dos fundadores e primeiros coletores do Herbário serem especialistas no grupo, o que alavancou suas coletas (LOIOLA et al., 2020; CRIA, 2025; BFG, 2025).No EAC encontra-se ainda a coleção do naturalista Philipp von Luetzelburg, essa coleção totaliza 1.401 amostras coletadas entre 1934-1937, sendo coletas anteriores à criação do Herbário EAC (LOIOLA et al., 2023; CRIA, 2025).

Com a participação de vários pesquisadores a coleção aumentou consideravelmente, e os três coletores com maior número de amostras depositadas na coleção são Afrânio Gomes Fernandes com 9.762 amostras, Luiz Wilson Lima-Verde com 3.376 e Antônio Sérgio Farias Castro com 3.012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Herbário Prisco Bezerra (EAC) destaca-se como uma das principais coleções botânicas do Nordeste brasileiro. Os dados apresentados refletem o crescimento e a consolidação das pesquisas botânicas na região. Sua coleção continua em expansão e reforça seu papel como referência acadêmica e científica.

A contribuição de diversos coletores é essencial para o crescimento e a diversificação do acervo. Além disso, é importante ressaltar que a manutenção e a expansão contínua da coleção dependem de investimentos em infraestrutura, capacitação de pessoal e digitalização de dados, garantindo sua preservação e acessibilidade. Por fim, a coleção está sempre disponível para estudos que explorem o potencial do acervo para descobertas taxonômicas e conservação da biodiversidade.

PALAVRAS-CHAVE

Acervo. Biodiversidade. Botânica. Ceará. Semiárido.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos pelos financiamentos e projetos concedidos pelo CNPq e FUNCAP, ao apoio do INCT – Herbário Virtual da Flora e dos Fungos. Agradecemos ao Centro de Referência e Informação Ambiental (CRIA), ao REFLORA e Jardim Botânico do Rio de Janeiro pela divulgação de nossos dados. Ao LASEV – Laboratório de Sistemática e Ecologia Vegetal e ao LIB – Laboratórios Integrados de Pesquisa em Botânica pela parceria na realização de pesquisas com a coleção.

REFERÊNCIAS

CRIA - Centro de Referência e Informação Ambiental. SpeciesLink. 2025. Disponível em: https://www.specieslink.net/. Acesso em: 15 maio 2025.

BFG - The Brazil Flora Group. Flora e Funga do Brasil. 2025. Disponível em: http://floradobrasil.jbrj.gov.br/. Acesso em: 15 maio 2025.

LOIOLA, M.I.B.; RIBEIRO, R.T.M.; SAMPAIO, V.S.; SOUZA, E.B. Diversidade de angiospermas do Ceará. Sobral: Edições HUVA, 2020. 257 p. Disponível em: https://centrodeciencias.ufc.br/wp-content/uploads/2021/10/livro-17.pdf. Acesso em: 15 maio 2025.

LOIOLA, M.I.B.; MORENO, D.A.; SOUZA, S.S.G.; SOARES NETO, R.L. Flora do Ceará e a coleção histórica de Philipp von Luetzelburg no Herbário EAC. Revista Brasileira de Geografia Física, v. 16, p. 1938-1967, 2023.DOI: https://doi.org/10.26848/rbgf.v16.4.p1938-1967

REFLORA. Herbário Virtual. 2025. Disponível em: https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/. Acesso em: 15 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Herbário Prisco Bezerra (EAC). Fortaleza: UFC, 2025. Disponível em: https://herbario.ufc.br/pt/. Acesso em: 15 maio 2025.

Implementação do padrão Darwin Core em coleções científicas: o caso da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba

Marianne Gonçalves Martins (UFDPar) - marianne.gmartins10@gmail.com
Isabella Vieira de Carvalho (UFDPar) - bellavieirav@gmail.com
Caroline Ferreira Amorim (UFDPar) - carolineferreiraamorim8@gmail.com
Carlos Germano Vieira de Brito (UFDPar) - germanoufdpar@gmail.com
Pedro Bastos de Macêdo Carneiro (UFDPar) - pedrocarneiro@ufdpar.edu.br

INTRODUÇÃO

Coleções biológicas são essenciais para preservar e documentar a biodiversidade, reunindo informações sobre espécies de diversas regiões e épocas. A padronização eficiente desses dados facilita seu compartilhamento e acesso, apoiando pesquisas e políticas de conservação (Marinoni et al., 2024). No meio acadêmico, adotar padrões de descrição otimiza a organização interna e promove a interoperabilidade entre instituições e pesquisadores (Silva et al., 2016).

O Darwin Core (DwC) vem se destacando como padrão internacional para estruturar bases de dados de biodiversidade, abrangendo desde atributos taxonômicos até dados georreferenciados, garantindo consistência e interoperabilidade (Wieczorek et al., 2012). Atuando como ponte entre dados locais e globais, o DwC permite a integração de registros fragmentados, como coleções universitárias, a plataformas globais como GBIF (Global Biodiversity Information Facility) e o SiBBr (Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira), ampliando seu impacto e subsidiando pesquisas e políticas públicas (Silva et al., 2015).

O presente trabalho tem como objetivo analisar a aplicação do padrão DwC no banco de dados de uma coleção científica universitária, a Coleção Zoológica Delta do Parnaíba (CZDP) da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). Com isso busca-se identificar os principais desafios e propor soluções para a padronização de dados em coleções universitárias.

MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente, mapeou-se os registros existentes da CZDP, oriundos de planilhas e bancos de dados institucionais, para identificar os termos DwC adequados e definir um modelo de banco de dados alinhado ao padrão.

A equipe de curadoria foi capacitada para garantir a aplicação correta do DwC. Posteriormente, os dados foram digitalizados, padronizados e validados conforme o padrão.

Para embasar o modelo, foram analisados dados de coleções zoológicas disponíveis no SiBBr e GBIF, priorizando acervos com ampla representatividade taxonômica e registros detalhados, incluindo coordenadas geográficas, nomes científicos e informações da coleta.

Campos aplicados à CZDP incluíram: scientificName (nomenclatura atualizada), eventDate (data da coleta), decimalLatitude e decimalLongitude (localização geográfica), recordedBy (coletor) e catalogNumber (número de tombo).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação do padrão Darwin Core (DwC) na Coleção Zoológica Delta do Parnaíba (CZDP) promoveu avanços significativos na organização, qualidade e divulgação dos dados, alinhando-se aos princípios FAIR (Findable, Accessible, Interoperable, Reusable) e ampliando o acesso à biodiversidade regional. Contudo, o processo revelou desafios importantes.

Um dos principais obstáculos foi a limitação do DwC em representar dados específicos do acervo, como preparação de espécimes, condições de armazenamento e histórico de empréstimos. Para suprir essas lacunas, recorreu-se a campos genéricos, como occurrenceRemarks. Futuramente, recomenda-se a adoção de extensões especializadas, como o eMoF (Extended Measurement or Facts), ou a integração com padrões complementares, como o ABCD (Access to Biological Collections Data).

Além disso, a complexidade no mapeamento de informações históricas, muitas vezes com terminologia não padronizada, resultou na perda de detalhes. Ferramentas como OpenRefine podem ajudar na criação de vocabulários controlados e na padronização dos dados, enquanto fluxos automatizados via APIs (Application Programming Interface) podem permitir a conexão com bancos de dados online, mantendo a atualização taxonômica e a consistência dos registros. Da mesma forma, a digitalização de etiquetas manuscritas apresentou riscos de erro e lentidão. Soluções como OCR (Optical Character Recognition) especializado, podem agilizar esse processo de digitalização e assegurar a qualidade dos dados.

Assim, embora a adoção do DwC tenha fortalecido a inserção da CZDP em redes científicas globais, a experiência evidencia a necessidade de padrões mais flexíveis para coleções zoológicas. A participação em fóruns como o TDWG (Biodiversity Information Standards) pode contribuir para o desenvolvimento de soluções mais adequadas, enquanto a sistematização dessas lições serve de referência para outras instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação do DwC na CZDP resultou em avanços significativos na organização, padronização e disseminação dos dados biológicos. Apesar dos desafios técnicos, que exigiram adaptações na gestão digital e no armazenamento do acervo, a coleção estruturou um banco de dados alinhado ao padrão internacional, facilitando o acesso às informações e ampliando sua relevância científica para iniciativas de monitoramento e conservação da biodiversidade.

O caso da CZDP exemplifica o potencial transformador da padronização, mostrando como protocolos globais integram coleções regionais a redes de pesquisa de grande escala. Ao mesmo tempo, destaca a necessidade de abordagens flexíveis que conciliem especificidades locais com as demandas da ciência global, promovendo a evolução contínua da gestão de coleções e fortalecendo seu papel na preservação e democratização do conhecimento sobre a biodiversidade.

PALAVRAS-CHAVE

Bases de dados; Biodiversidade; Padronização.

AGRADECIMENTOS

UFDPar/Prex.UFDPar/CZDP

REFERÊNCIAS

MARINONI, L. et al. Introdução e orientações às boas práticas para as Coleções Biológicas Científicas Brasileiras. Curitiba: Sociedade Brasileira de Zoologia, 2024. Disponível em: https://books.scielo.org/id/x9ggq. Acesso em: 2 jul. 2025.

SILVA, D. L. et al. Diretrizes para a Integração de Dados de Biodiversidade. Brasília: MMA, 2015.

SILVA, L. A. E.; CABANILLAS, C. C. Aplicação da mineração de dados na melhoria da qualidade de dados em coleções botânicas, e-Revista Facitec, Brasília, v. 7, n. 01, p. 1-19, 2016. Disponível em: https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/e-revistafacitec/article/view/1792. Acesso em: 2 jul. 2025.

WIECZOREK, J. et al. Darwin Core: An evolving community-developed biodiversity data standard. PLOS ONE, v. 7, n. 1, p. 1-8, 2012. Disponível em:https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0029715. Acesso em: 3 jul. 2025.

Do Silêncio à Voz: O Museu da Resistência como Palavra da Comunidade da Boa Esperança, Teresina Piauí

Vivian Camylly de Melo Santos (UFPI) - vivian.santos@ufpi.edu.br
Vinicius Melquíades dos Santos (UFPI) - vms@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO

"Nas últimas décadas a Museologia tem passado por mudanças teórico metodológicas significativas: a abertura do Museu à sociedade, a descentralização das ações museológicas, o alargamento da noção de patrimônio" (WICHERS, 2010, p. 39). Quando falamos sobre Museu, entendemos que existe uma série de associações que o compõe como: a relação do indivíduo com a materialidade, o espaço que ele se encontra, a memória e afeto que ele traz através dos objetos. Diariamente é notório que eles estão em mudanças constantes para seu desenvolvimento, trazendo histórias significativas sobre as sociedades que o compõe, análises sobre os materiais que estão a amostra, e mais interesses em Museus do presente, um museu que traz a história local das sociedades no presente.

Através da documentação oficial do desenvolvimento da cidade, Teresina é relatada como uma cidade moderna e áreas urbanas, mas é notório que nessas mesmas documentações não relataram que "[...] existe a face da cidade que não é retratada nas mídias, aquela que ao longo dos anos de urbanização foi relegada à margem e à marginalização devido à negligência estatal em favor da concepção planejada da cidade" (Amaranes e Macedo, 2023, p. 218). Na zona Norte de Teresina – PI, na Av. Boa Esperança, foi criado pelos moradores da própria comunidade o Museu da resistência da Boa Esperança, onde surgiu na necessidade de manter sua história e memória, como símbolo de luta e reconhecimento.

Devido essa parte da cidade não ser considerada "moderna", a prefeitura de Teresina junto com o Banco Mundial, criou o Programa Lagoas do Norte (PLN), com o intuito de urbanizar e desenvolver essa parte da Cidade que estava "menos desenvolvida". Há mais de 10 anos a comunidade vem defendendo seu território, e durante esses anos houve diversos impactos negativos para a comunidade, pois seus direitos foram violados pelo PLN, pessoas foram expulsas de suas casas e ocorreu diversas ameaças aos moradores.

Diante disso, o trabalho terá como foco principal a história e a memória que se encontram no Museu da Resistência da Boa Esperança, um espaço livre onde ocorre a troca de saberes entre as comunidades locais e os diversos públicos e interlocutores que querem conhecer esse patrimônio. Os resultados das práticas colaborativas que foram feitas junto à comunidade, foram desenvolvidas no intuito de trazer mais visibilidade para o Museu da Boa Esperança, entender a importância do Museu para os Moradores da Cidade, e romper a barreira de Museus em espaços institucionais.

MATERIAIS E MÉTODOS

A Metodologia desta pesquisa é baseada em marcos teóricos da arqueologia colaborativa e a museologia social, que tem como principal objetivo desenvolver pesquisas que respeitem as demandas das comunidades envolvidas e seus bens culturais, promovendo sua participação ativa como protagonistas de suas próprias histórias.

A pesquisa foi realizada através do GEEPP - Grupo de Estudos e Extensão Pedagogias Para os Patrimônios, onde semanalmente nos reunimos para discutir maneiras de ajudar a comunidade (quando ela precisa) e através dessas reuniões, fazemos cronogramas mensais para discutir a data que vamos realizar essas ações sociais e educação, junto com a comunidade a partir de sua demanda de trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da atuação conjunta entre o Museu da Resistencia da Boa Esperança e o Grupo de Estudos e Extensão Pedagogias Para os Patrimônios (GEEPP), é perceptível a troca de saberes que ocorre, onde sempre está ocorrendo um diálogo entre ambas. É importante destacar que, muitas das vezes, aprendemos mais com a comunidade do que ela conosco, o que mostra que seus conhecimentos são mais transformadores.

Durante a realização das atividades do GEEPP, aprendemos que o museu sendo uma construção coletiva, surge como resposta contra à marginalização histórica que ocorreu. Tratando-se de um Museu vivo, as práticas sociais, saberes e cultura são constantemente compartilhadas. A partir dos registros presente no local, como fotografias, histórias orais e objetos do cotidiano, isso revela o patrimônio que essa comunidade carrega. Assim, essa musealização amplia o conceito do que chamamos de patrimônio, ampliando assim, área de conhecimento da ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se, portanto, que as práticas colaborativas que estão sendo desenvolvidas juntamente com a comunidade, reafirmando que os museus precisam constantemente de mudanças, inserção social, e novos meios de contar as histórias do presente, incluindo aqueles que são silenciados. O projeto de pesquisa continua ativo, e tem objetivos maiores a se alcançar como: trazer meios de visibilidade maior para o Museu. Diante disso, o Museu da Resistência é um local simbólico de (re)existência, onde a memória se torna história e um território se torna um símbolo de luta.

PALAVRAS-CHAVE

Museu da Resistência da Boa Esperança. Museologia Social. Luta. Memórias

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Comunidade da Boa Esperança, por nos ensinar o verdadeiro significativo de patrimônio. E agradeço ao Grupo de Estudos e Extensão Pedagogias Para os Patrimônios (GEEPP).

REFERÊNCIAS

AMARANES, Douglas Pinheiro; MACEDO, João Paulo Sales. Quilombo da Boa Esperança: a ancestralidade que se recusa a queimar. Odeere, v. 8, n. 3, p. 217-234, 2023.

FERREIRA, Gianne Carline Macedo Duarte; LIMA, Maria da Vitória Barbosa. Museu Virtual da Boa Esperança: histórias e memórias. REVISTA DELOS, v. 17, n. 61, p. e2594-e2594, 2024.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico:(des) caminhos da prática brasileira. Lisboa: Tese (Doutorado), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Departamento de Museologia, 2010.

Memória e Patrimônio Amazônico: criação da Cartilha Educacional para o MUFPA

Raul de Azevedo Carvalho (UFPA) - raulcarvalho@ufpa.br
Raquel do Rosário de Figueiredo Cunha (UFPA) - raquelacademic19@gmail.com
Wanderson Amorim Costa (UFPA) - wandersonamorim@ufpa.br
Luiz Tadeu da Costa (UFPA) - luiztadeu@ufpa.br

INTRODUÇÃO

O Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), instalado no histórico Palacete Augusto Montenegro, dedica-se à preservação e valorização do patrimônio cultural amazônico por meio de um acervo diversificado — composto por pinturas, esculturas, fotografias, objetos e documentos — que dialoga com a memória regional e reafirma seu papel como guardião da cultura local (Souza, 2018; Britto, 2019).

Na condição de museu universitário, o MUFPA articula pesquisa, ensino e extensão, fomentando a democratização do conhecimento e inspirando novas reflexões sobre identidades e tradições amazônicas. No entanto, a carência de materiais didáticos direcionados a públicos variados tem limitado o engajamento e a fruição plena desse espaço cultural.

Para superar esse desafio, desenvolveu-se um projeto de extensão que propõe a criação de uma cartilha educacional inédita, concebida para apresentar a trajetória do museu, seu acervo e seu contexto patrimonial de forma acessível, atraente e inclusiva. Ao disponibilizar um guia ilustrado e linguajar adaptado a diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, pretende-se ampliar o alcance do MUFPA, consolidando-o como um polo de inclusão, reflexão e valorização do patrimônio amazônico.

Dessa forma, a iniciativa reforça não apenas o compromisso institucional com a educação e a cultura, mas também a responsabilidade social da universidade em promover instrumentos de mediação que aproximem a comunidade acadêmica e a sociedade em geral da riqueza histórica e artística da Região Amazônica.

MATERIAIS E MÉTODOS

A elaboração da cartilha educacional apoiou-se em pesquisa qualitativa exploratória, embasada principalmente por Santos (2016) e nos princípios da educação patrimonial e da comunicação patrimonial. Primeiro, revisaram-se documentos institucionais — relatórios, catálogos, roteiros pedagógicos e registros fotográficos — para mapear narrativas consolidadas e identificar lacunas informacionais.

Paralelamente, foram aplicados questionários aos visitantes para identificar quais aspectos despertavam maior interesse durante a visita ao museu, que tipo de informações eles gostariam de conhecer mais sobre o MUFPA e seu acervo, e que sugestões tinham para aprimorar a sinalização, os conteúdos expostos e a experiência geral no espaço. Na fase de observação de campo, mapeou-se a disposição do acervo, fotografaram-se vitrines e painéis, anotaram-se fluxos de circulação, pontos de aglomeração e avaliaram-se, in loco, a legibilidade de textos, legendas e setas.

Esses dados — organizados em matrizes temáticas que englobam história institucional, mediação cultural, expectativas do público e diretrizes de design instrucional — foram analisados de forma interpretativa, com foco na seleção dos conteúdos mais relevantes para diferentes perfis e na avaliação da acessibilidade comunicacional (legibilidade tipográfica, uso de descrições alternativas e adequação de linguagem).

Por fim, redigiram-se os textos definitivos e desenhou-se o projeto gráfico digital, com diagramação responsiva e paleta visual alinhada à identidade do MUFPA. A cartilha foi então disponibilizada nas plataformas online do museu, consolidando-se como um instrumento de mediação capaz de ampliar o engajamento de públicos diversos e valorizar o patrimônio amazônico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicam que a cartilha educativa do MUFPA alcançou plenamente seus objetivos, promovendo maior clareza informativa e envolvendo diferentes perfis de público. O diagnóstico inicial revelou que estudantes e docentes encontravam dificuldade em acessar rapidamente dados históricos e contextuais das peças, enquanto o público geral sentia falta de um material de apoio que aliasse precisão textual a uma apresentação visual atraente.

Com base nesses achados, a cartilha foi organizada de forma que abrangesse a trajetória do museu, sua tipologia de acervo e aspectos do patrimônio material amazônico, buscando responder diretamente às demandas dos usuários, destacando informações de maior interesse e reforçando pontos de engajamento identificados nos questionários.

A adoção do formato digital ampliou significativamente o alcance da cartilha, permitindo sua integração em diversos projetos de extensão universitária e facilitando atualizações contínuas e compartilhamento rápido. O método de desenvolvimento — que uniu pesquisa documental, aplicação de questionários e observação de campo — resultou em um protocolo flexível e replicável, útil para outras instituições que desejem aprimorar a educação patrimonial de seus espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente que a cartilha educativa do MUFPA cumpriu com êxito seu propósito de tornar o espaço museológico mais acessível e atraente, funcionando como uma ponte eficiente entre o acervo do museu e públicos de diferentes perfis. Por oferecer informações históricas e contextuais de forma clara, o material permite que educadores, estudantes e visitantes acessem conteúdos de maneira rápida e intuitiva.

PALAVRAS-CHAVE

MUFPA. Educação patrimonial. Mediação cultural. Patrimônio cultural amazônico. Cartilha educativa.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Pró-Reitoria de Extensão da UFPA pelo apoio institucional e pelo deferimento da bolsa de extensão que viabilizou a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

BRITTO, R. M. de. Entre tempos e memórias: o museu da Universidade Federal do Pará. 2019.
SANTOS, R. A Museologia Contemporânea e a Educação Patrimonial. Porto Alegre: Editora Cultural, 2016.
SOUZA, T. Palacete Augusto Montenegro: História e Preservação. Belém: Editora Amazônica, 2018.

A Função Educativa nos Museus: A Experiência do MAUC

Ruth Milla Gomes da Silva (UFC) – ruthmilla@alu.ufc.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa o desenvolvimento da função educativa dos museus, que inicialmente eram espaços de contemplação voltados às elites. Nacionalmente, a criação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), de 2010 a 2017, marcou o avanço das práticas educativas nas instituições museológicas brasileiras. Tomando, a partir disso, a experiência do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), fundado em 1961, como primeiro museu universitário do estado, que constituiu sua função educativa desde sua fundação.

Este trabalho busca compreender, como a função educativa dos museus evoluiu historicamente e como ela se materializa nas práticas contemporâneas, tendo como paradigma a trajetória do MAUC, destacando o papel do educador e da educação museal como agente de transformação e construção de saberes.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa foi realizada por meio da pesquisa bibliográfica e relato de experiência no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC). Foram utilizados documentos institucionais como o texto da Política Nacional de Educação Museal (PNEM) e informações institucionais fornecidas pelos meios de comunicação digitais oficiais do MAUC. A pesquisa bibliográfica abrangeu autores do campo da educação museal e da museologia.

O relato de experiência se refere a prática da pesquisadora como educadora museal voluntária no Núcleo Educativo do MAUC, no projeto “Educação Museal para todos os públicos”, entre 2024 e 2025. Tendo como parâmetro as mediações realizadas na sala de Cultura Popular e na sala Descartes Gadelha, registrando e refletindo acerca das práticas educativas adotadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa se debruça em analisar o surgimento da função educativa dos museus, que nem sempre foi um aspecto central no campo museológico. A princípio, no século XIX, os museus eram consagrados como espaços passivos de acúmulos de objetos, destinados a afirmar os ideais de Estado-nação e destinados, sobretudo, às elites (SARDELICH, 2017, p.109). No entanto, houve transformações ao longo do tempo, mundial e nacionalmente, fomentadas por encontros, seminários e políticas públicas, que ampliaram a dimensão educativa dos museus. No Brasil, é tida como marco, a criação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM) (IBRAM, 2018), resultado de encontros organizados pelo IBRAM entre 2010 e 2017. Consistindo em uma política que reforça a função educativa dos museus, a PNEM previa criação, dentro dessas instituições, de setores educativos, desenvolvimento de programas educativos e o reconhecimento da educação como parte essencial da atuação museológica.

Tendo em vista esse panorama de transformações significativas, se faz importante também refletir como essas concepções se materializam nas práticas cotidianas das instituições museais, tomando como exemplo o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC). Fundado em 1961, pelo então reitor Antônio Martins Filho, “se consagra como a primeira instituição museológica no campo das artes plásticas e o primeiro museu universitário do estado do Ceará” (MAUC, 2018). Desde sua fundação, o museu já apresentava preocupações com a função educativa, conforme estabelece a Resolução nº 104, de 18 de julho de 1961 de criação do museu, que previa a execução de exposições, cursos, palestras, preservação e incentivo às artes plásticas no Ceará (SIQUEIRA et al., 2021, p.93).

Consequentemente, antes da constituição do Núcleo educativo, o museu já implementava práticas educativas por meio dos chamados “guias”, cuja função, Rita Araújo desempenhava ao conduzir visitas e mediações. A criação, em 2019, do Núcleo Educativo do MAUC (NEMauc) foi um marco na consolidação com a educação museal nesse espaço, se alinhando à Política Nacional de Educação Museal (PNEM) (IBRAM, 2018), que visa a existência de setores educativos estruturados e equipes multidisciplinares. Atualmente, o NEMauc possui uma equipe de bolsistas de diversas áreas e programas responsáveis ela mediação das salas expositivas. Assim, mesmo antes da consolidação do NEMauc, o MAUC já se fazia compromissado com o conhecimento e com a função educativa de um museu.

A respeito da minha experiência no MAUC, que foi iniciada em 2022 no seu Arquivo Institucional até 2024, onde adentro como educadora museal no Núcleo Educativo, projeto “Educação Museal para todos os públicos”. A relação direta com os visitantes me concedeu vivências práticas de mediação educativa, especialmente nas salas de Cultura Popular e Descartes Gadelha, onde foi perceptível o potencial do museu como espaço de reflexão e construção de conhecimentos. Tais experiências

comprovaram para mim o pensamento de Maria da Graça J. Setton (2017, p. 05): “a educação museológica seria sua capacidade de apresentar, a partir de estímulos diversos, uma realidade de cultura diferente daquela a que temos acesso cotidianamente.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho alcançou o objetivo de analisar o desenvolvimento da função educativa dos museus e sua materialização no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC). Ficou evidente que apesar dos museus terem surgido inicialmente como espaços passivos destinados a poucos, a sua função educativa foi fortalecida ao decorrer do tempo, principalmente com o apoio da Política Nacional de Educação Museal (PNEM).

Foi demonstrado que, no MAUC, o compromisso com a educação museal se constitui desde sua fundação e é firmado com a criação do Núcleo Educativo, onde a prática de mediação educativa sempre se mostrou fundamental para a construção de conhecimentos dos visitantes.

Por fim, o trabalho conclui que a função educativa é essencial para os espaços museológicos, pois promove diálogo, reflexão crítica e construção de saber, e assim reafirma sua relevância na formação de uma sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Educação museal. MAUC. Mediação.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, IBRAM. Caderno Política Nacional de educação Museal (PNEM). Brasília, DF: IBRAM, 2018. 132p

MAUC. Breve histórico do Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC. 2018. Disponível em: <https://mauc.ufc.br/pt/nucleo-educativo/sobre/>. Acesso em: 19 maio. 2025.

SARDELICH, M. E. Desafios contemporâneos para a educação museal. Interfaces da Educação, Paranaíba, v. 8, n. 23, p. 182-207, 2017.

SIQUEIRA, G. K.; CORREIA, H. C. R. de O.; MORENO ROCHA, S. Modelos de Gestão no Museu de Arte da UFC (1961-2021). In: FÓRUM DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, 6., 2021, Curitiba. Anais. Curitiba: Ed. UFPR, 2022, v. 1. p. 93-103.

.SETTON, M. G. J.; OLIVEIRA, M. M. de. Os Museus como Espaços Educativos. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 33, p. 1-23, 2017.

Memória e Matéria: Triagem e Registro da Coleção do Departamento de Patologia da FMUSP

Gabriel Henrique Rodella Guedes (LIM05 HCFMUSP)
José Guilherme Veras Closs (LIM05 HCFMUSP)
Mariana Matera Veras (LIM05 HCFMUSP)

INTRODUÇÃO

O projeto versa sobre a triagem e descrição técnica de corações humanos pertencentes à Coleção de Espécimes de Anatomia Patológica do Departamento de Patologia da FMUSP (CEAP-FMUSP), para registro no Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (INBCM). Cada espécime possui laudo de autópsia histórico, permitindo a comparação entre diagnósticos de época e práticas contemporâneas de catalogação e preservação.

MATERIAS E MÉTODOS

O trabalho foi realizado a partir da triagem de 200 corações humanos fixados em formol pertencentes à Coleção de Espécimes de Anatomia Patológica do Departamento de Patologia da FMUSP. Cada peça foi analisada individualmente, sendo identificada, fotografada e descrita tecnicamente conforme os campos do INBCM. As informações foram cruzadas com os respectivos laudos de autópsia originais do contexto de produção de cada espécime, permitindo a recuperação de dados diagnósticos históricos. A documentação seguiu critérios museológicos e éticos vigentes, com ênfase na padronização descritiva e preservação do acervo, além da aplicação da política de aquisição e descarte do regimento interno da CEAP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final do processo de triagem, 105 corações foram descartados e 95 espécimes foram mantidos e incorporados definitivamente à Coleção de Espécimes de Anatomia Patológica do Departamento de Patologia da FMUSP. As principais justificativas para o descarte incluíram a saturação da capacidade de guarda da reserva técnica e as condições precárias de preservação apresentadas por grande parte dos remanescentes (Fig. 1).

Figura 1 - Exemplos de corações da coleção



Fonte: CEAP-FMUSP, 2025
Legenda: À esquerda, um coração humano com as estruturas internas do coração, mais especificamente as Fibras de Purkinje, danificadas. À direita, um coração com as mesmas estruturas preservadas.

Os 95 corações selecionados foram descritos e registrados conforme os parâmetros do Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (INBCM). Dentre eles, foram identificadas quatro patologias principais representadas no conjunto. Para aprofundar a análise histórica e diagnóstica, quatro espécimes – um de cada patologia – foram selecionados para comparação entre os laudos de autópsia originais e diagnósticos à luz do conhecimento biomédico atual.

Como próximos passos, prevê-se o desenvolvimento de diagnósticos diferenciais com base nas imagens e descrições atualizadas, bem como a virtualização das peças por meio de técnicas de fotogrametria e modelagem 3D. A proposta visa ampliar o acesso ao acervo, garantir sua preservação digital e fomentar estudos interdisciplinares que envolvam história da medicina, museologia e bioética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos propostos foram plenamente atendidos, com a triagem criteriosa e a incorporação de 95 corações humanos à Coleção de Espécimes de Anatomia Patológica da FMUSP, conforme os parâmetros do INBCM. O processo evidenciou a relevância histórica, científica e museológica do acervo, cuja origem remonta a laudos de autópsia com até um século de antiguidade.

O projeto reafirma o potencial dessa coleção para estudos interdisciplinares envolvendo anatomia patológica, história da medicina, museologia e bioética. Ao integrar práticas de documentação museológica e análise diagnóstica, abre-se um campo fecundo para pesquisas comparativas, ações educativas e iniciativas de preservação digital.

A valorização e o uso ético do acervo não apenas garantem sua permanência institucional, mas também promovem sua reinterpretação crítica, alinhada aos princípios de responsabilidade científica e patrimonial contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Triagem; Remanescentes Humanos; Corações; Anatomia Patológica.

AGRADECIMENTOS

FMUSP, CNPQ, FAPESP, USP

REFERÊNCIAS

Closs, J., Veras, M., & Lima, J. (2023). Entre objetos e vidas: Explorando a Ética em Museus e Coleções de Patologia. Cadernos De Sociomuseologia, 66(22), 49-58. https://doi.org/10.36572/csm.2023.vol.66.06

Closs JGV. Conservá-las em museus quando de interesse scientifico: a coleção de remanescentes humanos na trajetória do Museu Técnico Científico do Instituto Oscar Freire (MTCIOF). Saúde ética justiça [Internet]. 29º de dezembro de 2023 [citado 25º de maio de 2025];28(2):1-18. Disponível em: https://revistas.usp.br/sej/article/view/223023

KENWRIGHT, D.; FELDERHOF, J.; WOOD, J.; CHARLTON, A.; NGA, M. E.; DAI, A. Cost-Effective Generation of 360° Rotational Pathology Specimens. Medical Science Educator, 27(1), 113–117. 2016. doi:10.1007/s40670-016-0356-2

TURCHINI, J.; BUCKLAND, M. E.; GILL, A. J.; BATTYE, S. Three-Dimensional Pathology Specimen Modeling Using “Structure-From-Motion” Photogrammetry: A Powerful New Tool for Surgical Pathology. Archives of Pathology & Laboratory Medicine. 2018. doi:10.5858/arpa.2017-0145-oa

WATERS, B. L. Handbook of autopsy practice. 4a ed. Nova Jersey: Humana Press; Springer, 2009.

Gênero e sexualidade: um retrato da inclusão no MHNCE

Leonny Gomes Leal (UFC/MHNCE) - leonnyleal@alu.ufc.br
Lidia Silva de Lima (MHNCE/UECE) - llidyllimma@gmail.com
Thabata Cavalcante (UFPE/MHNCE) - thabata.cavalcante@ufpe.br
Ivina Castro Beserra (UNILAB/MHNCE) - ivinabeserra@aluno.unilab.edu.br
Rodrigo Castellari Gonzalez (MHNCE/UECE) - rodcastgon@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os Museus têm um papel fundamental na pesquisa, ensino e extensão, sendo assim, devem ser naturalmente abertos e acessíveis a todos os tipos de pessoas independentes das suas origens, individualidades e condições (Brasil, 2009; Eardley e Jones, 2025). As atividades dentro de um MHN têm o potencial para transformar a vida das pessoas, pois atuam como fontes geradoras de conhecimento, que funcionam como espaços de pesquisa, educação não-formal, e também de socialização e lazer (Brasil, 2009; Ibram, 2016). Assim, o papel do museu só é completo, coerente e útil à sociedade se não houver discriminação dos seus atores quanto a seus atributos pessoais, garantindo que ele seja de fato a "casa de todos" (Sarraf, 2022). O Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha (MHNCE), da Universidade Estadual do Ceará, está localizado no município de Pacoti, CE, Brasil. Atualmente, o MHNCE conta com um acervo de mais de 15 mil espécimes, cuja manutenção só é possível graças a um grande grupo de profissionais, que trabalham voluntária e ativamente na manutenção das coleções. Dados o tamanho e heterogeneidade da equipe, criou-se a necessidade de se conhecer seu perfil, de modo a promover e garantir uma inclusão cada vez mais efetiva e acolhedora para todos. O objetivo deste estudo é analisar o perfil da equipe do MHNCE quanto aos seus atributos pessoais de modo a conhecer sua diversidade e garantir formas de inclusividade presente e futura.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo é uma pesquisa de natureza quantitativa, onde buscamos analisar a composição da equipe de voluntários do MHNCE, no que se refere à inclusão social nos seus diferentes aspectos. Para isto, elaboramos um formulário na plataforma do Google Forms com duas perguntas de múltipla escolha acerca de informações relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual. Este formulário foi encaminhado para os membros (curadores, colaboradores e voluntários) dos diferentes setores da instituição via grupos de WhatsApp. Ao final do formulário o participante declara a confirmação do uso dos dados para realização desta pesquisa. Os dados coletados foram tabulados em uma planilha do Excel gerada automaticamente pelo Google Forms, e que ficará sob responsabilidade dos autores, sob necessidade de confidencialidade. Para analisar os dados, quantificamos as respostas em porcentagens e apresentamos em forma de gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obtivemos um total de 47 respostas ao formulário online. Em relação à identidade de gênero, a diversidade na equipe do MHNCE é expressa da seguinte maneira: 57,4% dos respondentes identificam-se como mulheres cisgênero (n = 27), 40,4% identificam-se como homens cisgênero (n= 19) e 2,1% identifica-se como pessoa nâo-binária (n=1).

Apesar dos resultados positivos quanto à representação feminina na equipe do MHNCE, a desigualdade de gênero ainda é uma realidade no meio científico, muito embora tenham sido alcançados diversos avanços (Cunha; Dimenstein; Dantas, 2021). Além disso, homens tendem a alcançar posições altas em menos tempo nas universidades brasileiras do que mulheres, apesar da maioria feminina no ensino superior (Tonelli; Zambaldi, 2018).

Com relação a pessoas não-binárias, ainda há pouca representatividade e carência de bibliografia dedicada a abordar os desafios e implicações no mercado de trabalho, especialmente no meio científico. Isso reflete diretamente as características da sociedade contemporânea construída com base numa visão binária de gênero que, geralmente, tende a marginalizar o que desvia disso (Galvão; Nova; Círico, 2025).

Em relação à orientação sexual, 53,2% são heterossexuais (n =25), 29,8% são bissexuais (n=14), 10,6% são homossexuais (lésbicas ou gays) (n=5), 4,3% são panssexuais (n=2) e 2,1% declarou-se demissexual (n=1). Esses números revelam um padrão observado na sociedade brasileira em que a heteronormatividade predomina com 94,8% da população, seguida de homossexuais, bissexuais e demais categorias da comunidade LGBTQIAPN+ (IBGE, 2022).

Isto se reflete na esfera científica, onde o acesso de pessoas LGBTQIAPN+ ainda é um grande desafio, em decorrência da escassez de políticas públicas para a inserção destes, gerando pouca representatividade nestes espaços (Torres, 2024). Um estudo realizado por Kottler, Shanebec, Collinge (2023), mostrou que cientistas LGBTQIAPN+ enfrentam desvalorização profissional, assédio e limitações quando comparados a colegas cisgenero/heterossexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos resultados, mesmo que incipientes, retratam uma importante diversidade presente no quadro profissional do MHNCE. A presença de minorias nesses espaços quebram paradigmas de preconceitos estruturais, proporcionando uma ciência inclusiva e representativa. Ter esse panorama é fundamental para a aplicação e ampliação das políticas de inclusão da instituição.

PALAVRAS-CHAVE
Inclusão; Diversidade; Museus de História Natural

AGRADECIMENTOS
Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (número do processo: 07321726/2023).

REFERÊNCIAS
BRASIL. LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2009. Disponível em: https://www.planalto.go v.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 23 mai. 2025.
CUNHA, R., DIMENSTEIN, M., DANTAS, C. Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq. Saúde debate. Rio de Janeiro, v. 45, n. Especial 1, p. 83-97, out. 2021
EARDLEY, A. F.; JONES, V. E. (ed.). The Museum Accessibility Spectrum: Re-imagining Access and Inclusion. New York: Routledge, 2025. Disponível em: www.taylorfrancis.com. Acesso em: 24 mai. 2025.
GALVÃO, A. A.; NOVA, S. P. de C. C.; CÍRICO, J. Pessoas não-binárias no mercado de trabalho: uma revisão integrativa da literatura. Revista Catarinense da Ciência Contábil, [S. l.], v. 24, p. e3618, 2025. Disponível em: https://revista.crcsc.org.br/index.php/CRCSC/article/view/3618. Acesso em: 25 mai. 2025.
IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Orientação sexual autoidentificada da população adulta. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizac ao/livros/liv101934.pdf. Acesso em: 25 mai. 2025.
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). Subsídios para a elaboração de planos museológicos. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus – Ibram, 2016. 112 p.: il. Disponívell em: https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/subsidios-para-a-elaboracao-de-planos-museologicos/view. Acesso em: 24 mai. 2025.
KOTTLER, E. J., SHANEBECK, K. M., COLLINGE, S. K. Allyship requires action. Frontiers in Ecology and the Environment, v. 21, n. 4, p. 163-163, 2023.
SARRAF, V. Museus para a Igualdade – Diversidade e Inclusão Como as premissas da Acessibilidade Cultural corroboram com a Função Social dos Museus. Cadernos de Sociomuseologia, v. 63, n. 19, p. 21-30, 24 Jun. 2022. Disponível em: https://revistas.ulusofona. pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/8289. Acesso em: 23 mai. 2025.
TONELLI, M. J.; ZAMBALDI, F.. WOMEN IN SCIENCE. Revista de Administração de Empresas, v. 58, n. 2, p. 114–115, mar. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/6wrFsbQbmkJGJ4 9SQvwmBhC/?lang=pt. Acesso em: 25 mai. 2025.
TORRES, C. I. O. Uma Trans-Formação na ciência é possível? Desafios da Comunidade transgênero nos espaços acadêmicos. 2024. In: Araujo, J. F. (Org.) A questão de gênero no fazer ciência - Palavras de jovens mulheres cientistas. Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Criação da Coleção Ictiológica do Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha/UECE

Ana Beatriz Rodrigues Monteiro (UFC) - beatrizmonteiro0520@alu.ufc.br
Antonio Alyson Ripardo de Lima e Silva (UFC) - alysonripardo@alu.ufc.br
Lilian Glória Xavier (UFC) - liliangloriaxavier@gmail.com
Marco Aurélio Crozariol (UECE) - marcocrozariol@gmail.com
Vicente Vieira Faria (UECE) - vicentefaria@ufc.br

INTRODUÇÃO

Coleções biológicas são um conjunto de organismos, ou partes destes, preservados fora do ambiente natural (Aranda, 2014). Estas coleções podem se apresentar de diversas formas, como coleções microbiológicas, botânicas/herbários e zoológicas, incluindo as ictiológicas, que focam na preservação de peixes. Nesse contexto, o Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha (MHNCE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), surgiu de uma parceria entre esta instituição, o Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e a Secretaria da Cultura do Ceará, com o objetivo de fortalecer a produção de ciência para o estado do Ceará, além da integração entre a comunidade científica e a população. Dentre os grupos taxonômicos depositados no MHNCE, um pequeno acervo ictiológico, utilizado nas exposições, não havia ainda passado por procedimentos de curadoria. Portanto, o presente estudo teve como objetivo a criação formal da Coleção Ictiológica do Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha.

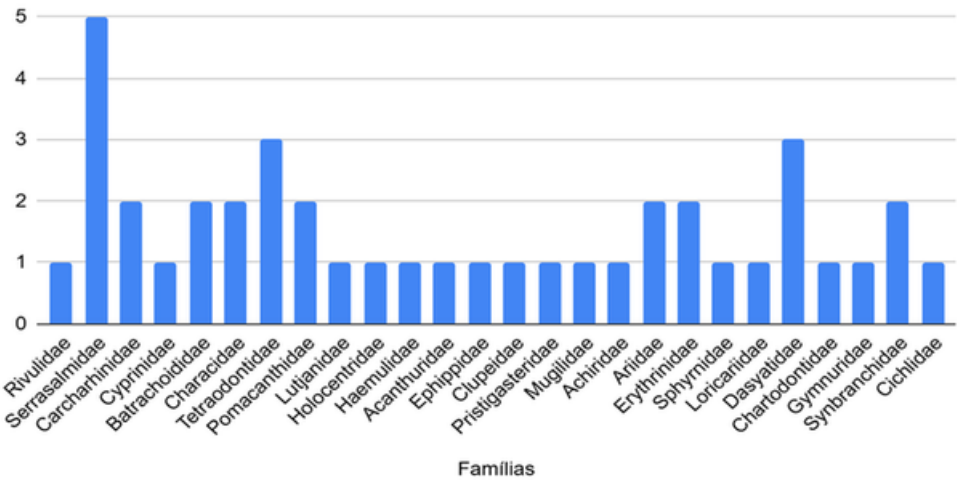
MATERIAIS E MÉTODOS

O processo da criação da coleção se deu com a triagem do material biológico que já estava no local, seguido pela manutenção e limpeza dos exemplares. Foi feita a identificação dos lotes e o tombamento em um sistema de armazenamento digital compartilhado, o livro de tombo. Para a preparação dos exemplares em via seca foram utilizados dois métodos: a taxidermia, conforme descrito por Auricchio & Salomão (2002), e a limpeza e secagem em estufa de partes duras orientada por curadores do museu.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Coleção Ictiológica do MHNCE possui 43 lotes tombados, sendo 36 de Actinopterygii e 7 de Elasmobranchii. Os exemplares estão distribuídos em 15 ordens e 2 famílias, sendo a ordem Characiformes e a família Serrasalmidae as mais representativas (Figura 1). Quatro lotes tombados foram preservados a seco para sua utilização em atividades expositivas: taxidermia da piranha Serrasalmus brandtii (MHNCE-ICT 028) (Figura 2); limpeza e secagem de dentes e vértebras de Carcharhinus cf. leucas (MHNCE-ICT 032); esqueleto do bagre Sciades proops (MHNCE-ICT 030); e arcada de Sphyrna cf. lewini (MHNCE-ICT 031) (Figura 3). Todos os dados de tombo foram organizados num sistema compartilhado online, usando o programa Excel. Os exemplares foram, em grande maioria, coletados no Ceará, trazendo uma maior conexão da população com a fauna local.

Figura 1: Distribuição do número de lotes por família na Coleção Ictiológica do MHNCE.



Fonte: Autora

Figura 2: Processo de taxidermização de exemplar de Pirambeba, Serrasalmus brandtii (à esquerda, início do processo; à direita, etapa final) (MHNCE-ICT 028).



Fonte: Autora

Figura 3: Limpeza e secagem da arcada de Sphyrna cf. lewini (MHNCE-ICT 031).



Fonte: Autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação da coleção ictiológica foi de muita relevância para a ampliação do acervo do MHNCE, permitindo que o inventário de espécimes do museu tenha maior detalhamento além de facilitar o acesso de pesquisadores ao acervo.

PALAVRAS-CHAVE

Coleção Zoológica. Coleção Ictiológica. Didática. Museu.

AGRADECIMENTOS

A Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) forneceu apoio ao MHNCE-UECE.

REFERÊNCIAS

ARANDA, A. T. Coleções Biológicas: Conceitos básicos, curadoria, gestão, interface com a biodiversidade e saúde pública. In: III Simpósio sobre a Biodiversidade da Mata Atlântica, 2014, p. 45–56.

AURICCHIO, P. ; SALOMÃO, MG. (Orgs.), 2002: Técnicas de coleta e preparação de vertebrados para fins científicos e didáticos. Instituto Pau Brasil de História Natural, São Paulo.

SÁNCHEZ BOTERO, J. I.; LOURENÇO, R. C. G.; PINTO, L. M.; LEITÃO, R. P.; NOVAES, J. L. C.; RAMOS, T. P. A.; RODRIGUES FILHO, C. A. S.; BEZERRA, L. A. V.; SILVA, L. M. J. S.; GARCEZ, D. S. Peixes Estuarinos da Costa Semiárida do Brasil: Guia Ilustrado. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2023. v. 1. 184 p.

SOUZA, L. G. X. Peixes marinhos e estuarinos do Ceará e seu estado de conservação. 2022. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Marinhas Tropicais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Marinhas Tropicais, Instituto de Ciências do Mar - LABOMAR, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

Coleções científicas de invertebrados da Universidade Federal do Ceará: testemunhos da biodiversidade regional

Cristiane Xerez Barroso (UFC) - barrosocx@ufc.br
Helena Matthews-Cascon (UFC) - hmc@ufc.br

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, observa-se um crescente número de estudos utilizando dados oriundos de museus de história natural e coleções científicas, oferecendo conhecimentos que podem ser aplicados para a conservação da biodiversidade (Pyke; Erlich, 2010). Entretanto, informações associadas a espécimes depositados nesses acervos permanecem subutilizadas, perante a capacidade de revelar padrões espaço-temporais ainda não observados (Meineke et al., 2018).

A perda e a redistribuição da biodiversidade em diferentes escalas, promovidas pela atual crise climática, têm afetado de modo irreversível o funcionamento dos ecossistemas e o bem-estar humano (Pecl et al., 2017). Uma vez que abrigam grande quantidade de dados de biodiversidade de locais e períodos específicos, as coleções científicas podem auxiliar na compreensão dos impactos da crise climática (Meineke et al., 2018), sendo atualmente reconhecidas como uma das melhores ferramentas para medir e entender os impactos antrópicos ao longo do último século.

O Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará (DB - UFC) abriga atualmente três coleções de invertebrados: 1) Coleção de Invertebrados Marinhos, 2) Coleção Carcinológica e 3) Coleção Malacológica Prof. Henry Ramos Matthews - Série B. Com o objetivo de contribuir com o conhecimento das coleções científicas biológicas do Brasil e, consequentemente, da biodiversidade brasileira, o presente estudo traz dados quali-quantitativos dos acervos de três coleções científicas de invertebrados presentes no DB - UFC.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os dados sobre o número total de lotes e a origem geográfica e o modo de conservação dos exemplares depositados na Coleção de Invertebrados Marinhos, Coleção Carcinológica e Coleção Malacológica Prof. Henry Ramos Matthews - Série B (DB - UFC) foram obtidos através da análise dos respectivos livros de tombo digitais realizada durante o mês de março de 2025. Em relação à origem geográfica, foram considerados os países nos quais os espécimes foram coletados e, caso fossem oriundos do Brasil, foram analisados também seus estados de origem. O modo de conservação foi categorizado em: via úmida (lotes conservados em álcool etílico 70%) e via seca. Todos os lotes das coleções citados foram previamente revisados durante o ano de 2024, sendo seu status (presente na coleção, perdido por má conservação ou não localizado) adicionado ao livro de tombo digital.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Juntas, as três coleções analisadas possuem 10.364 lotes, sendo 1659 lotes da Coleção de Invertebrados Marinhos, 1.143 da Coleção Carcinológica e 7.562 da Coleção Malacológica Prof. Henry Ramos Matthews - Série B (CMPHRM-B).

A Coleção de Invertebrados Marinhos compreende representantes de Porifera (414 lotes), Cnidaria (180 lotes), Bryozoa (476 lotes) e Echinodermata (589 lotes). O acervo de Porifera possui lotes conservados em sua maioria em via úmida (87% dos lotes). Vinte e dois lotes (5,3%) foram perdidos por má conservação do material biológico. Todos os exemplares desta coleção foram coletados em áreas marinhas brasileiras (75% oriundos do Ceará, nordeste do Brasil), com exceção de um lote coletado em água doce no Pará (norte do Brasil) e um lote da Antártida. A coleção de Cnidaria também possui lotes conservados em sua maioria em via úmida (86%), com dois lotes não localizados durante a última revisão. Assim como Porifera, os exemplares de Cnidaria são oriundos de áreas marinhas continentais e insulares brasileiras (77% do litoral cearense), com exceção de dois lotes coletados em Cabo Verde. Os exemplares de Bryozoa foram todos coletados em regiões costeiras e insulares do Brasil (81,5% do Ceará), estando conservados em via úmida. O acervo de Echinodermata é composto por lotes conservados, em sua grande maioria, em via úmida (99,6%), com 66 lotes perdidos por má conservação ou não localizados na última revisão. Os exemplares de Echinodermata são todos oriundos de áreas marinhas continentais e insulares brasileiras (82% do Ceará), com exceção de um lote coletado na Antártida.

A Coleção Carcinológica, assim como as demais coleções já citadas, possui seu acervo conservado em sua maioria em via úmida (99,5%), com 11 lotes perdidos por má conservação e dois lotes doados ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Em relação à origem dos lotes, com exceção de dois lotes (oriundos dos Estados Unidos da América), os exemplares foram coletados em regiões continentais e insulares brasileiras (81% do Ceará).

A CMPHRM-B, a mais antiga (fundada em meados de 1990), está atualmente cadastrada no SiBBr (Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira) e possui lotes de material-tipo (holótipos e parátipos). Neste acervo, 411 lotes foram perdidos por má conservação, não foram localizados na última revisão ou foram doados a outras coleções. Dos lotes depositados atualmente na coleção, 47% estão conservados em via úmida e 53% em via seca. Sobre a origem dos lotes, assim como as demais coleções citadas, a maioria dos lotes é oriunda de regiões continentais e insulares do Brasil (68% do Ceará). No entanto, 136 lotes são oriundos de outros 17 países, além de um lote proveniente da Antártida.

Os dados apresentados mostram que as coleções científicas de invertebrados presentes no DB - UFC abrigam testemunhos importantes da biodiversidade brasileira, de modo semelhante a outros acervos regionais (Gondim et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as coleções de invertebrados do DB - UFC possuem como objetivo principal auxiliar pesquisas científicas, tendo contribuído em 2021 para a elaboração do Inventário da Fauna de Invertebrados do Ceará. Somando-se a isso, esses acervos abrigam exemplares já utilizados em diversos estudos, que resultaram em monografias, dissertações, teses, livros, trabalhos em eventos e artigos científicos. Cumprindo ainda com o objetivo de servir como repositórios de material biológico para pesquisa científica, essas coleções realizam empréstimos, doações e permutas de material para diversas instituições de ensino brasileiras, entre elas o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e Museu Nacional do Rio de Janeiro da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Futuramente, essa missão poderá ser expandida, com a inclusão de projetos de extensão, contemplando assim mais um pilar das Universidades Federais.

PALAVRAS-CHAVE

Acervos. Brasil. Diversidade. Ceará.

REFERÊNCIAS

GONDIM, A.I.; CHRISTOFFERSEN, M.L; DIAS, T.L.P. Catalogue of Sponges, Cnidarians, and Echinoderms From Brazil Based on a Historical Inventory of the Invertebrate Collection Paulo Young (CIPY). TJBC, Istanbul, v. 4, p. 30-63. DOI 10.26650/tjbc.20200099. Disponível em: http://dx.doi.org/10.26650/tjbc.20200099. Acesso em: 10 jul. 2025.

MEINEKE, E.K.; DAVIES, T.J.; DARU, B.H.; DAVIS, C.C. Biological collections for understanding biodiversity in the Anthropocene. Phil Trans R Soc B, London, v. 374, p. 20170386, 2018. DOI 10.1098/rstb.2017.0386. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1098/rstb.2017.0386. Acesso em: 24 abr. 2025.

PECL, G.T.; ARAÚJO, M.B.; BELL, J.D. et al. Biodiversity redistribution under climate change: impacts on ecosystems and human well-being. Science, Washington, v. 355, p. eaai9214, 2017. DOI: 10.1126/science.aai9214. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1126/science.aai9214. Acesso em: 24 abr. 2025.

PYKE, G.H.; EHRLICH. P.R. Biological collections and ecological/environmental research: a review, some observations and a look to the future. Biol Rev Camb Philos Soc, Hoboken, v. 85, p. 247-266, 2010. DOI 10.1111/j.1469-185X.2009.00098.x. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1111/j.1469-185X.2009.00098.x. Acesso em: 24 abr. 2025.

Diagnóstico Microclimático na Conservação Preventiva de Acervos em Museus

INTRODUÇÃO

Anna Laura Canuto Rocha de Andrade (EACH/USP) – annalaura@usp.br

Discussões sobre a gestão dos ambientes em museus vêm ocorrendo de forma sistemática desde a década de 1980, promovendo ações preventivas voltadas à melhoria das condições ambientais, com foco na conservação das coleções. O aprofundamento do conhecimento sobre a influência dos ambientes institucionais no acervo possibilitou o reconhecimento da variedade e das dimensões (micro)climáticas presentes nesses espaços (Cavicchioli, Alegre e Martins, 2017). Os estudos microclimáticos têm viabilizado ações preventivas personalizadas, voltadas à criação de ambientes equilibrados e compatíveis com as necessidades de conservação, respeitando a composição dos materiais, além das condições técnicas e financeiras das instituições (Atikson, 2014). Nas últimas duas décadas, observa-se uma crítica crescente à aplicação de parâmetros padronizados de temperatura e umidade relativa (ICOM, 2014). A replicação indiscriminada desses valores ignora as particularidades institucionais, as limitações operacionais e a diversidade climática regional (Staniforth, 2010; Himmelstain; Appelbaum, 2008). Nesse cenário, especialmente na última década, os museus passaram a incluir em suas agendas temas relacionados à sustentabilidade. Em tempos de mudanças climáticas, nota-se um esforço por práticas mais democráticas, financeiramente viáveis e ambientalmente responsáveis (Saunders, 2008; Cassar, 2009). Assim, esta análise busca contribuir para os debates sobre a qualidade ambiental dos espaços de conservação em museus brasileiros localizados em clima tropical, sob a ótica da sustentabilidade, discutindo criticamente o papel do diagnóstico microclimático para a conservação preventiva, com base em estudos de caso.

MATERIAIS E MÉTODOS

Serão apresentados dados de uma avaliação de parâmetros físico-ambientais de temperatura (T) e umidade relativa (UR) coletados durante o período de um ano em espaços internos de museus do estado de São Paulo com objetivo de discutir o papel do diagnóstico microclimático para a conservação preventiva (Andrade, 2020). Realizou-se a caracterização de espaços no Museu Paulista (MP) e no Museu Casa da Xilogravura (MX) com o tratamento estatístico dos dados coletados e pela comparação com dados externos levantados junto aos órgãos ambientais (INMET e CGE-SP). Visto o aumento do risco de degradação química (DQ), foram executadas simulações simples de diferentes cenários de T e UR durante os meses mais quentes (novembro a fevereiro), para o cálculo de métricas visando leitura quantitativa e comparativa das condições ambientais, de acordo com o Índice de Preservação (IP). Além disso, foi realizada contagem de flutuações de umidade relativa para verificar se, diante das simulações haveria impactos negativos diante do risco de danos mecânicos (DM), segundo a metodologia Camuffo-Pagan (Gonçalves, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No MP há maior influência de T e no MX, de UR. Notou-se que a redução do risco de DQ apresenta melhores resultados quando se efetua restrições simultâneas de T e UR. Viu-se que no MP, o controle mecânico seria tecnicamente mais viável e financeiramente menos onerosa do que no MX por ser um espaço de menores proporções. Ao contrário, no MX, o uso de técnicas passivas seria uma alternativa mais sustentável diante da própria configuração do espaço. Não houve piora do quadro de flutuações em nenhum dos casos. Os resultados e suas interpretações corroboram com a importância do diagnóstico dos espaços de conservação como ferramenta de planejamento de ações preventivas em alternativas às tradicionais abordagens de controle ambiental baseadas no controle térmico, vislumbrando minimização de vulnerabilidades individualizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados e suas interpretações corroboram com a importância do diagnóstico microclimático como ferramenta de planejamento para instituições no âmbito da conservação preventiva. Assim, a gestão ambiental dos espaços é um aspecto importante no horizonte sustentável das práticas operacionais em museus visto a alta demanda de recursos ambientais e financeiros envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE

Museus, conservação preventiva, microclimas, diagnóstico

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. L. C. R de. Sustentabilidade em museus: análise de microclimas em espaços de conservação em instituições de São Paulo. 2020. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

ANDRADE, A. L. C. R de; CAVICCHIOLI, A. Um estudo comparativo da dinâmica microclimática em espaços adaptados para fins de conservação de acervos sob a ótica da sustentabilidade. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 29, p. 1–33, 2021.

ATIKSON, J. K. Environmental conditions for the safeguarding of collections: a background to the current debate on the control of relative humidity nd temperature. Studies in Conservation, v.59, n.4, p.4-9, jan./2014.

CASSAR, M. Sustainable Heritage: Challenges ans Strategies for the Twenty-First Century. Apt Bulletin: The Journal of Preservation Technology, v.40, n.1, p.3-12, 2009.

FRONER, Y. International policies for sustainable development from cultural empowerment. Journal of Cutural Managment and Sustainable Development, v7, n.2, p.208-223, 2017.
GONÇALVES, W. B. Métricas de preservação e simulações computacionais como ferramentas diagnósticas para conservação preveniva de coleções: estudo de caso no Sítio Patrimônio Mundial de Congonhas, 2013. 493. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,2013.
ICOM. Declaration on Environmental Guidelines. ICOM, 2014. Disponível em: < https://www.icom-cc.org/en/environmental-guidelines-icom-cc-and-iic-declaration >. Acesso em: 07 fev. 2024.
SAUNDERS, D. Climate change and museum collections. Studies in Conservation, London, v. 53, n. 4, p. 287-297, 2008.
STANIFORTH, S. Environmental condictions for the safeguarding of collections: future trends. Studies in Conservation, v.59, n.4, p.213-217,2014.

Diversidade e Representatividade Espacial dos Anfíbios da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba

Sofia Holanda Carvalho (UFDPar) - hc36475ys@gmail.com
Carlos Germano Vieira de Brito (UFDPar) - germanoufdpar@gmail.com
Wanderson Braga Franco (UFDPar) - wandersonbraga146@gmail.com
Isann Carvalho de Oliveira (UFDPar) - Isanncarvalho@gmail.com
Pedro Bastos de Macêdo Carneiro (UFDPar) - pedrocarneiro@ufdpar.edu.br

INTRODUÇÃO

A Coleção Zoológica Delta do Parnaíba (CZDP) constitui importante patrimônio científico no litoral piauiense, consolidado através de coletas sistemáticas que ampliam o conhecimento sobre a fauna regional. O acervo de anfíbios destaca-se como valiosa fonte de dados para pesquisas taxonômicas, biogeográficas, ecológicas e de conservação.

Os anfíbios desempenham papel crucial como bioindicadores, pois alterações em suas populações podem sinalizar distúrbios ambientais antes que outros métodos os detectem (BOYER, 1995; DALE, 2001). Entretanto, nas últimas décadas, esse grupo vem sofrendo acentuados declínios a nível global, impulsionados pela destruição de habitats, poluição, doenças emergentes e mudanças climáticas (LUEDTKE et al., 2023).

No litoral piauiense, especialmente na região do Delta do Parnaíba, os estudos sobre anfíbios são ainda escassos, embora levantamentos recentes tenham registrado cerca de 34 espécies de anuros (ARAÚJO et al., 2020). Esses dados indicam diversidade relevante, mas também revelam lacunas no conhecimento sobre a herpetofauna local, considerando a complexidade dessa região de transição entre Caatinga e Cerrado.

Neste contexto, as coleções zoológicas, ao preservarem espécimes com informações associadas de localidade, habitat e morfologia, tornam-se ferramentas estratégicas para embasar estudos científicos e orientar ações de conservação. Assim, este trabalho teve como objetivo analisar o acervo de anfíbios da CZDP, contabilizando as espécies representadas e os municípios de origem, além de elaborar um mapa de distribuição geográfica, com o intuito de identificar padrões espaciais de amostragem e apoiar estratégias de conservação da herpetofauna regional.

57

MATERIAIS E MÉTODOS

A análise do acervo foi realizada a partir do banco de dados institucional da CZDP, utilizado como fonte primária de informação. Em casos de incerteza taxonômica ou dúvidas sobre a presença efetiva de determinadas espécies, procedeu-se à verificação direta dos espécimes depositados.

Para a sistematização dos dados, elaborou-se uma planilha contendo informações taxonômicas (espécie, gênero e família) e o respectivo município de origem das coletas. A elaboração do mapa de distribuição foi realizada no programa QGIS, categorizando-se o número de espécies por município conforme as classes definidas pelas regras de Sturges, o que proporcionou uma visualização clara das diferenças na distribuição das espécies entre os municípios.

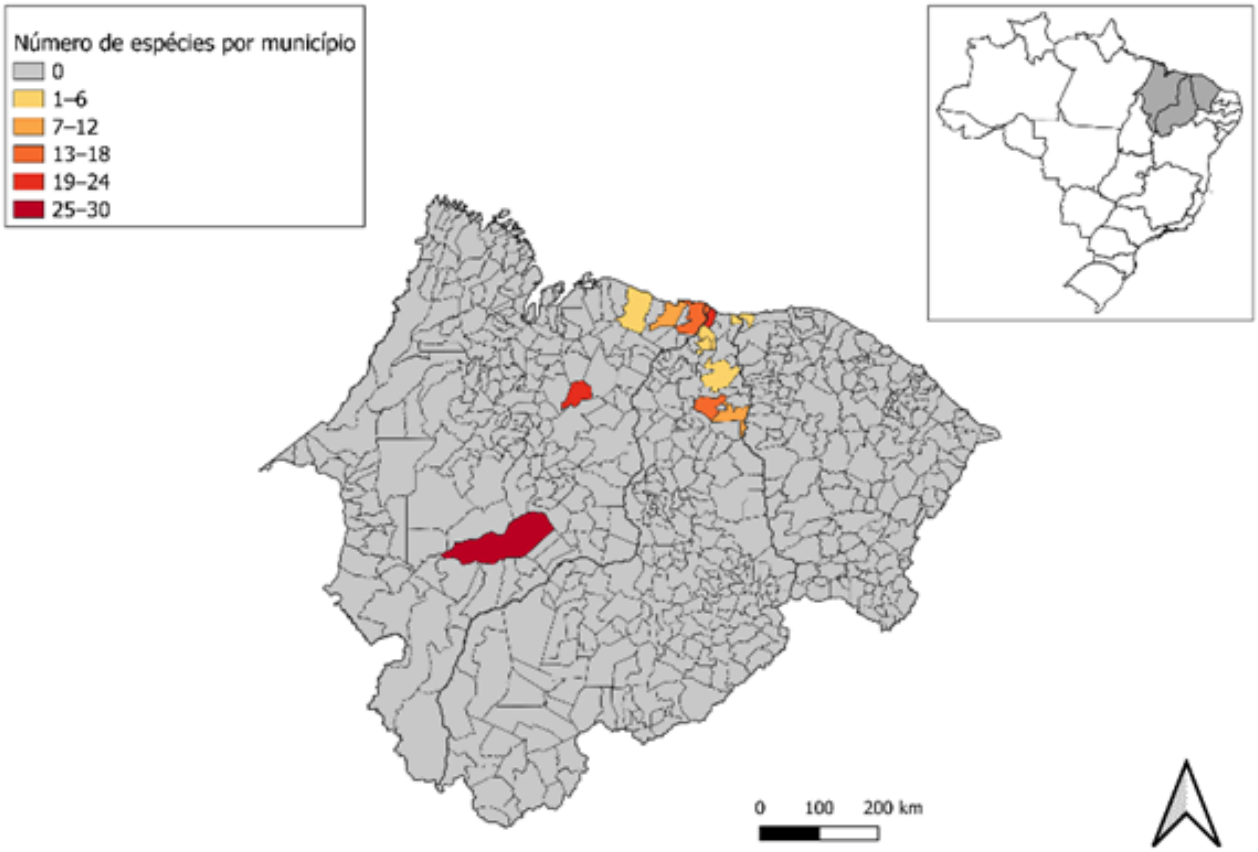
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do acervo da CZDP revelou 59 espécies de anfíbios, distribuídas em 19 gêneros e 9 famílias, todas da ordem Anura. O gênero Leptodactylus destacou-se como o mais diverso, com 12 espécies (20,34% do total). As famílias Leptodactylidae e Hylidae foram as mais abundantes, com 23 e 21 espécies respectivamente, somando 74,58% das espécies. Esse padrão segue o esperado para a região neotropical, onde essas famílias predominam (STUART, 2008). O gênero Leptodactylus, é conhecido por sua ampla distribuição e capacidade de habitar diversos ambientes, desde florestas até ecossistemas secos como Caatinga e Cerrado, justificando sua expressiva representação (DE SÁ, 2014).

Os espécimes foram coletados em 14 municípios do Maranhão, Piauí e Ceará. Mirador (MA) apresentou maior riqueza com 27 espécies, seguido por Parnaíba (PI) com 22, e Timbiras (MA) com 19 espécies. O acervo possui representatividade significativa para a anurofauna nordestina, porém com perfil mais regional que local ao litoral piauiense, devido à concentração de registros no Maranhão e subamostragem de ambientes costeiros específicos do Piauí, como manguezais e ilhas do Delta.

Além disso, chama atenção a ausência de registros de cecílias (Gymnophiona), um grupo pouco estudado e historicamente negligenciado na região, provavelmente devido à dificuldade de coleta e à natureza subterrânea desses anfíbios. Essa lacuna reforça a necessidade de pesquisas específicas voltadas para a fauna fossorial, complementando o conhecimento atual.

Figura 1 - Mapa de distribuição da origem das coletas.



Fonte: Elaboração própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acervo de anfíbios da CZDP representa importante amostra da diversidade de anuros nordestinos, destacando-se como valioso recurso para pesquisas e conservação regional. A organização sistemática e divulgação desses dados são essenciais para valorizar esse patrimônio biológico e embasar políticas públicas de proteção ambiental.

A representação da fauna do litoral piauiense ainda apresenta lacunas significativas, particularmente em ecossistemas costeiros e grupos menos estudados como as cecílias. Superar essas limitações exigirá intensificação dos esforços de coleta e integração da CZDP em redes científicas mais amplas, potencializando a visibilidade e utilidade do acervo.

Este estudo reforça o papel estratégico de coleções universitárias na documentação do patrimônio natural e monitoramento da biodiversidade. É imperativo expandir as atividades de campo, priorizando habitats subamostrados e grupos taxonomicamente negligenciados. O mapeamento das áreas com menor cobertura amostral oferece roteiro valioso para futuras campanhas, que deverão incorporar metodologias específicas para detectar espécies de hábitos crípticos ou fossoriais.

PALAVRAS-CHAVE

Anuros. Fauna regional. Distribuição. Nordeste

AGRADECIMENTOS

UFDPar/Prex.UFDPar/CZDP

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kássio C. et al. Herpetofauna of the Environmental Protection Area Delta do Parnaíba, Northeastern Brazil. Cuadernos de Herpetología, v. 34, 2020.
BOYER, R., et al. The need for water quality criteria for frogs. Environmental health perspectives, v. 103, n. 4, p. 352-357, 1995.
DALE, V., et al. Challenges in the development and use of ecological indicators. Ecological indicators, v. 1, n. 1, p. 3-10, 2001.
DE SÁ, R., et al. Systematics of the neotropical genus Leptodactylus Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): phylogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. South American Journal of Herpetology, v. 9, n. s1, 2014.
LUEDTKE, J., et al. Ongoing declines for the world's amphibians in the face of emerging threats. Nature, v. 622, n. 7982, p. 308-314, 2023
STUART, S., et al. Threatened amphibians of the world. Barcelona: Lynx Edicions, 2008. 758 p.

Coleções Científicas e o tripé ensino, pesquisa e extensão: uma abordagem crítica do acervo da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba

Carlos Germano Vieira de Brito (UFDPar) germanoufdpar@gmail.com
Irla Francisca de Assis (UFDPar) irla.francisca3@gmail.com
Rayssa dos Santos Silva (UFDPar) rayssasantosd.silva@gmail.com
Sofia Holanda Carvalho (UFDPar) hc36475ys@gmail.com
Pedro Bastos de Macêdo Carneiro (UFDPar) pedrocarneiro@ufdpar.edu.br

INTRODUÇÃO

O Estado do Piauí, localizado na Região Nordeste do Brasil, destaca-se por sua grande diversidade ecológica, situada entre dois biomas contrastantes: o subúmido amazônico e o semiárido nordestino (Farias; Castro, 2004; Santos-Filho et al. 2013). Entre esses ambientes de destaque, está o Delta do rio Parnaíba, cuja foz exibe uma das morfologias deltaicas mais característica das Américas, com cerca de 80 ilhas e rica em habitats costeiros (IBAMA, 1998; ICMBio, 2024).

Dada essa complexidade ecológica, iniciativas que promovam o conhecimento e a valorização da biodiversidade regional tornam-se cada vez mais relevantes, especialmente diante das ameaças à fauna (Figueiró & Arnóbio, 2011). Uma das formas de preservar e divulgar esse conhecimento é por meio das coleções zoológicas, sobretudo as visitáveis. Tais acervos funcionam como catálogos da biodiversidade, armazenando espécimes que possibilitam estudos taxonômicos, ecológicos e históricos (Pinheiro & Falaschi, 2011).

No campo educacional, essas coleções desempenham papel didático relevante, possibilitando o ensino contextualizado e prático da zoologia, especialmente em regiões onde o contato direto com a fauna é limitado (Azevedo et al., 2012). Nesse contexto, a Coleção Zoológica Delta do Parnaíba (CZDP), situada na Universidade Federal Delta do Parnaíba (UFDPar), constitui-se como um equipamento pedagógico que busca aproximar a comunidade acadêmica e escolar da fauna local.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar as atividades desenvolvidas pela CZDP no âmbito do tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão), destacando suas contribuições para a documentação, divulgação e preservação do patrimônio natural do litoral piauiense. Adicionalmente, propõe estratégias para fortalecer o papel da instituição como agente de valorização da biodiversidade regional, visando ampliar seu impacto na conservação dos ecossistemas costeiros.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma análise bibliográfica de trabalhos acadêmicos e científicos produzidos no âmbito da CZDP nos últimos dois anos (2023–2025). Foram levantados 22 trabalhos com caráter experimental e científico, vinculados diretamente às atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidas pela coleção. Esses materiais incluíram artigos científicos, resumos expandidos, relatórios técnicos e projetos de iniciação científica. A seleção dos trabalhos considerou a vinculação institucional, a temática relacionada à zoologia e à educação ambiental, além da originalidade e aplicabilidade dos estudos.

Os dados foram organizados em uma planilha, categorizados conforme o tipo de produção, área de conhecimento e objetivo principal. A partir dessas informações, foi possível realizar uma análise qualitativa, com o intuito de identificar padrões, estratégias e contribuições para o ensino de Ciências. Essa abordagem permitiu compreender de que forma o acervo zoológico tem sido utilizado como ferramenta pedagógica e científica, evidenciando seu potencial como espaço de ensino-aprendizagem interdisciplinar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a análise documental dos 22 trabalhos realizados pela CZDP entre 2023 e 2025, revelou-se uma diversidade temática significativa, como mostram os resultados, sendo concentrada a maior parte das produções (cerca de 30%, 6 trabalhos) em ensino de ciências, demonstrando o compromisso da CZDP com práticas pedagógicas inovadoras. Além disso, os trabalhos em educação não formal (cerca de 15%, 3 trabalhos) destacaram o papel do espaço museológico como ambiente de aprendizagem alternativo.

A presença significativa de trabalhos em Zoologia (cerca de 10%, 2 trabalhos) e divulgação científica (cerca de 15%, 3 trabalhos), da mesma forma, foi significativa, mostrando o potencial da CZDP como instrumento de preservação e popularização do conhecimento sobre a fauna local. A categoria Outros (cerca de 35%, 8 trabalhos) abrangeu produções voltadas à curadoria zoológica, documentação de acervos e tecnologias educacionais, que contribuem para a formação técnica e científica de estudantes e ampliam o campo de atuação do projeto.

Os resultados mostram que a CZDP tem se firmado como um espaço importante de integração entre ensino, pesquisa e extensão. Tendo foco na educação científica e ambiental, a coleção vem sendo usada como uma ferramenta que desperta o interesse dos estudantes pela ciência e preservação. Além de ser um reservatório biológico, o acervo se destaca como um ambiente ativo de aprendizado, valorizando o conhecimento e contribuindo para a proteção da biodiversidade do litoral piauiense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho atingiu seu objetivo ao demonstrar o papel da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba como recurso educativo no ensino de Ciências e Biologia. A análise das produções realizadas entre 2023 e 2025 evidenciou que a coleção tem sido utilizada de forma efetiva em atividades de ensino, pesquisa e extensão, promovendo o acesso ao conhecimento sobre a fauna local e fortalecendo a relação entre universidade e comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Educação não formal; Fauna regional; Popularização da ciência.

AGRADECIMENTOS

UFDPar/Prex.UFDPar/CZDP

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J. C. C; FIGUEIRÓ, R; ALVES, D, R; VIEIRA, V; SENNA, A. R; O uso de coleções zoológicas como ferramenta didática no ensino superior: um relato de caso. Revista Práxis, v. 4, n. 7, p. 43-48, 2012

FIGUEIRÓ, R; ARNÓBIO, A; Environment & Health: Perspectives andChallenges. Revista Práxis, 6: 49-53. 2011.

IBAMA (1998): Proteção e controle de ecossistemas costeiros: manguezais da Baía de Babitonga/Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Coleção meio ambiente. Série estudos – pesca, 25. Brasília. 145p.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba. Brasília, DF: ICMBio, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/apa-delta-do-parnaiba/informacoes-sobre-visitacao-apa-delta-do-parnaiba/area-de-protecao-ambiental-delta-do-parnaiba. Acesso em: 28 de dezembro de. 2024

FARIAS, R. R. S; CASTRO, A. A. J. F.; SOUSA, S.R.; ANDRADE, G. C. B.; CASTRO, N. M. C. F. Estudo da composição florística de cinco áreas pertencentes ao Complexo de Campo Maior, Piauí, Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE O CERRADO. 9. SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE SAVANAS TROPICAIS. 2.0 1998, Planaltina. Anais... Brasília: Embrapa Cerrados, 2008.

PINHEIRO, L. R; FALASCHI, L; O valor das coletas e coleções científicas. Ciência Hoje, v. 47, n. 282, p.68-69, 2011.

Seridó por Lentes: imagens que contam nossa história

Rogério de Araújo Lima (UFRN/CERES) rogerio.lima.1@ufrn.br
Kaio Oliveira de Azevedo (UFRN/Museu do Seridó) kaiojs2019@gmail.com
Anna Cláudia dos Santos Nobre (UFRN/Museu do Seridó) anna.nobre@ufrn.br
Hyally Carvalho Dutra Pereira (UFRN/Museu do Seridó) hyally.carvalho.105@ufrn.edu.br

INTRODUÇÃO

A região do Seridó destaca-se por sua expressiva riqueza histórica, turística e cultural, materializada em diversos espaços que compõem sua identidade visual e seu patrimônio. Com o objetivo de valorizar e difundir esses lugares, o Museu do Seridó (MDS), unidade vinculada ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), desenvolveu o projeto Seridó por Lentes, integrado à Unidade de Ação Educativa e Cultural. Essa unidade é responsável por promover ações educativas e culturais que consolidam o museu como um espaço de intercâmbio de saberes, envolvendo diferentes unidades acadêmicas da UFRN e a comunidade em geral (UFRN, 2023, art. 14, III).

O projeto tem como finalidade divulgar imagens fotográficas que retratem pontos históricos, turísticos e culturais da região do Seridó, ampliando o conhecimento e a valorização desses locais por meio das redes sociais do museu. Em sua fase inicial, a equipe do MDS realizará algumas postagens para apresentar a proposta e convidar o público a participar ativamente, enviando suas próprias fotografias e contribuindo para a construção colaborativa de um acervo digital representativo da região.

Essa iniciativa educativo-cultural estimula o envolvimento comunitário, reafirmando o papel social do museu como mediador entre o patrimônio local e a sociedade. Além disso, promove formação e sensibilização quanto à importância da memória e da sustentabilidade do patrimônio cultural, em consonância com os objetivos da Unidade de Ação Educativa e Cultural, que coordena programas institucionais voltados à educação, à ampliação do acesso ao museu e à valorização da diversidade e da inclusão. Com isso, o MDS consolida-se como espaço de articulação entre saberes acadêmicos e populares, em diálogo com diversos segmentos sociais (UFRN, 2023, art. 14, inciso III).

Adicionalmente, o projeto está alinhado às diretrizes do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020–2029 da UFRN, que prioriza a interiorização e o fortalecimento dos vínculos da universidade com as comunidades regionais, promovendo a integração entre ensino, pesquisa e extensão a partir da valorização da cultura, da memória e do patrimônio local (UFRN, 2020). Também responde às recomendações do Plano Nacional Setorial de Museus 2025–2035, que incentiva o uso intensivo das mídias digitais como estratégia para ampliar o alcance e democratizar o acesso aos bens culturais (Ministério da Cultura; IBRAM, 2025).

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto Seridó por Lentes foi iniciado com uma postagem nos stories do perfil oficial do Museu do Seridó no Instagram (@mds.ufrn), publicada em maio de 2025 e mantida em destaque (Figura 1). A publicação teve como foco a Ponte Seridó, localizada no município de Jardim do Seridó, apresentando fotografias, localização geográfica e saberes locais relacionados ao monumento, com o objetivo de promover sua valorização e preservação.

Figura 1 – Algumas imagens do Projeto Seridó por Lentes



Fonte: Museu do Seridó (2025)

Quanto aos métodos empregados, a estratégia adotada consiste em que a própria equipe do MDS realize algumas publicações iniciais, com o objetivo de estabelecer um padrão e um modelo a ser seguido. A curadoria e a seleção dos conteúdos enviados pela comunidade externa ficarão sob responsabilidade de uma equipe do próprio museu, que levará em consideração a qualidade das imagens e a relevância histórica, turística e cultural dos locais retratados, buscando estimular a participação de diferentes municípios da região.

Essa ação, vinculada à Unidade de Ação Educativa e Cultural do MDS, buscou envolver o público na divulgação do patrimônio histórico e cultural da região, promovendo a sensibilização para a importância da memória e do patrimônio local. A iniciativa abriu espaço para a participação comunitária por meio do envio de imagens e informações, ampliando o acervo digital do museu.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira postagem teve 134 visualizações, 12 curtidas e 1 resposta. O desempenho da ação poderá ser monitorado por meio das métricas digitais do Instagram, como alcance e engajamento, especialmente considerando o envio de fotos pelo público. Essa participação ativa será um indicador essencial para avaliar o impacto do projeto na preservação e divulgação da cultura seridoense, cujo sucesso será medido ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Seridó por Lentes reforça o papel do Museu do Seridó como espaço de preservação e mediação cultural ao destacar pontos históricos, turísticos e culturais da região por meio da fotografia. A ação, vinculada à Unidade de Ação Educativa e Cultural, evidencia o potencial das mídias digitais na valorização da memória local e no estímulo à participação da comunidade na construção coletiva de um acervo visual sobre o Seridó.

Ainda em fase inicial, com uma primeira postagem dedicada à Ponte do Seridó, em Jardim do Seridó, o projeto propõe um modelo participativo, convidando o público a compartilhar imagens e saberes sobre o território. Esse engajamento será um dos principais indicadores de sucesso, a ser avaliado por métricas digitais ao longo do tempo.

É importante destacar que essa iniciativa está alinhada ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020–2029 da UFRN, que prioriza a interiorização e o fortalecimento dos vínculos com as comunidades regionais, além de dialogar com as diretrizes do Plano Nacional Setorial de Museus 2025–2035, que incentiva o uso das plataformas digitais na democratização do acesso ao patrimônio.

Recomenda-se a continuidade do projeto, com novas postagens e estratégias de mediação digital, de forma a consolidar o Seridó por Lentes como ação educativa e inclusiva, fortalecendo o papel do MDS como referência regional em práticas museológicas inovadoras voltadas à memória e identidade do Seridó.

PALAVRAS-CHAVE

Museu Universitário. Comunicação Digital. Fotografia. História Regional. Seridó por Lentes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da UFRN e ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) pelo apoio financeiro e institucional que possibilitaram a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

MINISTÉRIO DA CULTURA; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. Plano Nacional Setorial de Museus 2025–2035. Brasília: MinC/Ibram, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/plano-nacional-setorial-de-museus-pnsm-2025-a-2035.pdf. Acesso em: 24 maio 2025.

MUSEU DO SERIDÓ. Museu do Seridó – UFRN. Instagram: @mds.ufrn. Disponível em: https://www.instagram.com/mds.ufrn. Acesso em: 24 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN. Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020-2029. Natal: UFRN, 2020. disponível em: https://www.ufrn.br/resources/documentos/pdi/PDI-2020-2029.pdf. acesso em: 24 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Resolução n.º 020/2023-CONSUNI, de 04 de dezembro de 2023. Aprova, à unanimidade de votos, o Regimento Interno do Museu do Seridó – MDS, Unidade Suplementar vinculada ao Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal, 2023.

Sons do Seridó: valorização da música regional com um alcance internacional

Kaio Oliveira de Azevedo (UFRN/Museu do Seridó) kaiojs2019@gmail.com
Anna Cláudia dos Santos Nobre (UFRN/Museu do Seridó) anna.nobre@ufrn.br
Rogério de Araújo Lima (UFRN/CERES) rogerio.lima.1@ufrn.br
Hyally Carvalho Dutra Pereira (UFRN/Museu do Seridó) hyally.carvalho.105@ufrn.edu.br

INTRODUÇÃO

A região do Seridó, localizada no interior do Rio Grande do Norte, possui uma rica tradição cultural, especialmente em manifestações musicais profundamente ligadas à identidade local. Contudo, essas expressões artísticas frequentemente permanecem pouco visibilizadas em circuitos culturais mais amplos, dificultando o reconhecimento e a valorização da cultura regional. Para contribuir com essa valorização, o Museu do Seridó (MDS), unidade vinculada ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), desenvolveu o projeto Sons do Seridó. Inserido na Unidade de Cultura e Memória do museu, que tem como uma de suas funções realizar atividades acadêmicas focadas na cultura e memória regional (UFRN, 2023), o projeto busca fortalecer as tradições locais por meio da música.

O Sons do Seridó tem como objetivo promover a produção musical regional, valorizando os talentos locais e ampliando a visibilidade de músicos seridoenses por meio das redes sociais oficiais do museu. Essa iniciativa vai além da mera divulgação artística contemporânea, ao consolidar o papel do museu como mediador cultural comprometido com a preservação e a dinamização do patrimônio imaterial da região.

Lançado em junho de 2024, o edital do projeto selecionou músicos, bandas e grupos naturais ou residentes da região do Seridó, cujas obras destacam elementos culturais e identitários locais. Em julho do mesmo ano, os sete artistas aprovados foram divulgados por meio do perfil oficial do Museu do Seridó no Instagram (Museu do Seridó, 2024) e tiveram seus trabalhos promovidos nas redes sociais do museu, ampliando a circulação da cultura musical seridoense.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto Sons do Seridó foi desenvolvido por meio de publicações mensais no perfil oficial do Museu do Seridó no Instagram (@mds.ufrn). As postagens apresentaram músicos solos, bandas ou grupos selecionados via edital, com foco na valorização da cultura seridoense por meio de produções musicais que evidenciam elementos identitários da região, como letras, ritmos e performances enraizadas nas tradições locais, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Algumas postagens do Projeto Sons do Seridó



Fonte: Museu do Seridó (2025)

Em 2024, os materiais audiovisuais foram produzidos pelos artistas, com curadoria da equipe do museu, formada por bolsistas da Unidade de Cultura e Memória, que acompanhou todo o processo para garantir o alinhamento com os objetivos do MDS. Em 2025, foram feitas as últimas publicações da edição original e lançado novo edital para seleção de poetas regionais. A equipe passou a desenvolver estratégias de mediação mais eficazes nas redes sociais, visando ampliar o público e fortalecer a difusão da cultura e memória do Seridó.

O desempenho da ação digital foi avaliado por métricas do Instagram, como alcance, curtidas, comentários, salvamentos, compartilhamentos e crescimento de seguidores, permitindo medir o impacto na promoção da cultura local.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto teve uma boa aceitação pela comunidade artística e divulgação pela imprensa do estado. Além da visibilidade e divulgação, o projeto atingiu o objetivo de captar diversos artistas, bem como, identificar a diversidade de ritmos e performances culturais presentes na região do Seridó Potiguar (Museu do Seridó, 2025). A tabela 1 apresenta alguns resultados em termos de interação no Instagram.

Tabela 1 – Interação nas pastagens do Instagram referentes ao Projeto Sons do Seridó

Data	Artista/Banda	Curtidas	Comentários
14/ago	Dodora Cardoso	111	4
19/set	Wescley Gama	55	1
09/out	Vinícius Celestino	98	5
21/out	Negra vozes do Seridó	72	0
13/nov	André Ipoema	52	1
27/dez	Maria das Vitórias	68	4
15/jan	Emanoel Araújo	87	15
12/fev	Lydias Brasileiras	48	2
TOTAL	-	**591**	**32**

Fonte: Museu do Seridó; 2025

Os números apresentam interesse nas postagens, embora ainda há possibilidades de ampliação por meio de maior divulgação na imprensa local e uso da estratégia de colabs, o que favorece visibilidade nos seguidores dos artistas e parceiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Sons do Seridó atingiu seus objetivos ao valorizar a música regional e fortalecer a presença digital do Museu do Seridó, ampliando a visibilidade de artistas locais e destacando elementos da memória cultural. A iniciativa reforça o compromisso da Unidade de Cultura e Memória do MDS com a cultura regional, conforme seu regimento interno (UFRN, 2023). A divulgação digital da cultura local, pouco visibilizada nacionalmente, reforça o papel dos museus de interior na preservação da identidade regional, alinhando-se ao papel do museu universitário na extensão e democratização do conhecimento, além de contribuir para o PDI 2020–2029 da UFRN (UFRN, 2020).

Com a ampliação da equipe e o edital de 2025 para poetas locais, espera-se aprofundar a integração entre ensino, pesquisa e extensão. Recomenda-se a continuidade do projeto, com novas temáticas, para consolidar o MDS como referência em práticas museológicas digitais, educação patrimonial e valorização da memória cultural do Seridó.

PALAVRAS-CHAVE

Museu Universitário. Comunicação Digital. Música Regional. Sons do Seridó.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da UFRN e ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) pelo apoio financeiro e institucional que possibilitaram a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

MUSEU DO SERIDÓ. Museu do Seridó – UFRN. Instagram: @mds.ufrn. Disponível em: https://www.instagram.com/mds.ufrn. Acesso em: 24 maio 2025.

MUSEU DO SERIDÓ. Resultado do edital Sons do Seridó. Instagram: @mds.ufrn 18 jul. 2024. disponível em: https://www.instagram.com/p/C-F4fhVxgO9/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em: 24 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN. Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020-2029. Natal: UFRN, 2020. disponível em: https://www.ufrn.br/resources/documentos/pdi/PDI-2020-2029.pdf. acesso em: 24 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Resolução n.º 020/2023-CONSUNI, de 04 de dezembro de 2023. Aprova, à unanimidade de votos, o Regimento Interno do Museu do Seridó – MDS, Unidade Suplementar vinculada ao Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal, 2023.

Da Coleção Científica ao Espaço Museológico: a Transformação da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba em Centro de Educação e Divulgação da Biodiversidade

Wanderson Braga Franco (UFDPar) – wandersonbraga146@gmail.com
Ana Sther Santos Lima (UFDPar) anastherlimaa@gmail.com
Pedro Bastos de Macêdo Carneiro (UFDPar) pedrocarneiro@ufdpar.edu.br

INTRODUÇÃO

As coleções zoológicas podem ser definidas como conjuntos organizados e preservados de material biológico testemunho representativos da biodiversidade de uma dada região ou época (Silva; Corrêa; Matos, 2014). Tradicionalmente, as coleções científicas possuem como objetivo principal subsidiar a pesquisa e a conservação da biodiversidade (Brasil, 2007), sendo organizadas para garantir a representatividade taxonômica, espacial e temporal. Contudo, o acesso a essas coleções costumam ser limitado a pesquisadores e técnicos especializados. Em contraste, os museus são instituições voltadas à comunicação e educação, que utilizam acervos para promover a divulgação científica, cultural e patrimonial (ICOM, 2022). Diferem das coleções científicas pela curadoria orientada à experiência do visitante, com exposições acessíveis e mediadas para o público amplo.

Este trabalho relata o andamento do processo de modernização e musealização da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba (CZDP), vinculada à Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). A CZDP está sendo transformada de um repositório científico tradicional em um espaço que incorpora práticas museológicas, ampliando seu escopo de atuação para além da pesquisa acadêmica e promovendo-se como um centro ativo de extensão universitária, educação ambiental e divulgação científica.

MATERIAIS E MÉTODOS

A modernização da CZDP seguiu um plano de ação para integrar funções científicas e educativas, ampliando seu escopo institucional. Foram realizadas reformas no espaço expositivo, incluindo climatização, iluminação e mobiliário adequado, garantindo melhor conservação dos exemplares e conforto para os visitantes. Simultaneamente, o acervo foi expandido e aprimorado com novas técnicas de preparação de material biológico, como taxidermia artística e emblocamento, garantindo tanto a preservação quanto a atratividade visual para exposições. Outra frente fundamental foi a ampliação de estratégias de divulgação científica por meio de redes sociais, exposições temporárias e maior presença em plataformas de dados científicos como SiBBr, speciesLink e o Cadastro Nacional de Museus, fortalecendo sua visibilidade institucional.

A equipe da CZDP também promoveu cursos técnicos e atividades formativas, tanto para qualificar a gestão e manutenção da coleção, quanto para capacitar estudantes e ampliar o alcance educativo da instituição. Por fim, a CZDP passou a promover, de forma mais sistemática, exposições itinerantes e temporárias, de forma a alcançar públicos e temas mais diversos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de modernização e musealização transformou a CZDP em um espaço que transcende a função tradicional de repositório científico, consolidando-se como um equipamento no qual coexistem práticas de pesquisa, ensino, extensão e divulgação. A nova infraestrutura favorece visitas organizadas e educativas, recebendo turmas do ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas, além de outros grupos sociais interessados na biodiversidade da região. Entre agosto de 2023 e julho de 2024, a CZDP registrou 1.447 visitantes, um crescimento expressivo que evidencia o êxito das ações de abertura ao público.

As práticas museológicas implementadas como curadoria ativa, exposições interpretativas e ações de mediação potencializaram o caráter educativo e social da coleção, estimulando a formação de uma cultura científica mais participativa e acessível. Ademais, a CZDP consolidou sua presença em redes institucionais e plataformas de divulgação científica e museológica, ampliando sua visibilidade nacional e internacional. No ambiente digital, destaca-se o crescimento do perfil no Instagram, com cerca de 1.000 seguidores e alcance de aproximadamente 6.000 contas.

Outro resultado que se deve destacar, é que a CZDP realizou exposições temporárias, como “Imersões Científicas” em parceria com o Museu do Mar e as exposições internas “Coleção Zoológica – Conhecer, Educar e Preservar!” e “Espécies Marinhas e Estuarinas Ameaçadas de Extinção”. Essas iniciativas fortaleceram sua comunicação e presença museal, mas foram feitas de forma experimental devido às limitações institucionais da UFDPar, que não conta com profissionais especializados em museologia, cuja participação é recomendada e, em alguns casos, exigida pela legislação brasileira para a formalização e gestão de museus (Lei nº 11.904/2009).

Em virtude dessa limitação, A CZDP ainda não formalizou um plano museológico nem implementou instrumentos da Política Nacional de Museus, como comunicação, segurança e acessibilidade. O processo de musealização ocorre gradualmente, sem estrutura normativa completa, o que limita a gestão do acervo e políticas de longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba (CZDP) exemplifica um processo de modernização institucional. Essa transformação permitiu que a CZDP se tornasse o primeiro museu de história natural da região do Delta do Parnaíba e um centro de produção e preservação do conhecimento sobre a biodiversidade local. Conquanto, seu desenvolvimento ainda é experimental e enfrenta desafios institucionais, como a falta de profissionais especializados e a ausência de um plano museológico, o que reforça a necessidade de sua consolidação e institucionalização para garantir sua sustentabilidade.

Assim, a experiência da CZDP reforça a importância de políticas públicas que garantam suporte técnico e recursos para iniciativas que, como está, buscam superar fronteiras institucionais tradicionais, promovendo uma integração inovadora entre pesquisa científica e educação pública em prol da valorização do patrimônio natural.

PALAVRAS CHAVES

Museologia cientifica; Conservação biológica.

AGRADECIMENTOS

UFDPar/Prex.UFDPar/CZDP

REFERÊNCIAS

BRASIL. (2007). Instrução Normativa nº 160, de 27 de abril de 2007. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 82, 30 abr. 2007, Seção 1, p. 404-405. Disponível em: http://www.uesc.br/colecoes_cientificas/arquivos/in_160_270407_colecoes.pdf. Acesso em: 14 jun., 2020.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). ICOM define Museum: A definition of Museum adopted by the ICOM General Assembly on August 24th, 2022. Praga: ICOM, 2022. Disponível em: https://icom.museum/en/news/icom-approves-a-new-museum-definition/. Acesso em: 24 maio 2025.

SILVA, T.A.G., CORRÊA, B.C. & MATTOS, G. I. 2014. Desenvolvimento e organização de coleção zoológica didática no CEFET/RJ: desafios, possibilidades e primeiras aplicações. Revista da SBEnBio, v.7; p. 1151-1161.

Diagnóstico do acervo do Museu Didático de História Natural Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto – UNESP/IBILCE: gestão e reconhecimento do material museal

Ana Helena Cruciol (UNESP) ahcruciol@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Museu Didático de História Natural "Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto" foi inaugurado em abril de 1996 com o nome "Museu Didático de Zoologia "Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto", em homenagem ao professor que desde a sua chegada em 1957 à antiga FAFI (hoje atual IBILCE/UNESP), iniciou o acervo.

De acordo com as informações disponíveis no site da universidade, até o último levantamento, as coleções do Museu somam aproximadamente 1.000 espécimes – sendo aves, algumas ordens de mamíferos como tatu, tamanduá, ouriço, capivara, primatas, entre outros. Também conta com répteis, peixes e diversos exemplares de invertebrados. Os espécimes encontram-se armazenados de diferentes maneiras: em gavetas, em resinas, mantidos em coleção de via úmida, esqueletos preservados ou taxidermizados. Todos os exemplares que constituem o acervo do Museu, foram doados, a maioria oriunda de atropelamentos ou caça ilegal. Porém, o museu tem recebido doações de outras coleções de museus de zoologia e história natural.

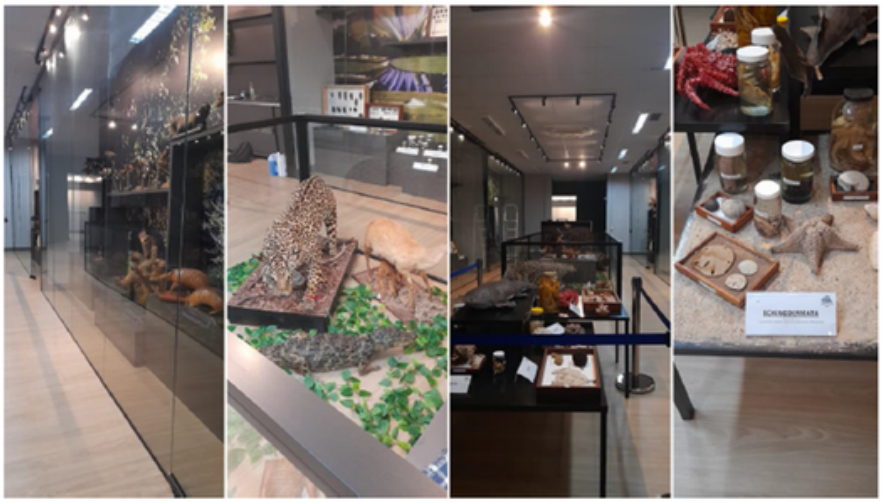


Figura 1. Registros fotográficos da ampliação do museu e exposição do acervo em exibição. Fotos pela autora.

Atualmente o Museu passou por uma reforma estrutural para ampliação e adequações de acessibilidade. Além da intervenção em sua arquitetura, o Museu necessitará de uma reformulação sob o plano de gestão, diretor e museológico, respeitando as normativas instauradas pela Instituição e também o que visa o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). A partir da expansão, o Museu pretende contribuir para a formação educacional de visitantes de todas as idades e níveis

escolares com uma visão inclusiva, sustentável e cidadã. O Museu Didático de História Natural “Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto”, configura-se como o primeiro museu de história natural da cidade de São José do Rio Preto, portanto contribuirá de forma essencial e complementar para o desenvolvimento da formação dos estudantes da cidade e conhecimento da população sobre a biodiversidade.

No ano de 2024, a UNESP instituiu uma resolução (Resolução UNESP n° 09, de 05 de Março de 2024) a qual explicita a criação dos planos museológicos e gestão, bem como o cadastramento de todos os museus universitários no Cadastro Nacional de Museus, objetivando o mapeamento da diversidade museal. Entretanto, juntamente com esse cenário, o “quadro de funcionários” é composto apenas por colaboradores e voluntários (sejam professores, servidores ou alunos). Somado a situação apresentada, o Museu realiza os seus registros de forma manual em um caderno de visitas e várias informações sobre o acervo – como localidade, origem, doação – não estão disponíveis, organizadas ou foram perdidas.

De acordo com o arquivo “Subsídios para elaboração de planos museológicos” disponibilizado pelo IBRAM a ideia do planejamento do plano museológico é crucial para o seu desenvolvimento e articulação das atividades do museu. É sabido que para a confecção do plano museológico faz-se necessário uma equipe multidisciplinar e capacitada para tal, além da presença e atuação de um museólogo. Visto isso, o presente projeto de pesquisa aplicada pretende auxiliar na Etapa I da construção do plano museológico no que diz respeito ao Diagnóstico do Acervo.

MATERIAL E MÉTODO

A metodologia para aplicação do diagnóstico do acervo, será baseada principalmente no arquivo “Subsídios para elaboração de planos museológicos.” A construção do Diagnóstico do Acervo está sendo realizada via análise dos ambientes interno e externo, bem como os estudos que abrangem o perfil das pessoas associadas às visitas museais. Será utilizado também a análise de SWOT (Strenghts, Weaknesses, Opportunities and Threats), para desenvolver a observação de ambientes. Contará também com o subsídio de ações de Conservações Preventivas.

RESULTADOS ESPERADOS E DISCUSSÃO

Espera-se que ao final do projeto de pesquisa aplicada, o Diagnóstico do Acervo do Museu Didático de História Natural “Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto”, esteja praticamente definido ou certamente definido. Vale ressaltar que não há até o momento um plano diretor ou museológico (apenas uma minuta) proposto para o Museu Didático de História Natural “Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto”, logo iniciar com o Diagnóstico de Acervo é um fator

inédito o qual irá auxiliar na construção futura do plano. Ademais, a realização deste projeto terá impactos tanto na formação universitária e escolar, quanto para a cidade e a população, pois receberá o seu primeiro museu de história natural.

Espera-se que seja possível o diagnóstico e organização da atual situação dos acervos corroborando para o início do plano museológico e cadastro entre os museus brasileiros, desta maneira, possa participar de editais de financiamentos, entre outras linhas de fomento e incentivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se que o trabalho proposto, é um projeto de pesquisa aplicada referente ao curso de especialização em Museologia: gestão e difusão pela Fundação de Sociologia e Política de São Paulo. O projeto visa auxiliar principalmente na construção da gestão e documentações do museu. A construção de planos museológicos que sejam adequados às diferentes realidades, uma vez que cada instituição possui a sua forma de organização. Como mencionado, o Museu Didático está em fase de preparo de toda documentação, dada sua ampliação e normativas. Portanto, delinear os "primeiros passos", auxiliar o Museu a estruturar-se e institucionalizar-se como uma referência regional em museologia didática, faz-se extremamente necessário. O trabalho irá contribuir para a educação, pesquisa e conservação em história natural através da difusão do conhecimento e em conjunto com a valorização da biodiversidade brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora da FESPSP, Prof. Juliana Monteiro. Agradeço aos coordenadores do Museu, Profa. Dra. Lilian Casatti e ao Prof. Dr. Tiago Leite Pezzuti. Agradeço ao IBILCE/UNESP pela oportunidade em realizar o projeto de pesquisa no Museu Didático de História Natural "Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto."

PALAVRAS-CHAVE

Museu Didático. Acervo. Documentação. Conservação. Biodiversidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. Subsídios para a elaboração de plano museológico. 2016. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Subs%C3%ADdios-para-a-elabora%C3%A7%C3%A3o-de-planos-museol%C3%B3gicos.pdf

Michalski, S. Como gerir um museu: Manual Prático, capítulo: cuidado e preservação de acervo. Publicação Conselho Internacional de Museus. Maison de l'UNESCO, Paris, França, 2004.

Plano de Conservação Preventiva: bases orientadoras, normas e procedimentos. Publicação Instituto dos Museus e da Conservação, Palácio Nacional da Ajuda, Portugal, Lisboa, 2007.

O Acervo de Aracnídeos do Museu de História Natural Prof. Dias da Rocha da Universidade Estadual do Ceará

Jaderson Jales Martins (MHNCE, UFC), jader.aracno@alu.ufc.br
Wesley Jonnas da Costa Silva (MHNCE, UFC), jonnas14.7@gmail.com
Fláildo da Silva Araújo (MHNCE, UNILAB), flaildodasilvabizi@gmail.com
Ruth da Silva Mendes (MHNCE, IFCE), bio.ruthh@gmail.com
Rodrigo Castellari Gonzalez (MHNCE), rodcastgon@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, estudiosos dedicados à investigação do mundo natural demonstravam um desejo intrínseco de nomear e organizar os organismos (JANEIRA, 2006). Entretanto, foi apenas após o período renascentista que o naturalista sueco Carolus Linnaeus (1707-1778) criou e popularizou o sistema binomial em sua obra máxima, Systema naturae (1758), que estabeleceu a nomenclatura universal e padrões de organização para os seres vivos.

Esse e muitos outros estudos só se tornaram possíveis graças à preservação dos espécimes em coleções, que viabilizaram o acesso aos exemplares organizados e preservados. Além disso, sem essas coleções científicas, as grandes descobertas científicas no século XVIII realizadas por Charles Darwin e Alfred Russel Wallace não teriam sido possíveis (SUÁREZ; TSUTSUI, 2003). De fato, coleções biológicas preservadas e organizadas têm desempenhado um papel fundamental ao longo do tempo, possibilitando uma infinidade de pesquisas, exposições, ensino e ações de conservação (ARANDA, 2014).

As primeiras coletas para a catalogação da fauna e flora do Ceará tiveram início no século XIX pelo naturalista João da Silva Feijó e pela Comissão Científica de Exploração (PAIVA, 2002). Todavia, foi apenas no início do século XX que o cearense Prof. Francisco Dias da Rocha iniciou o catálogo faunístico do estado; trabalho esse que foi continuado anos depois pelo professor Melquíades Pinto Paiva e outros pesquisadores (BORJES-NOJOSA; TELLES, 2009). No entanto, do acervo original do Prof. Francisco Dias da Rocha restaram poucos espécimes, que atualmente pertencem ao Museu do Ceará. Em 2019, o restauro desse acervo histórico incentivou a criação do Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha (MHNCE), pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) em parceria com o Museu Nacional (MNRJ) e a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT).

O MHNCE está localizado no município de Pacoti e iniciou com um acervo de cerca de 1600 espécimes. Seis anos depois, o MHNCE já conta com um acervo de mais de 16 mil espécimes, dividido em 19 coleções científicas (UECE, 2023; PROEX, 2024), dentre elas, a coleção de Aracnídeos, que passou a ser sistematizada em 2022.

O presente estudo teve como objetivo catalogar os espécimes de aracnídeos (Arthropoda: Chelicerata) atualmente depositados no MHNCE, contribuindo para a consolidação dessa coleção e promovendo sua utilização como base de dados de pesquisa, apoio ao ensino e conservação da biodiversidade no estado do Ceará.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi realizado no MHNCE-UECE, em Pacoti-CE de maio de 2022 a maio de 2025. Durante esse período, os espécimes de aracnídeos foram identificados no menor nível taxonômico possível, catalogados e armazenados em meio líquido conservante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O acervo de aracnídeos do MHNCE está subdividido em seis coleções, organizadas de acordo com a ordem taxonômica e conta com 876 registros, distribuídos da seguinte forma: Aranae: 382 (n=1420 espécimes); Scorpiones: 324 (n=324); Opiliones: 94 (n=165); Acari 61 (n=168); Pseudoscorpiones: 13 (n=29) e Amblypygi: 2 (n=2); totalizando 2108 espécimes. Este acervo conta com espécimes majoritariamente do Estado do Ceará, mas também de São Paulo (31 registros), Amazonas (1 registro), Maranhão (1 registro) e Minas Gerais (1 registro).

Em conjunto, os espécimes das coleções de aracnologia do MHNCE superam em número de espécimes das coleções de herpetologia (n= 1836), ornitologia (n= 1274), mastozoologia (n= 957), aproximando-se dos números da coleção de entomologia que chegam à 9.200 espécimes. Isso aponta o acervo aracnológico do MHNCE como o maior do Ceará e único como referência. Devido à alta diversidade e abundância de invertebrados em comparação com vertebrados, as coleções que os abrigam tendem a crescer de forma mais acelerada.

Mesmo com pouco tempo de existência, o número acumulado de espécimes tombados na coleção de Arachnida do MHNCE já permite categorizá-la como a maior coleção do grupo no estado do Ceará; representando um grande potencial para o desenvolvimento de pesquisas diversas como sistemática, taxonomia, biodiversidade e ecologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Coleção de Aracnídeos do MHNCE se consolida como a maior coleção aracnológica sistematizada do estado até o momento, reunindo 2.108 espécimes devidamente tombados e catalogados em apenas quatro anos de existência. Este acervo representa um avanço significativo na documentação e conservação da biodiversidade cearense, oferecendo uma base sólida para estudos taxonômicos, ecológicos, biotecnológicos e epidemiológicos. Além disso, reflete os ganhos institucionais em infraestrutura científica, curadoria e promoção do conhecimento sobre a fauna regional.

PALAVRAS-CHAVE
Aracnologia. Curadoria. Patrimônio público. Repositórios. Zoologia.

AGRADECIMENTOS
Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (número do processo: 07321726/2023).

REFERÊNCIAS

ARANDA, A.T. Coleções Biológicas: Conceitos básicos, curadoria e gestão, interface com a biodiversidade e saúde pública. In: Anais eletrônicos do 3ª Simpósio sobre a Biodiversidade da Mata Atlântica [Internet]. Santa Teresa: SAMBIO, 2014. Disponível em: http://www.sambio.org.br/simbioma/simbioma%20iii/03.pdf. Acesso em: 18 out. 2021.

BORGES-NOJOSA, D.M.; TELLES, F.B.D.S. A coleção Dias da Rocha no Museu do Ceará. Museu do Ceará/Secult, Fortaleza, Brasil, 2009. 95 pp.

JANEIRA, A.L. Primórdios do coleccionismo moderno em espaços de produção do saber e do gosto. Memorandum, 10, 2006. pp. 65-70.

LINNÉ, C.V.; SALVIUS, L. Caroli Linnaei...Systema naturae per regna tria naturae: secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Impensis Direct. Laurentii Salvii, 1, 1758. Disponível em: https://www.biodiversitylibrary.org/item/10277. Acesso em: 05 mai. 2025.

PAIVA, M.P. Os naturalistas e o Ceará. Revista do Instituto do Ceará: 2002. 354 pp.

PROEX – PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO. Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha (MHNCE-UECE) completa cinco anos com exposição e atividades educativas em Pacoti. UECE.BR/PROEX, 19 ago. 2024. Disponível em: https://www.uece.br/proex/todas-noticias/museu-de-historia-natural-do-ceara-prof-dias-da-rocha-mhnce-uece-completa-cinco-anos-com-exposicao-e-atividades-educativas-em-pacoti/. Acesso em: 05 mai. 2025.

SUAREZ, A.V.; TSUTSUI, N.D. The value of museum collections for research and society. BioScience, 54 (1), 2004. pp. 66-74.

UECE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Museu de História Natural do Ceará/Uece completa quatro anos com atividades em Pacoti. [Internet]. UECE.BR, 01 set. 2023. Disponível em: https://www.uece.br/noticias/museu-de-historia-natural-do-ceara-uece-completa-quatro-anos-com-atividades-em-pacoti/. Acesso em: 05 mai. 2025.

Coleções zoológicas como um ambiente de ensino-aprendizagem: Relato de experiência das visitas a Coleção Zoológica Delta do Parnaíba

Rayssa dos Santos Silva (UFDPar) - rayssasantosd.silva@gmail.com
Carlos Germano Vieira de Brito (UFDPar) - germanoufdpar@gmail.com
Leticia Lira Rodrigues (UFDPar) - leticialira@ufdpar.edu.br
Pedro Bastos de Macêdo Carneiro (UFDPar) - pedrocarneiro@ufdpar.edu.br

INTRODUÇÃO

As coleções zoológicas desempenham papel fundamental na democratização do conhecimento científico e na educação ambiental, servindo como importantes ferramentas para pesquisa e ensino (Ballard et al., 2017). Esses acervos mantêm sua relevância educativa, sendo particularmente valiosos para a formação universitária em ciências naturais, onde complementam o ensino teórico com exemplares concretos da biodiversidade regional (Pimenta, 2024).

Neste contexto, a Coleção Zoológica Delta do Parnaíba (CZDP) foi estabelecida na Universidade Federal Delta do Parnaíba (UFDPar) com o objetivo de fortalecer o ensino da zoologia regional. Seu acervo, composto por mais de 2.000 exemplares da fauna local - especialmente do Delta do Parnaíba - tem sido utilizado ativamente em atividades didáticas, proporcionando aos estudantes contato direto com a biodiversidade que muitas vezes não é adequadamente representada nos materiais didáticos convencionais (Santos, 2013).

Este trabalho tem como objetivo avaliar a eficácia da CZDP como ferramenta educacional no ensino superior, analisando seu uso e impacto nas atividades acadêmicas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo qualitativo, baseado em relato de experiência (Freitas & Jabbour, 2011). A pesquisa foi conduzida na CZDP durante visitas guiadas de estudantes de graduação entre 2024 e 2025. O acervo, organizado em seções taxonômicas (Anfíbios, Aves, Mamíferos, Répteis, Peixes Ósseos e Cartilaginosos, e Invertebrados), serviu como base para as atividades. Os dados foram coletados através de registros em cadernos de visita e observação estruturada das interações durante os encontros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram acompanhadas 38 visitas de estudantes de dez instituições de ensino superior da região Nordeste: UFDPar, UESPI, UFPI, UFC, UEPA, UFMA, UNIFOR, UESB, UEFS e, UECE.. Durante as atividades, destacou-se o intenso interesse dos participantes, manifestado através de numerosas perguntas e interações. Espécimes como o marsupial Caluromys lanatus (Camargo et al., 2016) e a pele manipulável da sucuri-verde (Eunectes murinus) despertaram particular curiosidade entre os discentes que visitam a CZDP.

Outro conjunto de exemplares que despertou grande curiosidade durante as atividades foram os fósseis, especialmente as réplicas de Velociraptor e Archaeopteryx. De forma semelhante, destacaram-se também a vértebra dorsal de uma baleia e o casco de uma tartaruga-verde (Chelonia mydas), ambos acessíveis ao toque e à exploração pelo público. Esses itens, por sua vez, frequentemente geram questionamentos sobre aspectos anatômicos e fisiológicos dos animais representados, principalmente a respeito da união das placas dérmicas nas costelas na tartaruga. Esses exemplares demonstram-se como eficazes recursos didáticos para discussões sobre anatomia comparada, ecologia e conservação.

A partir dessas observações, percebe-se que todo o material do acervo disponibilizado para a manipulação dos visitantes constitui um importante atrativo, incentivando a exploração e contribuindo significativamente para o enriquecimento ambiental e a construção coletiva de saberes durante a visita guiada. Assim, a ampliação futura dessa seção interativa pode representar um valioso avanço na promoção de experiências acadêmicas ainda mais dinâmicas e engajadoras.

A localização urbana da CZDP na UFDPar facilita o acesso da comunidade acadêmica, transformando a coleção em uma valiosa extensão da sala de aula (Ballard et al., 2017). A experiência prática com exemplares da fauna regional mostrou-se particularmente eficaz em despertar o interesse dos estudantes por temas como sistemática e história natural (Powers et al., 2014), podendo servir como catalisador para futuras pesquisas sobre desafios ambientais contemporâneos (Monfils et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Coleção Zoológica Delta do Parnaíba demonstrou ser um recurso educacional valioso para o ensino superior, oferecendo múltiplas possibilidades para a formação profissional e acadêmica. Seu uso eficaz no ensino de morfologia, ecologia e fisiologia animal reforça a importância das coleções zoológicas universitárias como espaços de integração entre teoria e prática. Os resultados destacam o potencial desses acervos em inspirar novas gerações de pesquisadores e promover o conhecimento sobre a biodiversidade regional, sugerindo que investimentos contínuos em sua manutenção e ampliação são essenciais para o avanço das ciências naturais na região.

PALAVRAS-CHAVE
Ensino-superior. Zoologia. Coleções. Acervos.

AGRADECIMENTOS
UFDPar/Prex.UFDPar/CZDP

REFERÊNCIAS

BALLARD, H. L. et al. Contributions to conservation outcomes by natural history museum-led citizen science: examining evidence and next steps. Biological Conservation, v. 208, p. 87–97, abr. 2017.

CAMARGO, N. F. de; SANO, N. Y.; VIEIRA, E. M. Predation upon small mammals by Caluromys lanatus (Didelphimorphia: Didelphidae) and Callithrix penicillata (Primates: Callitrichidae) in the Brazilian savanna. Mammalia, 2016.

FREITAS, W. R. S.; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. Estudo & Debate. v. 18, n. 2, p. 7–22, 2011.

MONFILS, A. K.; POWERS, K. E.; MARSHALL, C. J.; MARTINE, C. T.; SMITH, J. F.; PRATHER, L. A. Natural history collections: teaching about biodiversity across time, space, and digital platforms. Southeastern Naturalist, v. 16, n 10, p. 47–57, 2017.

PIMENTA, J. L. F. S. The nature and value of natural history museums and collections through children's eyes: an exploratory analysis of the impact of an educational program on children's concept of museum. 2024. Dissertação (Mestrado em Ensino e Divulgação das Ciências) – Fac. de Ciências, Univ. do Porto, Porto, 2024.

POWERS, K. E.; PRATHER, L. A.; COOK, J. A.; WOOLLEY, J.; BART JR., H. L.; MONFILS, A. K.; SIERWALD, P. Revolutionizing the use of natural history collections in education. Science Education Review, v. 13, n. 2, 2014.

SANTOS, M. C. F. Coleções biológicas para o ensino de ciências: o Herbário Didático do Instituto de Aplicação da UERJ. Cadernos do Aplicação, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 101–115, 2013.

Causos Gerais: documentando memórias e tradições na Zona da Mata Mineira

Pablo Henrique Ferreira de Melo (UFV / UFJF) - pablo.ferreira@estudante.ufjf.br

INTRODUÇÃO

O Coletivo Causos Gerais, certificado como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura, atua desde 2020 na Zona da Mata Mineira com o objetivo de difundir a cultura popular, a memória e a tradição da região. Sua principal frente de produção é a realização de documentários in loco, que registram histórias de vida de referências culturais locais, como mestres do samba, fundadores de teatros e guardiões de saberes tradicionais. Utilizando a metodologia da história oral, o coletivo contribui para a valorização do patrimônio imaterial e para a democratização do acesso à memória social, alinhando-se ao debate contemporâneo sobre museologia social e práticas colaborativas de acervo. Este trabalho apresenta a trajetória do coletivo, seus métodos e resultados, e reflete sobre o potencial museológico dessas experiências, especialmente no contexto do processo de se tornar um Núcleo do Museu da Pessoa.

MATERIAIS E MÉTODOS

A atuação do Causos Gerais baseia-se na produção de documentários audiovisuais e entrevistas dirigidas, utilizando a metodologia da história oral para registrar memórias e trajetórias de sujeitos protagonistas da cultura local. O processo envolve a identificação de personagens-chave, a realização de entrevistas em seus contextos de vida, a gravação audiovisual e a edição colaborativa dos materiais. Os documentários, como “Samba da minha vida” (sobre Mestre Minueto e a Escola de Samba Turunas do Humaitá) e “César Ornellas: Uma retrospectiva em um legado cultural”, exemplificam o método aplicado: escuta sensível, valorização da narrativa pessoal e articulação com acervos fotográficos e documentos históricos. Além disso, o coletivo promove oficinas, cineclubes e mostras, ampliando o acesso e o debate sobre memória e cultura popular.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde sua criação, o coletivo produziu e lançou diversos documentários que eternizam trajetórias e práticas culturais da Zona da Mata Mineira, como o samba de Guarani, o teatro de Câmara e a culinária tradicional, a exemplo do curta “Criando vínculos – Pão de queijo”. Os resultados incluem a formação de um acervo audiovisual de referência regional, a mobilização de comunidades em torno do resgate de suas histórias e a promoção de espaços de diálogo intergeracional. A metodologia de história oral permitiu dar visibilidade a sujeitos e grupos frequentemente invisibilizados,

fortalecendo identidades locais e estimulando o protagonismo comunitário. O processo de se tornar Núcleo do Museu da Pessoa potencializa a organização, preservação e difusão desse acervo, conectando as memórias locais a uma rede nacional de museologia social. Os desafios enfrentados incluem questões logísticas, financiamento e a necessidade de constante formação técnica e metodológica, mas os resultados demonstram o potencial transformador da abordagem adotada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos do coletivo têm sido alcançados ao promover o registro, a valorização e a difusão da memória social e da cultura popular na Zona da Mata Mineira. O trabalho do Causos Gerais evidencia o papel estratégico de coletivos culturais como agentes de musealização social, especialmente quando articulados a redes como o Museu da Pessoa. A experiência aponta para a importância de práticas colaborativas, metodologias participativas e parcerias institucionais na construção de acervos vivos e acessíveis, contribuindo para o fortalecimento da museologia social e para a democratização do patrimônio imaterial brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE

cultura popular. memória social. história oral. museologia social. audiovisual.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Ministério da Cultura, Prefeitura de Guarani, Escola de Samba Turunas do Humaitá, Teatro de Câmara de Guarani, Museu da Pessoa e demais parceiros institucionais e comunitários pelo apoio às ações do coletivo.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Eduardo (direção). O fim e o princípio [documentário]. Rio de Janeiro: VideoFilmes, 2005.

BRASIL. Ministério da Cultura. Lei Paulo Gustavo. Disponível em: https://www.gov.br/cultura/pt-br.

CAUSOS GERAIS. Sobre o coletivo. Disponível em: https://www.causosgerais.com/sobre/membros.

MUSEU DA PESSOA. Site oficial. Disponível em: https://museudapessoa.org.

TRIBUNA DE MINAS. Causos Gerais lança documentários sobre personalidades. 2024. Disponível em: https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/17-07-2024/causos-gerais.html.

TRIBUNA DE MINAS. Cinema em Movimento exibe filmes gratuitos no Memorial Itamar Franco. 2025. Disponível em: https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/20-05-2025/filme-cinema-em-movimento.html.

MUSEU DA PESSOA. Metodologia para coleta e organização de histórias de vida. Disponível em: https://museudapessoa.org. Acesso em: 10 maio 2025.

SANTHIAGO, Ricardo. História oral e memória. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

UFJF. Projeto História da UFJF. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

UFJF. Centro de Conservação da Memória da UFJF (CECOM). Disponível em: https://www2.ufjf.br/cecom. Acesso em: 10 maio 2025.

Instagram: https://www.instagram.com/causosgerais/

Conhecendo as rendeiras da Casa de José de Alencar

Márcia Pereira de Oliveira (UFC) marpeol@ufc.br

INTRODUÇÃO

Quem visita a Casa de José de Alencar fica surpreso ao saber que o museu do equipamento não é composto por peças relacionadas a José de Alencar. Em aproximadamente duzentos metros quadrados estão expostas peças de cultos de religiões de matriz africana, objetos utilizados para torturar pessoas escravizadas, rendas e os apetrechos usados na confecção do têxtil. As peças em questão pertenceram ao extinto Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará. Adquiridas entre 1957 e 1968 as peças, em grande parte, foram suportes das pesquisas realizadas no IAUC. Enviadas ao Sítio Alagadiço Novo em 1981, as peças compõem um grupo muito maior de itens que formam acervos museológico e arquivístico. Mas que acervos são esses e como ele foram formados e em que momento passaram a fazer parte da casa em que nasceu o romancista José de Alencar? Para contar essa história (ou histórias) precisamos nos reportar a década de 40 do século passado quando os intelectuais e políticos brasileiros procuravam traçar um perfil identitário para a 'nação brasileira'. Símbolos que além de representar o país educariam a população criando um sentimento de 'amor à Pátria'. Norteados pelos artistas, pesquisadores, professores e legisladores da década de 1920, mapearam as produções populares elegendo festas, fazeres, crenças e outros elementos que consideraram representativos da chamada 'cultura brasileira' ou 'nacional'. Entre os pesquisadores está Maria Luíza de Araújo Ramos. Professora da Escola Nacional de Música. Viúva do maestro e pesquisador Luciano Gallet, casou-se com Arthur Ramos em 1936. Além de pesquisar a produção das rendas colaborou com todas as pesquisas do marido. Elegendo a renda como tema de pesquisa o casal Ramos criou um 'inquérito'. Um questionário que era enviado pelo correio a amigos e conhecidos em outros estados. Através desses questionários os Ramos procuravam levantar dados sobre a produção das rendas, as lendas e histórias, além de identificar e traçar um perfil das rendeiras. O responsável pelo preenchimento do documento deveria enviar uma amostra de vinte centímetros da renda. Além das amostras o médico e a professora adquiriram bilros e outros elementos utilizados na confecção das rendas de bilros. A pesquisa resultou na publicação intitulada Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil: Nota preliminar e roteiro de pesquisa (1948). O material reunido deveria ilustrar futuras publicações, mas o falecimento inesperado de Arthur Ramos em 1949 limitou as pesquisas e dificultou novas publicações.

Em 1952 a viúva de Arthur Ramos vendeu as peças de pesquisa do marido, a biblioteca, arquivo e a discoteca para a Biblioteca Nacional (BN). Em 1957 a Universidade do Ceará (UC) comprou o acervo do Dr. Ramos e parte da biblioteca, do arquivo e da discoteca do antropólogo. Também comprou as rendas da professora de música (já falecida) da irmã da pesquisadora. As peças passaram a compor o acervo do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará. Dentro do Instituto as peças forma higienizadas e catalogadas. Cada objeto foi numerado, separado em coleções, registrado em livro de tombo e fichado.

A Coleção Arte Popular e Rendas do Ceará foi reunida dentro do IAUC. Formada por utensílios em cerâmica, esculturas em barro cozido e em barro cru, rendas e labirintos produzidos no Ceará. Todo acervo foi tratado por Valdelice Girão que também coletou rendas no Ceará. Junto com a documentação e acondicionamento do acervo, Valdelice, se dedicou a uma pesquisa minuciosa com as rendas. O resultado da pesquisa está no catálogo Renda de Bilros que foi publicado em 1981 e reeditado em 2013. Durante sua existência o IAUC passou por várias sedes. Extinto em 1969, deu origem a Faculdade Ciências Sociais e Filosofia da UFC. Em 1974 o acervo e os documentos do equipamento foram transferidos para o Campus do Pici e lá permaneceram encaixotados até 1979 e em 1981 foram transferidos para a Casa de José de Alencar onde se encontram até hoje. Desde 2005 tenho trabalhado no mapeamento e na pesquisa do acervo da CJA. Em 2010 as duas coleções foram meu objeto de estudo na especialização Latu Sensu em Ensino da História do Brasil do Instituto de Teologia Aplicada (INTA) e em 2014 a coleção Luíza Ramos foi alvo de investigação no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O fim do mestrado não significou o fim da pesquisa. Em mais de uma década me dediquei ao levantamento de dados relacionados a todo acervo da CJA. Um processo que também consistiu em uma constante releitura das fontes contidas no arquivo. Durante esse período me deparei com muitos nomes em correspondências tanto do casal Ramos quanto do IAUC, relatórios, anotações, rascunhos e notadamente das fichas catalográficas. Minhas primeiras escolhas foram pautadas no levantamento dos nomes dos informantes e dos doadores/vendedores/coletores das coleções de rendas. Durante muito tempo ignorei o registro dos nomes das rendeiras. Ainda assim, consegui perceber que, sim, existiam alguns nomes de rendeiras.

MATERIAIS E MÉTODOS

Questionada pela jornalista Isabel Gurgel comecei a procurar nomes de rendeiras nas anotações, fichas, correspondências, relatórios, questionários e outras fontes produzidas pelo casal Ramos e pelos pesquisadores do Instituto de Antropologia. Inicialmente imaginei que encontraria uns quinze nomes. Comecei revisando as fichas e, pouco a pouco informações como nome, idade, cidade etc., foram aparecendo e eu pude, finalmente, ‘conhecê-las’. No primeiro dia de pesquisa registrei trinta e cinco nomes. Em meses de levantamento consegui mapear cento e sete nomes. Quem eram essas mulheres, onde e em que época viveram?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento revelou uma centena de nomes, cento e sete pessoas que viveram entre o final do século XIX e a década de sessenta do século XX. Mulheres, meninas (três), agricultoras, doméstica (uma), professoras, uma ex-escravizada, donas de casa, trabalhadoras, mães, avós e esposas que colaboraram com as pesquisas doando amostras de rendas, bilros e outros itens confeccionados por elas e por terceiras. Segundo os documentos, grande parte das artesãs eram cearenses, mas fizeram parte do estudo rendeiras baianas, alagoanas, catarinenses, fluminenses, paraibanas, mineiras, além de quatro portuguesas e uma francesa. Pelo pouco que pude mapear, nem todas as rendeiras pertenciam às chamadas 'classes populares' e nem todas eram negras, embora eu acredite que essas fossem a maioria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transitando entre Ariadne, Penélope e Aracné fui puxando, esticando, tecendo e, às vezes, destecendo os fios que me permitiram conhecer um pouco dos perfis das artesãs que se revelavam (e continuam se revelando) nas fontes, ainda, em pesquisa. Aos poucos fui conhecendo as muitas Marias. Algumas eram que eram só Marias e outras eram do Carmo, da Penha, Antônia, José, Bendita, da Glória, Idália, Francisca, de Lurdes, Edite, Zilma, a pequena Maria Luiza (9 anos), a Mariazinha do Xicó, Mariinha Correia e a Marquinha do seu Álvaro, além da Maria Caicó. Não posso esquecer da Maria Felismina e da Felismina Maria. A Cândida que era Maria, a Maria que era Cândida e as Joaquinas que não eram Marias. Conheci a Almerinda, a Alda, a Alzira, a Angélica e as Anas, Franciscas, Raimundas e Joanas. Chagas e Cabral Aragão apresentaram sobrenomes e Bela, Neném, Sia e as Sinhás apenas os apelidos. Entre elas estavam Belém, Eunice, Carmélia, Carmem, Cecília, Eleutéria, Eufrásia, Ernestina, Ester e a Eudóxia. Também estavam Firmina, Francine, Flávia, Eugenie, Josefa, Georgentina, Gerarda, Henriqueta, Honorata, Leopoldina, Lurdes, Magdalena, Nemésia, Neodêmia, Neusa. Olímpia, Flávia, Olinda, Rita, Rosa, Rosineia, Santa. Sebastiana, Tomásia, Vetúria, Virgínia, Zefinha e Zuila. Nas fontes encontrei registros da juventude da Maria Luíza, da Eldenia e da Mariana, assim como a experiência da Vovó Luíza e da D. Gertrudes. A continuidade da pesquisa permitirá conhecer mais as rendeiras e seus perfis.

PALAVRAS-CHAVE
Rendeiras, Antropologia, Instituto

AGRADECIMENTO
Universidade Federal do Ceará

REFERÊNCIAS
Manuscritos, fichas, fotografias e documentos da Casa de José de Alencar

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Relatório Geral do Museu Antropológico do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará. Fortaleza: Universidade do Ceará, 1960/1973.
_____. Renda de Bilros. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2013
OLIVEIRA, Márcia Pereira de. Coleções Luíza Ramos e Rendas do Ceará: Narrativas sobre a valorização da cultura popular e o desenvolvimento regional (1935-1973). Monografia. Fortaleza: Instituto de Teologia Aplicada (INTA), 2010.
_____Coleção Luíza Ramos: Um Nordeste imaginado em rendas. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de Janeiro, 2014.
RAMOS, Luíza e Arthur. A Renda de bilros e sua aculturação no Brasil: Nota preliminar e roteiro de pesquisas. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia, 1948.

Serviço de Conservação e Restauração do Museu de Arte Sacra da UFBA: a busca por um setor técnico-científico

Adiane Candeias (UFBA) - ane.candeias@gmail.com
Sandra Teles dos Santos (UFBA) – steles13@gmail.com
Elis Marina Mota (UFBA) - elismarinamota@gmail.com
Cláudia Guanais (UFBA) - cmguanais@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe apresentar um relato da experiência dos 65 anos do Serviço de Conservação e Restauração do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS/UFBA), demonstrando o percurso percorrido pelo setor em busca de um ambiente técnico-científico comprometido com a preservação do patrimônio cultural de forma responsável e criteriosa. Bem como, incurso com a pesquisa, o ensino e a extensão, já que está localizado em um museu universitário. O MAS/UFBA, que se originou a partir de um convênio com a Arquidiocese de Salvador e a UFBA, foi aberto ao público em 10 de agosto de 1959 na ocasião do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, sendo considerado, no gênero, o mais importante da América Latina (Universidade Federal da Bahia, 1981, p. 10). A instituição está alocada no antigo Convento e Igreja de Santa Teresa dos Carmelitas Descalços, conjunto arquitetônico construído na segunda metade do século XVII, em Salvador, Bahia, que passou por obras a partir de 1956, restaurado e adaptado para a sua nova função de uso.

MATERIAIS E MÉTODOS

Realizamos uma pesquisa no repositório de documentos, dossiês, trabalhos acadêmicos e materiais didáticos do Serviço de Conservação e Restauração do MAS/UFBA, com o objetivo de identificar informações sobre práticas fundamentadas cientificamente. Também relembramos os relatos orais sobre a história institucional, compartilhados pela equipe durante visitas técnicas e palestras em eventos acadêmicos. Com as informações coletadas, estamos construindo uma planilha que reúne dados sobre as peças tratadas e as principais atividades de ensino, pesquisa e extensão do setor. A tabela em construção também nos ajudará a identificar as necessidades do acervo, monitorar os tratamentos realizados e evidenciar o envolvimento técnico-científico da equipe. A documentação já analisada inclui comunicações internas, ofícios, projetos, contratos, fotografias, dossiês, relatórios e laudos. Para facilitar a organização dos arquivos com documentação textual e iconográfica, criamos um fluxograma que orienta o trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O espaço ocupado pelo Serviço de Conservação e Restauração do MAS/UFBA é conhecido como “Atelier de Restauro Liana Gomes Silveira”, em homenagem à primeira coordenadora do setor. Liana foi aluna e assistente do professor João José Rescala, a partir de 1956, quando integrou a equipe dele, responsável pelo restauro dos elementos artísticos do Convento de Santa Teresa. Trabalho amplamente reconhecido como um marco na restauração baiana (Argolo, 2014, p. 170). Um aspecto notável é a clara distinção entre as áreas restauradas do retábulo do Transepto da Igreja, optando-se por deixar as partes de talha complementadas sem douramento. A escolha alinhou-se a um critério didático, considerando que o espaço seria parte de um museu universitário. Nos anos seguintes, Silveira se especializou em restauro em Madrid (1959) e no Instituto Real do Patrimônio Artístico (IRPA) em Bruxelas (1978).

A partir da pesquisa de José Dirson Argolo, identificamos que, de 1978 a 1979, a equipe, sob a coordenação de Silveira, formou um núcleo para colaboração no projeto proposto por Valentín Calderón, então diretor do MAS, em parceria com o Governo do Estado, para criar um “Centro de Restauro de Excelência na Bahia”, inspirado em uma “UTI Móvel” (Argolo, 2014, p. 177-178). Nos anos 2000, surgiram outros momentos de destaque na trajetória institucional, como, de 2009 a 2019, sob a coordenação de Cláudia Guanais, o setor avançou ao oferecer cursos de extensão voltados ao aperfeiçoamento de técnicas e métodos de restauro com o conservador-restaurador italiano Gianmario Finadri, bem como garantiu a contratação de profissionais terceirizadas da área, diversos estagiários e ofertou novas vagas efetivas.

Atualmente, a equipe conta com Cláudia Guanais, Sandra Teles, Elis Marina Mota e Adiane Candeias, apesar dos diferentes níveis de contratação, todas empenhadas em buscar o aprimoramento do serviço, seja trabalhando em projetos para adquirir equipamentos e materiais adequados para a prática profissional, ou ao aprofundar em pesquisas. Além disso, acompanham estudantes dos cursos de Museologia e Artes Visuais, estagiários e apoiam pesquisadores de graduação e pós-graduação. A exemplo do engajamento técnico-científico nas atividades, citamos as palestras promovidas junto ao curso de Museologia da UFBA: “Fotografia Multiespectral aplicada ao patrimônio cultural” com o professor Alexandre Leão, da EBA/UFMG (2023) e “O papel de trapo: o estudo da materialidade enquanto documento”, com a professora Marina Furtado Gonçalves (2022). Em 2023, em parceria com a Rede de Profissionais da Conservação e Restauro (RECORE) e o Laboratório Móvel do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), foi realizada a Semana Científica de Arte e Patrimônio" no MAS/UFBA, com investigações físico-químicas não destrutivas em

pinturas de cavalete do período barroco da América Andina, pertencentes ao acervo do museu desde 1961. A programação incluiu quatro atividades de extensão: laboratório aberto; oficina de cores para secundaristas; minicurso e palestra de encerramento com resultados preliminares. Em 2024, uma Live no canal de YouTube do MAS/UFBA apresentou novos resultados e anunciou a formalização do convênio com o IFRJ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a memória institucional é essencial, principalmente em um serviço técnico especializado como a conservação de acervos, a prática assegura a preservação da própria história com compromisso ético profissional. O Serviço de Conservação e Restauração do MAS/UFBA destaca-se como um laboratório de referência no Nordeste do Brasil. Apesar das dificuldades financeiras e logísticas manteve-se com equipe qualificada, mesmo sem cursos formais na área nesta região. O fato de ser um museu universitário favorece a oferta de vagas e os planos de carreiras garantem que parte do corpo técnico permaneça especializado. A integração de profissionais terceirizados, embora desafiadora pela falta de recursos, é crucial, já que a excelência dos serviços prestados é reflexo da colaboração coletiva da equipe. No entanto, é importante ressaltar que a alta capacitação dos contratados nem sempre é refletida nos contratos administrativos disponíveis.

Além disso, as ações do setor são reflexos das políticas culturais das gestões dos dirigentes do MAS/UFBA e/ou de reitores, mediante seus compromissos com a preservação do patrimônio cultural. Por fim, apesar da organização de documentação e sua análise ainda estarem em andamento, podemos ressaltar novamente a importância da colaboração coletiva, essencial para o desenvolvimento e a continuidade das atividades de conservação em um museu. Assim, fica evidente que os profissionais atuantes nestes 65 anos do Serviço de Conservação e Restauração do MAS/UFBA sempre buscaram estar alinhados ao seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE

Conservação e restauração. Preservação de Acervos. Museu de Arte Sacra da UFBA.

AGRADECIMENTOS

À diretora do MAS/UFBA, Maria Herminia Olivera Hernández; ao LabMóvel do IFRJ; ao edital PAEx 2023 da Pró-Reitoria de Extensão da UFBA e à RECORE/UFBA.

REFERÊNCIAS

ARGOLO, José Dirson. Análise da restauração de pinturas artísticas referenciada na intervenção em painéis de José Joaquim da Rocha, pertencentes ao acervo da Santa Casa da Misericórdia, Salvador, Bahia. Tese de doutorado, Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Catálogo do Museu de Arte Sacra da Bahia. UFBA, Salvador, 1981.

O uso de géis nanoestruturados na conservação de bens culturais científicos: O projetor do fazedor de fitas

João Vitor Monteiro Moreira (UFMG) - jvmm@ufmg.br
Jussara Vitória de Freitas (UFMG) - jussaravitoria@ufmg.br
Camilla Henrique Mais de Camargos (UFMG) - camillahmc@ufmg.br

INTRODUÇÃO

Preservar um objeto tecnológico, seja ele um instrumento científico antigo ou um equipamento cinematográfico obsoleto como objeto de estudo desta pesquisa, envolve compreender sua origem, seu funcionamento e seu papel dentro de uma sociedade. Essa visão implica que a conservação pode envolver a manutenção da capacidade de funcionamento (mesmo que para fins demonstrativos), a documentação de sua história e evolução, e o reconhecimento de seu valor como testemunho de saberes ou de um determinado momento tecnológico e social.

Igino Bonfioli, apelidado como fazedor de fitas, foi um importante cineasta e imigrante italiano que, por meio de doação de sua filha, depositou no Acervo Imagens de Minas, vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais, um conjunto de equipamentos cinematográficos com alterações realizadas pelo próprio Bonfioli, que revelam técnicas construtivas singulares para o campo da conservação-restauração.

A obra escolhida como objeto de estudo foi o Projetor de base fixa, um equipamento sonoro para filmes de 35mm da Cinemeccanica Milano, com lente Zeiss e modificações feitas por Bonfioli. Considerando o estado de conservação da peça e a presença de sujidades de diferentes naturezas (particulados, materiais gordurosos, entre outros), foi adequado realizar intervenções de limpeza com hidrogéis nanoestruturados, uma alternativa controlada e eficaz para a remoção de sujeiras que exigem tratamentos químicos, visando à preservação das técnicas construtivas presentes no projetor de Igino Bonfioli. Esses hidrogéis de limpeza têm como objetivo remover apenas os materiais e camadas indesejados, sem deixar resíduos, seja do gel ou do fluido de limpeza, garantindo que não haja depósitos indesejados. Nesse sentido, o uso de géis nanoestruturados surge como uma alternativa promissora, buscando uma limpeza controlada e adequada que pode ser adaptada às particularidades de cada tipo de material e sujidade presente no projetor.

O objetivo geral deste estudo foi avaliar a eficácia do uso de géis nanoestruturados na limpeza e conservação de equipamentos cinematográficos de natureza tecnológica, considerando a natureza manufaturada e todas as técnicas construtivas presentes no objeto, mas com métodos que assegurem a integridade do acervo enquanto possibilitam sua preservação adequada. Este processo contribuiu para o desenvolvimento e aprimoramento de técnicas na área da conservação-restauração, no que diz respeito à limpeza de equipamentos tecnológicos. Ao aplicar essa técnica, avaliou-se a eficácia e possibilitou criar metodologias seguras para a limpeza de equipamentos com técnicas construtivas diversas e características industriais e manufaturadas, permitindo o acesso futuro a essas importantes peças do patrimônio audiovisual.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa baseou-se em referências nos campos da conservação-restauração, museologia e química, tendo como base também as ideias da metodologia de Bárbara Applebaum para intervenções fundamentadas em critérios de mínima invasividade, compatibilidade e retratabilidade. Também se apoiou nos conceitos de Salvador Muñoz Viñas, que destacam a importância de refletir sobre o propósito das ações (por que se faz) em relação à prática (o que se faz), considerando os valores atribuídos ao objeto, a subjetividade do conservador e o contexto. Assim, este trabalho resultou na realização de diagnósticos, critérios de intervenção e avaliações de segurança e eficácia para comprovar a aplicabilidade dos géis nanoestruturados na conservação de bens culturais pertencentes a acervos científicos. Os métodos incluídos abordaram:

- Produção de hidrogéis de álcool polivinílico, por meio do método de congelamento/descongelamento.
- Aplicabilidade do uso de hidrogéis: Adaptabilidade à superfície do projetor, facilidade na remoção e a ausência de resíduos após a limpeza;
- Desempenho comparativo com outros tratamentos: Analisar resultados em comparação com resultados de outros tratamentos, levando em conta o material e a técnica necessária;
- Reaproveitamento e/ou descarte: Proceder de forma correta com os géis nano estruturados após a aplicação;
- Toxicidade: Avaliar os géis como uma alternativa mais saudável do que o uso de solventes não confinados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso de géis, conhecidos por suas propriedades de evaporação e estabilidade, foi cuidadosamente analisado em relação à composição e fragilidade dos materiais como vidros e metais. Dessa forma, tendo essas análises como referência, foram elaboradas estratégias de aplicação baseando-se também nas avaliações de segurança física do contato dos géis nanoestruturados em diferentes materiais presentes no projetor.

Espera-se que após o tratamento com géis, os resultados indiquem sua eficácia na proteção dos componentes do projetor, como metais e vidros, frente a diferentes condições ambientais — desde ambientes controlados, como reservas técnicas, até exposições em condições ambientes. Assim, os dados obtidos permitirão avaliar o desempenho dos géis na prevenção da deterioração, contribuindo para estimativas mais precisas da longevidade dos materiais do projetor em diversos cenários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A documentação fotográfica (pré e pós tratamento) permitirá a visualização de detalhes importantes, o que facilitará a análise futura e a comparação do estado do projetor antes e depois de qualquer intervenção e assim comprovando a eficiência dos géis. Além disso, a documentação científica assegura que exista um meio de mapear as manifestações patológicas (danos) e as ações de conservação-restauração realizadas, proporcionando informações para estudos ou intervenções posteriores.

PALAVRAS-CHAVE

Igino Bonfioli. Géis nanoestruturados. Bens Culturais Científicos. Coleções Universitárias.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa teve o apoio por meio do Edital Nº 765/2024/EBA-DIR-UFMG - CHAMADA INTERNA EBA Nº 01/2024 - “Concessão de auxílio financeiro ao estudante para apoio à realização de projetos de discente”.

REFERÊNCIAS

APPELBAUM, Barbara. Conservation treatment methodology. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2007.

BAGLIONI, Piero. Selective removal of over-paintings from "Street Art" using an environmentally friendly nanostructured fluid loaded in highly retentive hydrogels. Journal of Colloid and Interface Science, v. 595, p. 187–201, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jcis.2021.03.054. Acesso em: 9 dez. 2024.

NANORESTART. Nanomaterials for the conservation of cultural heritage: Libretto. 2017. Disponível em: http://www.iq.ufrgs.br/nanorestart/images/folders/libretto.pdf. Acesso em: 9 dez. 2024.

O acervo do Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha (MHNCE/UECE)

Rodrigo Castellari Gonzalez (MHNCE/UECE), rodcastgon@gmail.com
Eliseu Marlônio Pereira de Lucena (MHNCE/UECE), eliseu.lucena@uece.br
Marco Aurélio Crozariol (MHNCE/UECE), marcocrozariol@gmail.com
Sheila Patrícia Carvalho-Fernandes (MHNCE/UECE), sheilapcfernandes@gmail.com
Aldo Caccavo (MHNCE/UECE), acaccavo@gmail.com
Daniel Cassiano Lima (MHNCE/UECE), daniel.cassiano@uece.br

INTRODUÇÃO

Um museu de História Natural (MHN) é destinado ao estudo da vida e suas manifestações, desempenhando o importante papel como centros de estudo da biodiversidade, bem como são fiéis depositários do patrimônio genético (Zaher e Young, 2003; Suarez e Tsutsui, 2004; Gómez-Bahamón, 2023). O acervo de um museu tem aplicações diversas, desde pesquisas básicas sobre origem e evolução dos organismos (ex. taxonomia e sistemática), até estudos de conservação, manejo de recursos naturais, criação de leis ambientais, estabelecimento de listas de espécies ameaçadas, monitoramento de distribuição de organismos, bem como auxiliam nas tomadas de decisões pelos gestores frente às adversidades ambientais, tais como as mudanças climáticas (Suarez e Tsutsui, 2004; Cavarzere et al. 2017; Hope et al. 2018; Schmitt et al. 2018; Gómez-Bahamón, 2023).

O Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha (MHNCE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), está sediado no município de Pacoti, na região do Maciço de Baturité, Ceará. Fundado em 2019 através de uma parceria da UECE, SECULT e Museu Nacional, o MHNCE é uma instituição dedicada à preservação, pesquisa e divulgação do patrimônio natural cearense e tem como objetivo criar e manter acervos biológicos representativos do Estado, financiado pela FUNCAP. O objetivo deste trabalho é apresentar o MHNCE à comunidade museológica, destacando a representatividade e importância do seu acervo para o Estado do Ceará.

MATERIAIS E MÉTODOS

Desde seu início, o MHNCE recebe espécimes da fauna e da flora através de diversas fontes, como doações da população, instituições, polícia ambiental, consultorias e projetos de pesquisa. Os espécimes recebidos são preparados de acordo com a metodologia adequada para cada grupo (meio seco ou líquido), são registrados em livro tombo, recebendo um número de catálogo e dispostos em acervo sistematizado, com controle de temperatura e umidade. Funcionando como uma biblioteca, o acervo está disponível para a consulta mediante a solicitação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, o MHNCE conta com um acervo com 17.864 espécimes tombados, distribuídos em um herbário e 18 coleções zoológicas, que documentam a diversidade biológica do estado.

O Herbário do MHNCE reúne atualmente 1.961 exemplares de plantas (exsicatas), sementes e frutos. O acervo é constituído majoritariamente por espécies nativas do Ceará, com registros oriundos da Caatinga e de áreas Serranas Úmidas, como do Maciço de Baturité, incluindo táxons endêmicos e de importância ecológica e econômica. Por sua vez, o acervo zoológico, atualmente com 15.903 espécimes, é dividido em 18 grupos, com destaque para as coleções de: anfíbios (n=853 espécimes), aracnídeos (n=2.108), aves (n=1.274), fósseis (n=20), insetos (n=9.200), mamíferos (n=975), moluscos (n=218), peixes (n=46) e répteis (n=1.053). De modo geral, este constitui um acervo bastante heterogêneo e representativo da região Nordeste; abrigando espécimes tanto regionais, quanto de outros estados e inclui espécimes antigos, raros, ameaçados de extinção e material tipológico. A importância do MHNCE para o estado do Ceará reside não apenas na salvaguarda da biodiversidade regional, mas também na sua função como centro de referência em pesquisa, educação e extensão. O acervo do museu subsidia projetos científicos voltados à sistemática, biogeografia, conservação e vigilância ambiental, em parceria com universidades, escolas, órgãos ambientais e instituições de saúde pública. Além disso, atua na formação de estudantes e jovens cientistas por meio de programas de iniciação científica e voluntariado técnico, promovendo a valorização da ciência e da museologia no contexto cearense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como instituição museológica, o MHNCE reforça a importância dos Museus de História Natural como espaços de memória, ciência e cidadania. Seu acervo físico representa não apenas a diversidade biológica do Ceará, mas também o esforço coletivo de documentar e preservar o patrimônio natural frente às crescentes ameaças ambientais. Ao apresentar essa riqueza à comunidade museológica do Ceará, o MHNCE reafirma seu compromisso com a construção de uma rede colaborativa voltada à conservação do nosso patrimônio natural e ao fortalecimento da museologia científica no estado.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio natural. Pesquisa científica. Coleções zoológicas. Herbário.

AGRADECIMENTOS

Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (número do processo: 07321726/2023).

REFERÊNCIAS

CAVARZERE, V. et al. Museum collections indicate bird defaunation in a biodiversity hotspot. Biota Neotropica, v. 17, n. 4, e20170404, 2017.

GÓMEZ-BAHAMÓN, V. Museum specimens uncover the past, present and future. Nat. Clim. Chang., v. 13, p. 608-609, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1038/s41558-023-01694-5. Acesso em: 22 maio 2025.

HOPE, A. G.; SANDERCOCK, B. K.; MELANEY, J. L. Collection of Scientific Specimens: Benefits for biodiversity sciences and limited impacts on communities of small Mammals. BioScience, v. 68, n. 1, p. 35-42, 2018.

SCHMITT, C. J. et al. Museum specimens of terrestrial vertebrates are sensitive indicators of environmental change in the Anthropocene. Phil. Trans. R. Soc. B., v. 374, 20170387, 2018.

SUAREZ, A. V.; TSUTSUI, N. D. The value of museum collections for research and society. BioScience, v. 54, n. 1, p. 66-74, 2004.

ZAHER, H.; YOUNG, P. S. As coleções zoológicas brasileiras: panorama e desafios. Ciência e Cultura, v. 55, n. 3, p. 24-26, 2003.

Museu do Barro – UFSJ: um espaço onde as “Jandiras” fazem uma revolução com os tecidos, as linhas e as agulhas

R. R. Dalva Pereira (Universidade Lusófona) - dalvadosreis@gmail.com
Regilan Deusamar Barbosa Pereira (UFSJ) - regilandeusamar@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em 17 de fevereiro de 2024 nascia o grupo de costura ligado ao Museu do Barro que é um dos núcleos museológicos do Centro de Referência de Cultura Popular Max Guedes – CEMAX, ligado à Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ. Batizado de “Jandiras – coletivo de costurices”, formado por mulheres que transformam os retalhos, os tecidos, os aviamentos, máquinas de costura, livros e revistas em instrumentos de criação de uma “revolução das linhas, das agulhas e dos afetos” [1]. Através de encontros semanais para a produção de costuras, bordados e outras artes manuais, as integrantes do grupo se manifestam a respeito de temas sociais que envolvem desde questões individuais aos problemas da comunidade.

O nome que é dado ao grupo, Jandira, tem origem indígena e possui um significado especial relacionado à natureza:

> “Derivado da palavra îandyrá, presente em algumas culturas indígenas brasileiras, o nome está associado ao mundo das abelhas e traz uma metáfora bonita: a abelha é um ser incansável, trabalhador e cooperativo, e essas características podem refletir nas pessoas que possuem esse nome. Jandira é sinônimo de dedicação, esforço e organização, características valorizadas na vida pessoal e profissional. É um nome que ressoa com delicadeza e que representa a força interior e a capacidade de fazer a diferença no mundo.” [2]

A proposta faz parte do Programa da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de São João del Rei, instituição que é a gestora do Museu do Barro e apoia esta prática da museologia com inspiração comunitária. Por ser interdisciplinar, a museologia permite que conceitos e posturas da Sociomuseologia ofereçam base teórica para uma interlocução entre diversas ações que promovam o desenvolvimento humano e suas possibilidades de sobrevivência digna em determinado território além de quebrar hierarquias de poder dentro do próprio museu, pois as participantes das atividades manifestam seus desejos de usos e ocupação do prédio e suas vozes são ouvidas nos momentos de planejamento e gestão do museu.

[1] Inspiração de Regilan Deusamar
[2] https://revistacrescer.globo.com/guiadenomes/jandira/index/feed/pagina9.



Diversos momentos do Coletivo das Jandiras (Fotos de autorias das integrantes do coletivo)

Mário Moutinho, que se destaca como uma das grandes lideranças do movimento da Sociomuseologia aponta as possibilidades que se abrem para o museu, a partir de uma real participação da comunidade em suas ações:

> Mais importante do que observar, a Nova Museologia propunha o ato de realizar, com suporte de reflexão e de intervenção. A ideia de trabalho coletivo integrava-se nesta atitude introduzindo a ideia de que a exposição museológica era, ou deveria ser, antes de tudo, um processo de formação permanente e não mais o objeto de contemplação. (in BRUNO, 2011. Vol. 2, p. 54)

Entre os objetivos propostos para o coletivo, destaca-se o desejo de:

- Reconhecer as possibilidades de saberes ligados às artes têxteis, costura e produção de artefatos experimentadas por diferentes grupos, como oportunidades de ação política, de experimentação e de consolidação de processos museais. Promover as atividades de costura e artesanato como habilidades fundamentais para conscientização econômica e ambiental. A conscientização econômica será no sentido de redução de consumo da moda fast-fashion, que tem ciclo de vida muito curto, por isso contribui para poluição do meio ambiente. Ao aprender o básico da costura e artesanato têxtil, o reuso e o aproveitamento das peças de brechó serão mais amplamente desenvolvidos, da mesma forma as peças artesanais ganharão maior visibilidade, por serem compreendidas como peças de produção local, confeccionadas de forma humanizada e sem exploração do trabalho;

- Propiciar encontro entre diferentes gerações nas oficinas através da realização artística e cultural entre mulheres artesãs e costureiras: faixa etária entre 25 e 87 anos;

- Colaborar com a difusão do sistema de Economia Popular Solidária no campo das artes. A realização deste projeto artístico e cultural irá promover a conexão entre diferentes artistas, feirantes, produtores culturais, promovendo o fomento e diversificação das atividades econômicas e artísticas em São João Del Rei.

Em seu artigo “Educação, arte, cultura e economia no ateliê de figurino – a costura performativa das mãos das fadas mineiras”, publicado no livro “Figurino em roda – pedagogia, processos, entre outros feitiços”, Regilan Deusamar definiu o ambiente de um ateliê de costura como:

> Um autêntico espaço de produção artística cultural, pedagógica e econômica, desde que as artes e a cultura sejam matérias de estudos e práticas, ou seja, desde que um coletivo se forme com a tarefa de estudar, costurar roupas e prover as necessidades de vestimenta e acessórios têxteis de pelo menos parte de seu entorno social”. (PEREIRA in SCHWARZ, 2024)

Atualmente, além das aulas de costura, acontecem aulas de bordado, crochê e outras artes manuais, que possibilitam que as mulheres usem estas técnicas como um fio condutor, costurando metáforas para a alma e inspirando as mãos tecelãs para criar um objeto poético têxtil, como porta de conexão e materialização de verdades fundamentais nos lembrando do que somos feitos. São técnicas artísticas que conferem às vestes que cuidam de nossos corpos, a humanidade e delicadeza do feito à mão

PALAVRAS-CHAVE

Coletivo de Mulheres – Costuras e Bordados - UFSJ – Museologia Social - Museu do Barro

REFERÊNCIAS

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). O ICOM – Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.
PEREIRA, Regilan Deusamar Barbosa. Educação, Arte, Cultura e Economia no Ateliê de Figurino: a costura performativa das mãos de fadas mineiras __IN_SCHWARZ, Erika (org.). Figurino em Roda: pedagogias, processos e outros feitiços. São Paulo: Editora Provisória, 2024.

Museu universitário de arte – MUnA: ensino, pesquisa e extensão

Ana Helena da silva Delfino Duarte (UFU) – anaduarte@ufu.br

INTRODUÇÃO

A presente apresentação tem como objetivo apresentar a estrutura e ações realizadas no MUnA-Museu Universitário de Arte, vinculado ao Instituto de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia IARTE/UFU, (Imagem,1). A comunicação iluminará os seguintes pontos de reflexão: a importância da criação de um Museu Universitário de Arte e a interação dos museus universitários com o ensino, pesquisa e extensão.

O Museu Universitário de Arte (MUnA) é órgão complementar do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (IARTE/UFU) sob a coordenação do Curso de Artes Visuais. O museu integra o Sistema de Museus da UFU (SIMU).

Criado em 1996, iniciou suas atividades dois anos depois, ao inaugurar sua sede com uma exposição coletiva de docentes do curso. Localizado num importante corredor cultural da cidade de Uberlândia, o edifício-sede conta com galerias expositivas, reserva técnica, sala de restauro, oficina e auditório. Nesses mais de 25 anos de atuação, tem desenvolvido atividades de ensino, pesquisa e extensão, com foco na preservação, no fomento e na formação em artes visuais.

Desde então, seu acervo vem sendo ampliado por meio de doações e aquisições, e atualmente conta com cerca de 750 obras de importantes artistas locais e outros de expressão nacional e internacional, tais como: Adélia Lima, Alfredo Volpi, Amílcar de Castro, Cildo Meireles, Di Cavalcanti, Fayga Ostrower, Geraldo Queiroz, Hélio Siqueira, Helvio de Lima, Ido Finotti, Julio Plaza, Maciej Babinsky, Maria Bonomi, Nelson Leirner, Renina Katz e Shirley Paes Leme.

O Muna tem como missão preservar, fomentar e valorizar a produção de artes visuais por meio da promoção de atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária; de ações de salvaguarda, ampliação e difusão de seu acervo; e de incentivo ao intercâmbio cultural e científico com instituições pares, buscando estimular a formação de sujeitos críticos e o fortalecimento de relações dialógicas entre seus públicos e o patrimônio cultural sob sua guarda.

Imagem 01: Museu Universitário de Arte- Muna



Fonte: acervo fotográfico do MUnA - 2025

Acervo

O Acervo possui cerca de 750 obras materializadas por meio da linguagem da pintura, gravura, desenho, escultura e imagem impressa. Para expandir e dar conhecimento do acervo, foi criado o projeto "MUnA Online" que busca divulgar o acervo artístico do museu na internet, ampliando o acesso ao patrimônio cultural deste museu regional. A primeira edição do projeto, "do museu para o mundo" (2020), realizou três ações: a publicação do acervo online por meio da plataforma Tainacan; a criação da série "Depoimentos" de minidocumentários dedicados a artistas do acervo; e a coleção "Olhando para a obra", de cunho educativo, voltada ao/a professor/a do ensino básico, que traz diversos olhares sobre as obras do acervo, acompanhada de informações sobre os artistas e propostas pedagógicas.
O Projeto pode ser conferido pelo site: https://acervomuna.com.br/sobre/



Localização

Urbana: Rua Coronel Manuel Alves, 309 - Fundinho - Uberlândia - MG.
Tipo de visita – guiada
Entrada – Franca
Acessibilidade - Rota externa acessível: Rampa

Espaços expositivos

O MUnA possui três salas de exposição (conforme podem ser visualizadas nas imagens 2, 3 e 4 a seguir). Suas exposições são organizadas por meio de editais públicos anuais, além de duas mostras realizadas anualmente, de forma alternada: o Sarte (Salão de Arte do Curso de Artes Visuais), dedicadas aos trabalhos dos alunos do IARTE - UFU, a partir de edital e banca de seleção; e a Exposição dos Professores do Curso de Artes Visuais da UFU, por adesão dos docentes interessados.

Auditório e Oficina

O auditório do MUna é utilizado para ministrar aulas, conferências e outras ações educativas e culturais, possuindo 60 poltronas para acomodação dos ouvintes. A Oficina tem capacidade para atender 20 pessoas e é utilizada no oferecimento de minicursos e outras atividades.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada em diferentes fontes e estratégias metodológicas. Foram utilizadas fontes documentais, incluindo registros institucionais e arquivos históricos, além da catalogação de obras pertencentes ao acervo do MUnA. A investigação também se apoiou em bibliografia especializada, como livros e monografias que tratam da história e do processo de criação do Museu Universitário de Arte. Como parte da construção da memória institucional, foram realizadas entrevistas com ex-coordenadores do MUnA, cujos relatos contribuíram para a compreensão da trajetória e das transformações do museu ao longo do tempo. Por fim, foi conduzida uma pesquisa in loco, envolvendo visitas ao espaço expositivo e às áreas técnicas, com o objetivo de observar diretamente a dinâmica museológica e os aspectos físicos e simbólicos que constituem a experiência do MUnA.

RESULTADOS E DICUSSÃO

Atualmente, o MUnA conta com quatro bolsistas remunerados e dois voluntários que atuam em diferentes frentes do museu. No campo da ação educativa, o número de visitas orientadas varia conforme o tema da exposição em cartaz, chegando a receber, em média, até 12 grupos por mostra, abrangendo públicos diversos — desde crianças da educação infantil até estudantes de graduação e pós-graduação.

Imagem 02: Museu Universitário de Arte- Muna



Fonte: acervo fotográfico do MUnA - 2025

As exposições realizadas no museu envolvem tanto obras do acervo institucional quanto produções de estudantes e docentes do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia. Essa dinâmica fortalece o caráter formativo e extensionista do MUnA, promovendo a integração entre ensino, pesquisa e comunidade.

O MUnA tem se consolidado como um polo de referência regional na área das artes visuais, especialmente na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, destacando-se como espaço de fruição, formação crítica e preservação cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

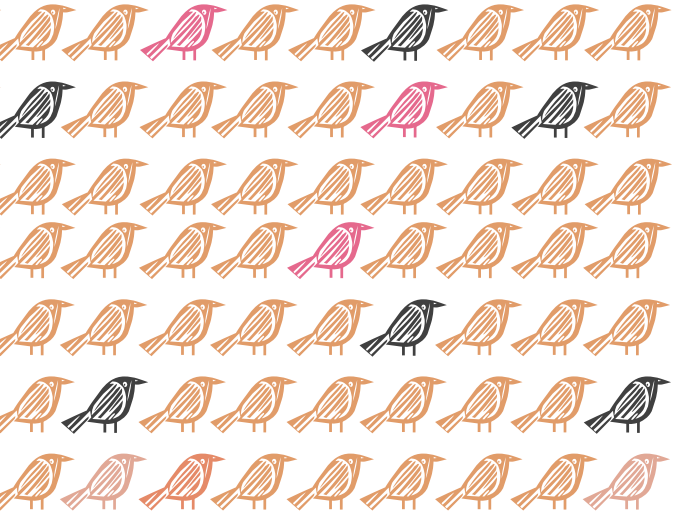
Durante meu percurso de 29 anos na carreira docente tive a oportunidade de participar, em vários momentos distintos, setores da equipe de trabalho do Muna. Atualmente estou como coordenadora (desde abril de 2024). Como a vivência adquirida na área, pude constatar o fato de que a existência do referido museu como espaço de pesquisa e extensão traz uma mais valia ao nosso alunário. Lá eles aprendem e se desenvolvem em assuntos como expografia, curadoria, montagem, manuseio de obras, além de diversas ações das programações atinentes ao museu. Importante salientar também a função sócio-educacional na formação dos alunos (atualmente há quatro bolsistas remunerados e outros que se oferecem para colaborar como voluntários). Há, de uma maneira geral, a percepção por parte dos alunos e dos próprios professores de que o Museu Universitário da UFU é uma extensão das salas de aula e uma conquista importante para o instituto de artes, além de ser uma interface com a comunidade e uma importante forma de divulgação de trabalhos da própria instituição e de artistas e expositores de todos os lugares. Em função principalmente disso, esse museu sempre viveu e sobreviveu do forte desempenho de trabalho realizado pelos docentes e discentes do curso de Artes. Essa atuação coletiva vem ampliando a dinâmica do museu e dando a ele destaque cultural, local e regional. Em síntese, o museu, vinculado ao curso de artes, se identifica como peça fundamental na formação dos alunos de graduação e pós-graduação.

PALAVRAS-CHAVE

Muna, museu universitário, pesquisa, extensão.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Sofia Martins de.Do DEART ao MUnA: o surgimento do Museu Universitário de Arte a partir das coleções de arte do Departamento de Artes Plásticas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 23 abr 2024.
Disponível em: https://acervomuna.com.br/sobre/ . Acesso em. mai. 2025
Disponível em: http://www.muna.ufu.br/index2.html- Acesso em mai. 2025



SALA 1
COMUNICAÇÃO, EXPOSIÇÃO E DIVULGAÇÃO DE PATRIMÔNIO

Mediador
Luciana Menezes

Avaliador dos trabalhos indicados à premiação
Rodrigo Luiz dos Santos (PUC-Campinas)

A sala evidenciou como comunicação e expografia qualificam salvaguarda, ensino e participação social em contextos universitários. No Acervo Imagens de Minas (UFMG), Jussara Vitória de Freitas, Bianca Leiva Rosa, Clara Maria Ferreira, Julia Cachoeira Castro e Maryana Sayuri Okuma relataram a musealização de um conjunto fílmico-fotográfico e de objetos técnicos do cinema, integrando disciplinas da graduação e pós-graduação. A metodologia combinou inventário, critérios de seleção para musealização, conservação, digitalização e montagem expositiva com forte protagonismo discente. O resultado materializou políticas de acesso e extroversão: mais de mil itens preservados fisicamente, cerca de 400 documentos digitalizados e dois catálogos, além de experiências formativas que cruzam comunicação, trabalho em equipe e ética na gestão de acervos audiovisuais.

A interface entre arte e ciência apareceu em Orgânica: A interface Arte e Ciência no Museu de Anatomia – UFRJ, de Juliana Theberge e Ludmila Ribeiro. A exposição de fotografias de estruturas anatômicas, cotejadas com formas vegetais, utilizou peças plastinadas do acervo e registros de campo na Ilha do Fundão; sem manipulações digitais complexas, apenas ajustes técnicos. Inaugurada em 2018, conquistou circulação, prêmios e adesão do público escolar, tornando-se ferramenta didática para suavizar barreiras afetivas em torno da anatomia e fortalecer a divulgação científica no museu.

Em chave de museologia social, Museus e Trapiches: as presenças ribeirinhas numa Universidade na Amazônia (UFPA) apresentou o Museu do Baixo Tocantins como “museu-trapiche”: dispositivo de passagem entre casa ribeirinha e universidade. Jones da Silva Gomes descreveu práticas formativas, expositivas e comunitárias que tomam a casa como arquétipo estético-patrimonial, rompendo dicotomias campo/cidade e tradição/modernidade. O espaço acolhe rodas de conversa, performances e educação ambiental, reconhece mestres locais e oferece equipamentos e formação a públicos diversos, articulando memória, território e direitos socioculturais.

A ativação patrimonial de referências indígenas guiou Patrimônio e Resistência no Museu Casa Borges (MuCB): a exposição “Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro”, de João Mário de Arruda Adrião, Renato Fonseca de Arruda, Marcio Monzilar Corezomae, Helena Cunha de Uzeda e Márcio Ferreira Rangel. A curadoria colaborativa com a Escola Estadual Julá Paré mobilizou documentação, oralidade e práticas como pintura corporal e roça de toco, convertendo o MuCB em plataforma de diálogo intercultural. O processo reforçou coautoria indígena, desmontou estereótipos e demonstrou o alcance dos museus universitários na salvaguarda de patrimônios materiais e imateriais em gestão compartilhada.

No campo da educação científica, Jogos Interdisciplinares no Ensino de Ciências: experiências no Museu de Anatomia da UFC, de Charlline Vládia Silva de Melo, implementou uma estação autônoma com 20 jogos sobre o corpo humano. Selecionados por aderência temática e potencial cooperativo, os jogos ativaram participação de estudantes do fundamental à graduação, aproximaram conteúdos da BNCC e favoreceram pensamento crítico, resolução de problemas e aprendizagem baseada em colaboração — com mediação mínima e instruções claras para garantir autonomia do público.

Por fim, O uso das coleções científicas do LIMCe/UFC para a produção de conteúdo em redes sociais, de Maiara Maia Borges, Isabela de Mesquita Ferreira, Maria Alícia de Almeida Vieira e Helena Matthews Cascon, mostrou como a fotografia de 30 espécies de Porifera, Cnidaria, Echinodermata, Crustacea e Mollusca impulsiona a visibilidade do acervo no Instagram do laboratório. Com ensaio controlado de luz e edição básica, as publicações traduzem informações taxonômicas e ecológicas para linguagem acessível, promovendo ciência aberta, combate à desinformação e sensibilização para conservação marinha.

Convergindo, os trabalhos demonstram que comunicar patrimônio é mediar relações: entre acervo e público, técnica e linguagem, território e universidade. Seja pela fotografia, pelo jogo, pela curadoria colaborativa ou pelas redes sociais, a sala mostrou estratégias concretas para ampliar acessos, formar públicos e sustentar políticas de preservação — com ênfase em participação discente, inclusão e circulação de saberes que ultrapassam os muros institucionais.





Apresentações de comunicação oral, na sala 1 pela manhã, sobre Comunicação, Exposição e Divulgação de Patrimônio - Fotógrafo: Flávio Almeida

Acervo Imagens de Minas: da conservação de coleções universitárias de bens culturais científicos à formação discente

Jussara Vitória de Freitas (UFMG) - jussaravitoria@ufmg.br
Bianca Leiva Rosa (UFMG) - biancaleivarosa@ufmg.br
Clara Maria Ferreira (UFMG) - claramariaferreira22@ufmg.br
Julia Cachoeira Castro (UFMG) - juliacachoeira@ufmg.br
Maryana Sayuri Okuma (UFMG) - sayuriisilva@ufmg.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta um relato de experiência sobre a preservação, acessibilidade e extroversão por meio do desenvolvimento de metodologias de preservação e musealização do Acervo Imagens de Minas pertencente à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, após a sua vinculação à Rede de Museus Universitários cujo objetos nele depositados são de características fílmicas, fotográficas, iconográficas e objetos tridimensionais científicos relacionados à produção cinematográfica Brasileira.

A participação no projeto proporcionou uma vivência interdisciplinar que articula teoria e prática, ampliando a compreensão sobre as políticas de preservação e as dimensões éticas envolvidas na preservação e curadoria de acervos audiovisuais. Além disso, contribuiu para a formação de uma consciência crítica sobre o papel social das instituições de memória vinculadas à coleções universitárias e sobre a contextualizado em um ambiente universitário. O Acervo está integrado a diversas disciplinas da graduação e da pós-graduação, disponibilizando sua coleção para as atividades de pesquisa, ensino e extensão com ações que apontam a necessidade de investimentos sustentáveis em políticas públicas de cultura e patrimônio.

No curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e no Curso de Museologia, os discentes têm a oportunidade de realizar o ciclo em sua totalidade nas práticas relacionadas à conservação-restauração de toda a coleção que somam mais de 1.500 itens, de modo a oferecer aos discentes a oportunidade de contribuir para a manutenção do acervo, desenvolvendo habilidades de comunicação e trabalho em equipe, tão necessárias fora da vida acadêmica. Além disso, o Acervo desempenha um papel fundamental em projetos de extroversão e exposição, promovendo o acesso público a obras e documentos de relevância histórica e cultural.

As atividades desenvolvidas no acervo são interdisciplinares, com abordagem na área de preservação por meio da pesquisa de novas técnicas, procedimentos e materiais com ênfase nas atividades voltadas para a extroversão e musealização das coleções científicas cinematográficas direcionadas à valorização da identidade, produção e difusão do conhecimento acadêmico e às experiências culturais e sociais das comunidades envolvidas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia contemplou a pesquisa e inventário do acervo tridimensional, seleção e critérios de conservação para a extroversão do processo de musealização deste rico conjunto que integra o patrimônio científico e cultural da UFMG.

O projeto foi dividido em quatro etapas principais:

- Pesquisa e Inventário da coleção: Levantamento e documentação dos itens tridimensionais, registrando suas condições de preservação.
- Seleção para Musealização: Definição de critérios para selecionar objetos de maior diversidade e relevância histórica.
- Conservação: Aplicação de técnicas específicas para garantir a preservação e segurança dos itens durante a exposição.
- Digitalização parcial do acervo: Seguindo orientação das normas arquivísticas e princípios da preservação museológica.
- Extroversão e Montagem: Envolvimento prático dos discentes em todas as etapas de conservação e montagem expositiva, promovendo a valorização da identidade cultural da UFMG.

Para embasar a vivência profissional, foram explorados conceitos de musealização, extroversão, preservação e conservação-restauração de bens culturais móveis, conforme apresentado por autores que discutem a documentação de acervos científicos e tecnológicos, que examina a cultura material da ciência e tecnologia em museus como os trabalhos de Maria Lucia Loureiro (2015) e Cláudia dos Santos e Marcus Granato (2015). Adicionalmente, os estudos com reflexões sobre a teoria contemporânea da restauração e as relações entre cinema, arte e indústria como discutido por Anatol Rosenfeld (2002).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado, foram preservados fisicamente mais de 1.000 itens do acervo museológico e digitalizados cerca de 400 itens do acervo documental disponíveis em dois catálogos frutos desta pesquisa. Essa experiência reforçou a importância da

atuação universitária em iniciativas de extensão cultural e da formação continuada de profissionais voltados à preservação do patrimônio audiovisual.

Ao final destacou-se como as técnicas construtivas deste objetos contribuem para as pesquisas no âmbito da conservação-restauração de bens culturais móveis e como a permanência e conservação dos objetos cinematográficos garantem a musealização de itens do acervo no contexto das coleções universitárias além de proporcionar aos discentes experiências por meio das atividades de pesquisa e extensão através da extroversão durante a montagem da exposição garantindo a valorização da identidade da comunidade universitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além do contexto das disciplinas, o Acervo Imagens de Minas é gerido por pesquisadores vinculados à Escola de Belas Artes, à Escola de Ciência da Informação e, mais recentemente, à Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, instância responsável por sua manutenção e pelo desenvolvimento de ações integradas de pesquisa e extensão. A essas instituições, soma-se a participação colaboradora de docentes, técnicos e discentes de diferentes áreas, que contribuem para o fortalecimento das atividades acadêmicas e culturais associadas ao acervo.

Constituído por diversas coleções formadas a partir de doações e de projetos de salvaguarda — como a Coleção Igino Bonfioli —, o acervo encontra-se em processo de inventariação, impulsionado pela sua incorporação às atividades acadêmicas da universidade. Nesse âmbito, os discentes têm a oportunidade de aplicar, de forma prática, metodologias e técnicas relacionadas ao inventário, à documentação, à conservação e à montagem expositiva, envolvendo diferentes tipologias de materiais.

Tais ações conferem ao Acervo Imagens de Minas um papel estratégico na valorização da memória cultural e científica da UFMG, além de favorecer a ampliação da visibilidade do patrimônio cinematográfico no ambiente acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE

Coleções universitárias. Bens culturais científicos. Formação discente. Conservação-restauração.

AGRADECIMENTOS

Pesquisa desenvolvida por meio do projeto "Desenvolvimento de Protocolos para revitalização da Infraestrutura de Preservação e Acesso de Coleções Científicas, Edital FAPEMIG 012/2023 e do programa de bolsas de extensão da Rede de Museus-PROEX-UFMG e com o apoio e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

DOS SANTOS, Cláudia Penha; GRANATO, Marcus. A Documentação dos Acervos Científicos e
Tecnológicos e o MAST: uma história a partir das memórias. MAST: 30 ANOS DE PESQUISA, p. 142, 2015.
LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Musealização e cultura material da Ciência & Tecnologia. Museologia e Patrimônio, v. 8, n. 2, p. 09-28, 2015.
ROSENFELD, Anatol. Cinema: arte & indústria. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

Orgânica: A interface Arte e Ciência no Museu de Anatomia – UFRJ

Juliana Theberge dos Santos de Oliveira (UFF/ UFRJ) - julianatheberge@gmail.com
Ludmila Ribeiro de Carvalho (UFRJ/ UNIRIO) – ludmila@icb.ufrj.br

INTRODUÇÃO

A transmissão de conhecimentos de Anatomia através da Arte ocorre desde o Egito Antigo, onde o estudo anatômico sistemático era registrado com desenhos, intimamente relacionados às práticas de mumificação. Na Grécia Antiga, os estudos de Anatomia Humana comparativa por Aristóteles, sucedido pela Escola de Alexandria, iniciou-se com o uso de cadáveres e culminou em expressões científicas e artísticas, como as esculturas. No entanto, a Anatomia como Arte se disseminou no Renascimento, tendo como marco os trabalhos de Leonardo da Vinci e de Michelangelo Buonarroti, que incutia formas anatômicas às suas obras (AMARAL, 2018).

Atualmente, o ensino formal da Anatomia conta com recursos para aulas práticas como modelos de estudo e desenhos em atlas. Entretanto, desde seu início, o uso de cadáveres suscita no expectador reações de medo, nojo, tensão, tristeza, entre outras que podem levar ao distanciamento do tema. Sendo assim, este trabalho se propõe a utilizar a fotografia artística de estruturas anatômicas como ferramenta de popularização científica, através da sensibilização pela arte, visando extenuar as barreiras entre público e conhecimento científico de Anatomia Humana.

Orgânica é uma exposição de fotografias de autoria de Juliana Theberge e idealização de Ludmila Ribeiro, coordenadora do Museu de Anatomia “Por dentro do Corpo”, realizada como estratégia didática para agregar Arte às visitas escolares o Museu de Anatomia - UFRJ.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para obtenção das imagens, foram utilizadas duas câmeras DSLR, ambas da Nikon, modelos D7000 e D3100, vegetais provenientes da flora da Ilha do Fundão (UFRJ) e peças anatômicas produzidas e cedidas pelo ICB/UFRJ - conservadas pela técnica de plastinação, que consiste na substituição dos fluidos corporais por resina, permitindo sua manipulação e manutenção de suas características reais. As peças anatômicas pertencem ao acervo do Museu de Anatomia.

Ademais, elementos da flora foram coletados pelas autoras, durante passeios expeditórios na Ilha do Fundão, para compor similaridades e complementariedades entre as formas encontradas na Anatomia Humana e Vegetal. As imagens geradas não passaram por processamento de inteligência artificial, nem edições modificadoras como montagens ou sobreposições. Apenas ajustes de corte, cor e enquadramento foram realizados com o uso das ferramentas digitais de edição Adobe Camera Raw e editor Fotos nativo do Windows 10.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo criativo resultou em 24 fotografias (Figura 1) exibidas pela primeira vez em 19 de setembro de 2018, celebrando o 1º ano do Museu de Anatomia. As obras impressas (30x40cm) estiveram em exposição de curta duração por 1 mês em uma sala do Anatômico e, atualmente, permanecem em exibição de longa duração na galeria do Museu. Algumas destas fotografias estiveram em mostras internas e externas, obtendo premiações, dentre elas, a conferida pela Sociedade Brasileira de Anatomia como Melhor Trabalho na categoria Exposições e Museus no III Congresso Brasileiro de Anatomia da Cabeça e Pescoço em outubro de 2020.

A exposição Orgânica intencionou revelar a percepção e registro das texturas e formas encontradas na anatomia humana, juntamente com elementos da flora e paisagem, durante três dias de passeios expeditórios na Ilha do Fundão (UFRJ). Abaixo é possível conferir o resultado visual das obras e seus títulos correlatos.

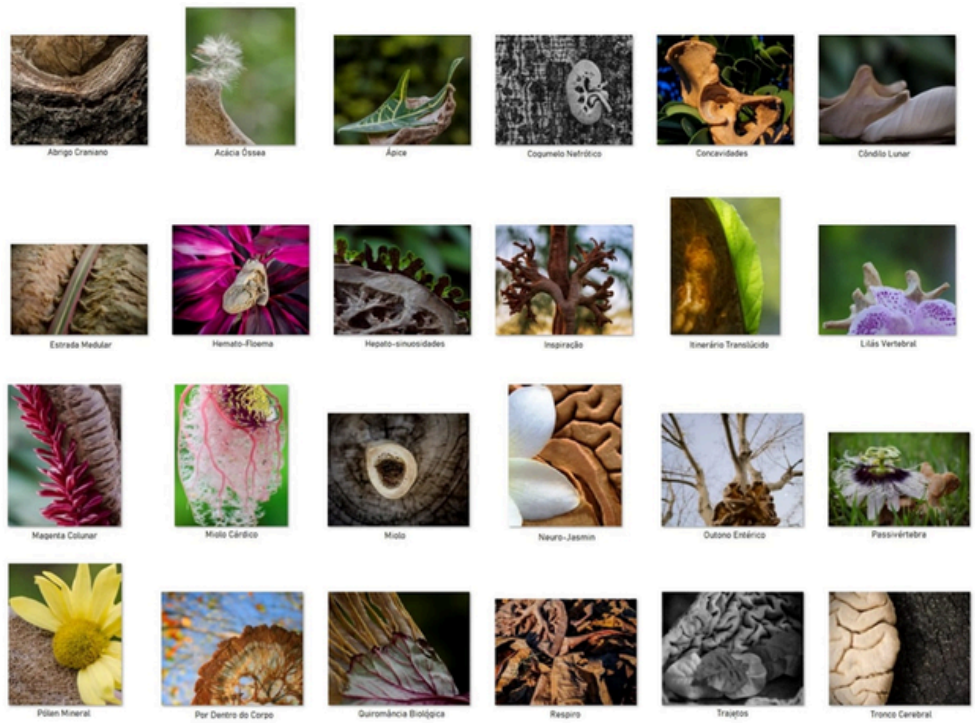


Figura 1: Fotografias da Exposição Orgânica de Juliana Theberge

Ao transpor o limite entre as estruturas anatômicas humanas e vegetais, “Orgânica” revela a continuidade do ciclo biológico da vida, unificando as interfaces artística e científica por meio do desafio plástico da integração, diálogo e coexistência entre o corpo, que a nós pertence, e os organismos vegetais, que nos circundam.

Em sua primeira edição, no período de 19/09 a 15/10/2018, em comemoração ao aniversário de 1 ano do Museu de Anatomia e em consonância com a temporada nacional da 12ª Primavera dos Museus, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) com o tema “Celebrando a Educação em Museus”, a exposição se deu em uma sala anexa do Laboratório Anatômico, paralela ao Museu de Anatomia do ICB e contou com 517 visitantes.

A EXPO Orgânica tem sido difundida em eventos de divulgação científica como os “Sábados da Ciência”, que ocorrem mensalmente no Espaço Ciência Viva com tema "Ciência e Arte no Ciência Viva" e "ECV faz 35 anos: vamos dar as mãos aos parceiros e celebrar” e com convite de participação na Casa da Ciência (UFRJ). Três destas fotografias compõem o livro “Arte+Ciência: o cérebro e o imaginário”, organizada por Glaucio Aranha, curador da exposição homônima, que foi montada no Museu da Justiça em 2020, porém não apresentada ao público em face ao decreto de lockdown durante a pandemia da Covid-19. Uma das fotografias foi exibida e premiada na exposição "A flora no Fundão", organizada pelo projeto de extensão @meupaisfundao (Figura 2).



Figura 2: Publicações com participação de fotos da EXPO Orgânica: (A) Capa de Arte-Ciência: o cérebro e o imaginário. Ciências e Cognição, 2023.; (B) Divulgação da Exposição “A flora do Fundão” do Projeto “Meu país Fundão”; (C) Foto premiada no concurso da exposição (Extraído do Instagram do concurso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição estimula a discussão sobre a relação entre arte e ciência, vistas como campos que podem ser complementares, influenciando-se mutuamente, e contribui para a conscientização pública sobre a importância da ciência, da anatomia e das artes na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Museu de Anatomia; Fotografia; Orgânica; Arte

AGRADECIMENTOS

PROFAEX-UFRJ, SIMAP-UFRJ, CNPq e FAPERJ

REFERÊNCIA

AMARAL, Frederico Quintão. A lição de anatomia: da observação à representação do corpo na arte e na ciência. 2018. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

Museus e Trapiches: As presenças ribeirinhas numa Universidade na Amazônia

Jones da Silva Gomes (UFPA/ Campus de Abaetetuba) – jones@ufpa.br

INTRODUÇÃO

Este resumo traz à tona reflexões acerca do "ser" Museu Universitário, numa Amazônia mergulhada na fronteira global do capital, por onde o reencontro com as comunidades ribeirinhas e suas culturas e biodiversidades, torna-se prerrogativa de existência cultural. Daí que o projeto do Museu do Baixo Tocantins[1] ao longo desses 8 anos, se propôs a "provocar" as presenças ribeirinhas no espaço que lhe quer reapresentar (GOMES, 2023; GADAMER,2010), através de atividades formativas, investigativas, expositivas, catalográficas e comunitárias[2], bem como, na promoção do reconhecimento das referências culturais do Baixo Tocantins[3]. A extensão de seu território patrimonial, por sua vez, coincide com a profunda ausência das instituições museológicas, não só nos espaços acadêmicos como também nas sociedades locais, o que supõe problematizar os temas da museologia social e contribuir para o diálogo entre museus e comunidades. Assemelho o fenômeno das "presenças" ribeirinhas nos espaços culturais, tais como, os das universidades ao fato de ser um trapiche, que dá acesso a casa do ribeirinho e a outros lugares do mundo. São a partir dos acervos e coleções, exposições, performances e encontros de saberes, que, como bem destacou Chagas (2007), os museus constituem "portais" capazes de levar o visitante a redescobrir sua própria história e vivenciar tantas outras. Neste sentido, quer expressar o lugar da linguagem comum a começar pelo interior da moradia[4], colocando adiante o reconhecer das referências culturais em sua diversidade diversa (LOUREIRO, 2019). A casa ribeirinha configura-se como uma instituição de base comunitária, por onde um processo educacional se realiza, de tal forma, que quer observar as tradições em suas transformações, estimulando pensar seus aspectos afirmativos, críticos e criativos.

[1] Museu do Baixo Tocantins é um projeto de extensão em diálogo com a pesquisa e a formação vinculado a Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo do Campus da UFPA/Abaetetuba-PA.
[2]Vide GOMES, J. Relatório de atividades do Museu do Baixo Tocantins Triênio (09/2018-09/2021). Abaetetuba: UFPA/Campus de Abaetetuba, 2021.
[3] Baixo Tocantins e uma região na Amazônia que congrega vários municípios cuja cidades tem características ribeirinhas porque banhada pelo rio Tocantins em seu estuário.
[4] A casa ribeirinha é tomada conceitualmente como o lugar da cultura ribeirinha, e principal referência do complexo "Museu do Baixo Tocantins". Vide linklv_0_20250704111849 (1).mp4 - Google Drive.

Com isso, dentro de uma perspectiva multidisciplinar, o projeto se depara com uma cultura universitária que no geral ridiculariza a arte ribeirinha, quilombola e indígena e não se sensibiliza com a cultura popular, fragilizando a formação de gerações de cidadãos capazes de reconhecer-se em meio a indiferença virtual. Ela é um museu de comunidade dentro da universidade, abrindo portas aos saberes, fazeres e linguagens artísticas diversas, promovendo diálogos e reencontros com símbolos, pessoas, objetos, que não são mais tão familiares: cuias, cerâmicas, brinquedos de miriti, lendas (Pacoca, Poço da moça, Mamangal), expressões da cena como tirações e sambas de cacete, fofoias e pássaros juninos, além de uma cultura material expressa em oratórios, ramadas e imagens sacras e históricas, tais como: "O Monumento ao Moendeiro", do artista plástico e ambientalista Raí Cardoso. Este acervo evoca, sobretudo, as relações que o ribeirinho estabelece entre o rio e a mata, no ir e vir do asfalto e entre os rios, por onde cristaliza elementos visuais, estéticos e científicos do imaginário amazônico (LOUREIRO, 2000), caracterizando a relevância do patrimônio cultural para a ciência na região. Vale destacar, que a transversalidade do conhecimento gerado por ele, desautoriza as mesmas dicotomias clássicas: campo/cidade, rio/asfalto, tradição/modernidade, natureza/cultura, cultura de massa/cultura popular; e, desafia pensar novos paradigmas no campo da museologia. Sendo "trapiches" em meio às mudanças socioculturais e agora climáticas, os museus da Amazônia são premissas de ações inovadoras no campo da defesa dos direitos das populações ribeirinhas e da sustentabilidade, a partir dos bens culturais impregnados de ancestralidade. Minhas experiências com o projeto Museu do Baixo Tocantins, ecoam vivências de itinerários educativos que outrora cabia aos guardiões da cultura de toda essa "gente de rio", já tão tratada pela literatura insular. Por isso, defendo que a ideia de Museu-trapiche atravessa as "presenças" ribeirinhas quando vislumbra o cotidiano de práticas acadêmicas, voltadas para o reconhecimento das tradições, através do qual a educação patrimonial- museal se faz notória. Assim, destaco que osmuseus universitários na Amazônia Tocantina, são como espaços que congregam as comunidades a partir dos intercâmbios culturais; a casa ribeirinha, portanto, é essa presença que materializa esse reconhecimento, e, para além dos muros da universidade, e, ponte para muitas histórias, culturas, memórias e saberes.

MATERIAIS E MÉTODOS

Resultado de práticas museológicas numa instituição universitária, procurei relatar experiências que provocaram em mim reflexões acerca do sentido dos museus na Amazônia. Trata-se de estudos incipientes (GOMES:2023) voltados para o campo da museologia social em interface com a educação. Para isso, examinei relatórios, artigos, registros escritos e áudios visuais de eventos realizados no espaço do

complexo do Museu do Baixo Tocantins, tendo como objetivo a descrição etnográfica do espaço cultural, que veio em função de compreender “presenças” e de destacar a imagem da “casa ribeirinha” como elemento estético-patrimonial do projeto, que traz consigo a face da cultura popular (BOSI: 1992) e as trilhas do patrimônio cultural (IPHAN, 2000), como forma de conectar conceitos e saberes. Foi no interim de observações, anotações, reflexões e das memórias das ações que se desdobraram em documentos escritos e áudio visuais, que trouxe à tona o acervo físico e digital do Museu, razão pela qual, um conjunto de práticas educativas se produziu, em função da “casa” como lugar de reencontros com a cultura local que se concretiza na imagem de um devir de preservação do patrimônio cultural do povo de ilhas, ramais e florestas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A casa ribeirinha é parte do complexo do Museu do Baixo Tocantins, cujo espaço permite realizar exposições, rodas de conversas, performances da cena, educação ambiental; a parti do contato do público com o patrimônio natural, artefatos, historias e memorias das margens de rios e ramais, imagem de um museu “trapiche” que suscita pensar questões no plano conceitual e formativo, reafirmando a busca de alternativas as práticas museológicas na região amazônica como atribuição também dos museus universitários, a fim de contribuir para os processos culturais inclusivos neste território patrimonial:

a) Que o espaço do Museu do Baixo Tocantins pode ser pensado como trapiche, ou seja, interposto entre campo e cidade, tradicional e contemporâneo, artesanato e digital, popular e erudito, educação formal e não formal.
b) Disponibiliza equipamentos, formações e eventos científicos culturais a um público diversificado que o visita (escolas de ensino fundamental e médio das escolas públicas e de graduação).
c) Provoca no visitante a presença ribeirinha em sua configuração viva, tais como, em interação com objetos, lugares, expressões, memórias, saberes, performances e imagens.
d) É espaço de reconhecimento dos mestres e mestras da cultura local e seus bens culturais.
e) Considero a casa ribeirinha como modelo (arquétipo) do museu e sua presença no campus da UFPA/Abaetetuba- PA/Amazônia, que se tornou elemento estético central para o processo de educação museal em curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei neste resumo demonstrar que os alcances de práticas museológicas numa Amazônia em transformação, perpassam também os espaços universitários a partir do diálogo com as comunidades das regiões norte por onde a ausência de museus se faz notória. A casa ribeirinha como lugar da memória e da presença destas comunidades (Quilombolas, Ribeirinhas e Indígenas) no debate acadêmico, também propicia reflexões que permitem incluir novas categorias para o campo teórico e formativo do território patrimonial do Baixo Tocantins. Por tudo isso, chamo atenção para o conceito de "trapiche" enquanto questão mediadora do processo de formação de museus comunitários em diálogo com a universidade e para além dela.

PALAVRAS-CHAVE

Museu universitário; Casa Ribeirinha; Amazônia Tocantina.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345.

CHAGAS, M.S. Museus são bons para pensar, sentir e agir. Revista Musas, RJ, 2007

GADAMER. Hans Geor. Hermenêutica da Obra de Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOMES, J. Relatório de atividades do Museu do Baixo Tocantins Triênio (09/2018-09/2021). Abaetetuba: UFPA/Campus de Abaetetuba, 2021.

---------- Museus na Amazônia Tocantina...Trapiches para a Humanidade IN Ouras narrativas sobre Museus/ ORGANIZADORES: BRITTO, R, MELO, D, GOMES, L, POLARO, J. — BELÉM: PPGARTES/ UFPA, 2023

LOUREIRO, J. Cultura amazônica: uma diversidade diversa. Disponível em: https://www. amazonialatitude.com.>. Acesso em: 10 abr., 2019.

IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais. Brasília, DF: IPHAM, 2000.

RICOEUR, Paul. Percurso do Reconhecimento. São Paulo: Loyola, 2006.

Patrimônio e Resistência no Museu Casa Borges (Mucb): A Exposição “Balatiponé Umutina: Passado, Presente, Futuro” como Ativação Cultural

João Mário de Arruda Adrião (UNEMAT / UNIRIO) - joao.mario@unemat.br
Renato Fonseca de Arruda (PPGGeo UNEMAT) - renato.fonseca@unemat.br
Marcio Monzilar Corezomae (SEDUC-MT) - marciocorezomae@gmail.com
Helena Cunha de Uzeda (PPG-PMUS UNIRIO/ MAST) - helena.uzeda@unirio.br
Márcio Ferreira Rangel (PPG-PMUS UNIRIO/ MAST) - marciorangel@mast.br

INTRODUÇÃO

As coleções etnográficas de diversos museus brasileiros assumem um papel central como documentações que preservam e registram expressões culturais, celebrações, saberes e lugares, demonstrando recursos documentais importantes para a salvaguarda de referências culturais (Fonseca, 2001) dos povos indígenas.

Neste sentido, este trabalho busca analisar o processo de ativação patrimonial de saberes, fazeres, celebrações e outras referências culturais do Povo Balatiponé-Umutina, evidenciadas a partir da exposição “Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro”, realizada em 2019 no Museu Casa Borges (MuCB), em Barra do Bugres, Mato Grosso.

A exposição destacou-se regional e localmente como uma iniciativa relevante ao viabilizar tanto o levantamento de saberes que, embora não mais vivenciados após o contato traumático com os não-indígenas, permaneciam vivos nas memórias dos anciãos e na documentação museológica pesquisada. Além disso, proporcionou a apresentação de práticas, expressões culturais e saberes revitalizados por meio de escuta sensível e dos trabalhos desenvolvidos na/pela escola indígena.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento deste estudo, realizou-se pesquisas documental e bibliográfica. A pesquisa documental incluiu registros fotográficos, relatórios institucionais e materiais de divulgação relacionadas ao MuCB e à execução da exposição. Simultaneamente, na pesquisa bibliográfica foram levantados artigos, livros, dissertações e teses disponíveis em repositórios e periódicos institucionais e plataformas digitais gratuitas, visando aprofundar a análise sobre a relação entre museologia, documentações museológicas, coleções etnográficas e a ativação patrimonial (Prats, 1998) de/pelos povos indígenas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O MuCB foi concebido entre 2012 e 2019 e implantado a partir de abril de 2018, podendo ser considerado a partir da tipologia de museu-casa (Arruda, 2022), na cidade de Barra do Bugres, como resultado de projetos de extensão, trabalhos de conclusão de curso e esforços políticos e técnicos de diferentes atores e grupos sociais internos e externos a universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT (Arruda, 2022). Entre 2018 e 2022, foram realizadas dezenas de exposições que demonstram a relevância do envolvimento das diversas comunidades no/com o museu, incluindo povos indígenas da região.

Todavia, desde os anos 2.000, grupos como o Nação Nativa, grupo cultural formado por “crianças e adolescentes do povo Umutina-Balatiponé” buscam a ativação patrimonial e valorização de saberes, expressões da cultura Umutina, realizando apresentações de danças, teatro, onde vem “interpretando a história de seu próprio povo” em eventos em diversas cidades de Mato Grosso (Corezomaé, 2021).

A exposição foi desenvolvida a partir da análise do processo histórico de violências simbólica e física sofridas pelos povos indígenas no processo de colonização de Mato Grosso. A partir de uma parceria, por meio da Escola Estadual Julá Paré, foi realizada a primeira exposição física no espaço do MuCB, em setembro de 2019, durante uma semana, sendo, posteriormente, transformada numa exposição virtual na plataforma digital do museu.

Ao reconhecer os “desafios de conhecer, documentar, guardar, conservar e divulgar coleções de objetos indígenas” (Garcês; Karipuna, 2021, p.102), bem como ao trilhar os rumos propostos por Paulo Freire (2019, p.33), de substituir "o caminho tradicional do discurso sobre" passando "ao debate, à discussão, ao diálogo em torno do tema com os participantes", a equipe do MuCB propôs aos professores da escola da aldeia Umutina a curadoria da exposição. Professores e membros do Povo Balatiponé-Umutina participaram do processo, coordenado pelo professor Márcio Corezomaé Monzilar e pela bibliotecária Tainara Toriká Kiri de Castro.

O desenvolvimento da exposição demandou pesquisas documental, bibliográficas e orais, nas quais possibilitou o levantamento de fotografias, objetos, textos e atividades realizadas no quintal do museu, apresentando a pintura corporal, a roça de toco, a arquitetura, o tiro com arco e flecha e a pesca com timbó, despertando a curiosidade dos visitantes.

Os resultados indicaram um impacto positivo tanto no povo Balatiponé-Umutina quanto na comunidade local, especialmente entre os jovens. As atividades como a confecção de adornos e a pintura corporal, geraram interesse pelos costumes indígenas.

A exposição atraiu visitantes não indígenas, promovendo um diálogo intercultural e a desconstrução de estereótipos. A participação de lideranças indígenas no planejamento e execução das atividades reforçou a relevância de práticas colaborativas na museologia (Moraes et. al, 2024a; Moraes et. al, 2024b; Arruda & Rangel, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que a valorização e ativação patrimonial das referências culturais do Povo Balatiponé-Umutina exemplificam como museus universitários com gestão compartilhada podem contribuir na salvaguarda de práticas do passado e o fortalecimento de identidades.

A integração entre academia, museus e comunidades revelou-se essencial para o êxito da iniciativa voltada para a promoção da preservação dos patrimônios imateriais e materiais indígenas, que demandam uma articulação constante entre registros acadêmicos e engajamento das comunidades locais. O uso do espaço do MuCB como ambiente de ensino e troca cultural demonstrou o potencial transformador dos museus nos processos de inclusão social e valorização da memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio cultural, museologia, ativação patrimonial, saberes tradicionais.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, R. F. Política de Museus e Patrimônio cultural da UNEMAT: trajetórias, perspectivas e desafios. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins (UNIRIO/MAST), Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2022.

ARRUDA, R. F.; RANGEL, M. F. . Diagnóstico museológico, acervos e comunicação museal do MuVA: uma análise após visita in situ. In: MORAES, S. A.; FALCÃO, J. L. F.; ARAÚJO, R. A.; LEITE, F. S. A.; SILVA, G. M.; ARRUDA, R. F. (Org.). Museu do Vale do Arinos: Experiências Educativas. Juara: Museu do Vale do Arinos, MuVA Publicações, 2024. p. 153-172.

COREZOMAÉ, M. M. Narrativa De Origem Do Povo Indígena Balatiponé-Umutina – Ressignificação E Traços De Hibridismo. Revista ECOS, [S. l.], v. 23, n. 2, 2017.

COREZOMAÉ, H. I. F. Grupo Teatral Nação Nativa, intérpretes de sua própria história. In: Teatro e os Povos Indígenas: janelas abertas para a possibilidade. Naine Terena e Andreia Duarte (Org.). N1 edições. São Paulo, 2021.

GARCÉS, C. L. L.; KARIPUNA, S. P. S. "'Curadorias do invisível': conhecimentos indígenas e o acervo etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi". In: Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 10, n. 19, jan./jun., 2021, p. 101-114.

JESUS, A. J. Os Umutina. In: Dossiê Índios em Mato Grosso. OPAN, Operação Anchieta; CIMI/MT, Conselho indigenista Missionário. Cuiabá 1987. P. 72 - 77.

MUSEU CASA BORGES. 2020. Disponível em: https://museucasaborges.wordpress.com/

MORAES, S. A.; ARRUDA, R. F.; FALCAO, J. L. F.; FERREIRA, W. A. A.; TSEREBUT, R. M. W.; TSEREBUTO, A. A. T.; TOBRODI, O. H. A universidade pública contra os povos indígenas? A presença indígena Xavante na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Juara-MT, e a proposta do Museu ¿A'uw¿ Uptabi¿ de Campinápolis-MT. REVISTA ÑANDUTY, v. 12, p. 223-245, 2024

MORAES, S. A.; ARRUDA, Renato Fonseca de; FALCAO, J. L. F. ; LEITE, F. S. A. ; KAYABI, K. ; MUNDURUKU, M. M. ; MORIMA, E. C. ; KAYABI, D. M. ; RANGEL, M. F. . Bases de uma política municipal de patrimônio museológico na Amazônia Mato-grossense: a experiência do Museu do Vale do Arinos (MuVA) na musealização e gestão de referências culturais indígenas. Revista Memória em Rede, v. 16, p. 289-315, 2024.

HUARE, C. M. ARTE PLUMÁRIA UMUTINA: BODÔ. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Línguas, Artes e Literatura, apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, Barra do Bugres, MT. 2016.

Jogos Interdisciplinares no Ensino de Ciências: Experiências no Museu de Anatomia da Universidade Federal do Ceará

Charlline Vládia Silva de Melo (UFC/RENOEN) charlline.melo@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência educativa desenvolvida no Museu de Anatomia da Universidade Federal do Ceará, utilizando jogos interdisciplinares como ferramenta didática para o ensino de Ciências. Foram disponibilizados 20 jogos relacionados ao corpo humano, organizados em uma estação livre e autônoma. A proposta incentivou a experimentação, a cooperação e a aprendizagem ativa, valorizando o espaço não formal como ambiente de construção do conhecimento científico.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o ensino de Ciências tem passado por transformações metodológicas que buscam romper com a abordagem tradicional centrada na transmissão de conteúdos. A ludicidade, quando inserida no contexto educacional, revela-se uma poderosa aliada na promoção de aprendizagens significativas, principalmente ao tratar de temas complexos como a anatomia humana. Nesse sentido, os jogos interdisciplinares emergem como estratégias inovadoras, capazes de integrar diferentes áreas do conhecimento e de promover o engajamento dos estudantes com os conteúdos científicos. A proposta apresentada neste trabalho foi desenvolvida no âmbito do Museu de Anatomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde foi criada uma estação livre para vivência de jogos educativos relacionados ao corpo humano. A escolha dos jogos partiu do princípio da interdisciplinaridade e do potencial que possuem para articular teoria e prática em um espaço não formal de ensino. Essa iniciativa se insere em um movimento contemporâneo de valorização dos museus como ambientes educadores, onde o aprender é mediado pela interação, pela experimentação e pela curiosidade.

METODOLOGIA

A estação de jogos foi planejada como uma atividade livre e autônoma dentro da exposição temporária do Museu de Anatomia (MA) da UFC. Nessa estação, foram disponibilizados 20 jogos interdisciplinares organizados em um espaço com acesso a manuais impressos, contendo regras de

de funcionamento e indicações bibliográficas. A seleção dos jogos baseou-se em três critérios fundamentais: (1) aderência à temática do corpo humano, (2) alinhamento com as mecânicas de jogo descritas por Orlick (1989), Huizinga (1990) e Brotto (1997), e (3) viabilidade de acesso, seja por aquisição comercial, doações institucionais ou disponibilização gratuita em bases de dados acadêmicas. Além disso, foram priorizados jogos que promovem cooperação, pensamento crítico, aprendizagem baseada em problemas e integração entre disciplinas como Ciências, Educação Física, Medicina, Farmácia, Pedagogia e Odontologia, com participantes do Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e de Graduação que estavam cursando as disciplinas de Anatomia Humana e Ensino de Ciências. A estação funcionava sem mediação direta de monitores, com o intuito de favorecer a autonomia dos visitantes. Para isso, o material explicativo foi cuidadosamente diagramado e posicionado de forma acessível, permitindo que os participantes compreendessem as regras de forma intuitiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação da estação de jogos no MA permitiu observar diversas interações espontâneas entre os participantes, evidenciando o potencial pedagógico da proposta. Visitantes de diferentes faixas etárias, desde estudantes do ensino fundamental até universitário, envolveram-se ativamente com os jogos, demonstrando curiosidade, cooperação e engajamento nos desafios propostos. A presença de um manual explicativo por jogo foi um elemento facilitador essencial, especialmente na ausência de mediação, garantindo a autonomia dos jogadores. Conforme discutido por Orlick (1989), os jogos cooperativos promovem um ambiente de aprendizagem baseado no respeito mútuo e na colaboração. Essa característica foi evidente na experiência observada, com grupos formando alianças, debatendo soluções e refletindo sobre o funcionamento do corpo humano de maneira crítica e colaborativa. Já Huizinga (1990) destaca o jogo como um fenômeno cultural que antecede e atravessa o próprio processo educacional, conferindo à ludicidade uma dimensão antropológica profunda. Os jogos selecionados (Figura 1) também apresentaram potencial para trabalhar conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e integrado as ementas dos cursos de graduação, especialmente no que diz respeito às competências gerais, como o pensamento científico, crítico e criativo, e o protagonismo dos alunos no processo de aprendizagem. Brotto (1997) reforça que o jogo, quando inserido com intencionalidade pedagógica, torna-se uma ferramenta didática que favorece o desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras e socioemocionais.



Fonte: Elaboração própria (2023).

A abordagem interdisciplinar foi outro aspecto destacado pelos participantes e observadores. Ao articular conhecimentos de diferentes áreas, como Biologia, Educação Física, Psicologia, Educação e Ciências da Saúde, os jogos favoreceram uma compreensão mais holística do corpo humano e das suas interações com o meio, além de estimular o pensamento sistêmico e a resolução de problemas complexos.

CONCLUSÃO

A experiência com jogos interdisciplinares no Museu de Anatomia da Universidade Federal do Ceará evidenciou a potência dos espaços não formais como ambientes férteis para o ensino e aprendizagem de Ciências. A utilização de jogos como estratégia didática promoveu o engajamento dos participantes, favorecendo uma relação mais interativa e significativa com os conteúdos científicos. A ausência de mediação não representou um obstáculo, mas sim uma oportunidade para desenvolver a autonomia e a colaboração entre os visitantes. O uso do manual como ferramenta de orientação foi eficaz para garantir a acessibilidade e o uso correto dos jogos. Como resultado, a iniciativa pode ser considerada um modelo replicável em outras instituições e contextos educacionais, contribuindo para a democratização do acesso ao conhecimento científico, valorizando o papel da ludicidade no processo educacional e reforçando os museus como espaços educativos e formativos.

PALAVRAS-CHAVE

Jogos interdisciplinares; Ensino de Ciências; Museu de Anatomia.

REFERÊNCIAS

Brotto, F. M. (1997). Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. São Paulo: Vozes.

Huizinga, J. (1990). Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva.

Orlick, T. (1989). The cooperative sports and games book. New York: Pantheon Books.

Brasil. (2018). Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br.

Silva, M. A. R. da, & Andrade, F. G. R. de. (2020). Jogos didáticos no ensino de anatomia humana: uma estratégia de aprendizagem ativa. Revista de Ensino em Ciências e Matemática, 11(3), 1-17. https://doi.org/10.26843/rencima.v11i3.231.

O uso das coleções científicas do Laboratório de Invertebrados Marinhos do Ceará para a produção de conteúdo para as redes sociais

Maiara Maia Borges (UFC) - maiara27@alu.ufc.br
Isabela de Mesquita Ferreira (UFC) - isabelamesquita@alu.ufc.br
Maria Alícia de Almeida Vieira (UFC) - aliciavieira@alu.ufc.br
Helena Matthews Cascon (UFC) - helenamc@gmail.com

INTRODUÇÃO

Coleções científicas correspondem a um conjunto de material biológico, fósseis ou atuais, organizados de forma sistemática, cuja principal finalidade é a pesquisa e a educação (LIMA & FALEIRO, 2020). Elas são indispensáveis para a documentação da biodiversidade, pois fornecem dados taxonômicos e espaços-temporais que ajudam na criação de um acervo histórico capaz de refletir a diversidade biológica ao longo do tempo (LIMA & FALEIRO, 2020), sendo referência em estudos sobre ecologia e conservação. Além disso, são essenciais para validação de pesquisas e preservação do conhecimento científico.

O Laboratório de Invertebrados Marinhos do Ceará (LIMCe) possui uma vasta coleção científica vinculada ao Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Todo o material biológico coletado é devidamente conservado e incorporado à coleção depois de tombado, seguindo padrões de organização específicos para garantir a segurança, qualidade e longevidade das amostras. Contudo, embora possua um acervo notavelmente grande e disposto a oferecer referências valiosas em trabalhos científicos, percebe-se um obstáculo na questão de acessibilidade da coleção, na maneira como esses dados podem ser transmitidos de forma clara para possibilitar sua utilização. Para isso, o uso de redes sociais têm se mostrado bastante acessíveis para permitir o conhecimento e aumentar a visibilidade do acervo, pois facilita o contato e favorece a divulgação científica, disponibilizando informações de maneira mais eficiente (COSTA-ARAÚJO, 2024).

A divulgação científica consiste em um conjunto de atividades que visam aproximar, de maneira clara e acessível, o público em geral dos projetos científicos. Ela também promove o combate contra a desinformação. Em tempos em que as notícias falsas se espalham facilmente, o acesso à informações confiáveis de qualidade se torna uma ferramenta essencial para a formação de uma sociedade crítica e bem informada. Dito isso, o conhecimento compartilhado a todos também valoriza o trabalho dos pesquisadores, pois evidencia para a população a importância do investimento na ciência.

A fim de despertar o interesse sobre coleções de pesquisa e torná-la acessível para o público externo ao ambiente do laboratório, foi criado um Instagram para o LIMCe focado em divulgar trabalhos desenvolvidos pelos membros e amostras de espécimes da coleção, buscando popularizar o entendimento científico acerca do acervo. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi elaborar um ensaio fotográfico que transmitisse o potencial das peças presentes nas coleções científicas do LIMCe, como materiais a serem utilizados para a produção de conteúdo de divulgação científica no perfil do laboratório no Instagram.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram selecionadas 30 espécies para compor o ensaio fotográfico, sendo 10 da coleção Malacológica, 5 bivalves e 5 gastrópodes, 5 da coleção de Echinodermata, 5 da coleção de Cnidaria, 5 da coleção de Porifera e 5 da coleção Carcinológica.

As fotos foram realizadas com câmera Cânon EOS Rebel T5i com o auxílio de lâmpadas para a iluminação e fundos feitos de EVA nas cores preto e branco para melhor destaque das peças. A edição das fotos para correção de luz e coloração foi feita pelo aplicativo Adobe Lightroom.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Começando pela Coleção de Porifera, composta por materiais conservados em via seca e via úmida, além de laminários contendo espículas, foram fotografadas: Geodia tylastra (antiga Geodia corticostylifera), 1 espécime do subgênero Haliclona (Reniera), 2 espécimes do gênero Aplysina e 1 espécime do gênero Agelas. Esponjas têm um grande potencial biotecnológico e ecológico pouco explorado, ter a oportunidade de divulgar o pouco que sabemos sobre elas é uma forma de despertar o interesse e a empatia das pessoas.

Na Coleção de Cnidaria foram escolhidas: Renilla koellikeri, Meandrina brasiliensis, Leptogorgia hebes, Siderastrea stellata e Scolymia wellsii. Assim como as esponjas, os corais também são pouco conhecidos e não são entendidos como animais, explicar seu estilo de vida colonial e em simbiose com as algas chama a atenção para seu estado crítico de conservação, sensibilizando as pessoas principalmente para o branqueamento (SOARES, 2014).

Dentre os Echinodermata, foram escolhidas as espécies: Astropecten marginatus, Luidia senegalensis, Oreaster reticulatus, Lytechinus variegatus e Ophiomastix wendtii. Apesar de não terem rosto, as estrelas do mar sempre ganham o público com sua beleza, ao passo que ouriços-do-mar provocam receio por conta de seus espinhos. Através dos vídeos, conseguimos dar vida a essas peças, tentando trazer as pessoas para dentro da água e imaginar como eram esses animais em vida.

Na Coleção de Crustacea foram escolhidas as espécies: Calappa ocellata, Panulirus laevicauda, Atya scabra, Plagusia depressa e Callinectes larvatus. Por estarem muito inseridos na cultura alimentar do nosso estado, por vezes os caranguejos são vistos apenas como comida (GALVÃO, 2010), através dos vídeos conseguimos mostrar como são animais complexos que precisam caçar, se defender contra predadores e disputar entre si pelas fêmeas.

Por fim, a Coleção Malacológica, a mais rica do LIMCe, foram escolhidas as espécies: Voluta ebraea, Turbinella laevigata, Titanostrombus goliath, Cassis tuberosa, Cypraea zebra, Spondylus americanus, Nodipecten nodosus, Dallocardia muricata, Crassostrea mangle, Anomalocardia flexuosa. Foram feitas apenas fotografias das conchas, porém em todos os nossos conteúdos procuramos deixar claro que são esses moluscos que produzem a concha. Muitas pessoas desconhecem a origem das conchas e mais ainda têm o hábito de removê-las de seu ambiente natural e utilizá-las em artesanatos ou como decoração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de apresentar mais de 30 espécies de animais, seriam necessários 1000 ensaios fotográficos para transmitir toda a riqueza e biodiversidade guardada em nossas Coleções Biológicas. Apesar de esse patrimônio não ser de livre acesso por questões de segurança e infraestrutura, o seu registro em vídeos e fotografia é um meio de nos aproximarmos da população e não só compartilharmos o nosso conhecimento científico acerca das espécies, mas também levantarmos debates relevantes para a conservação da vida marinha.

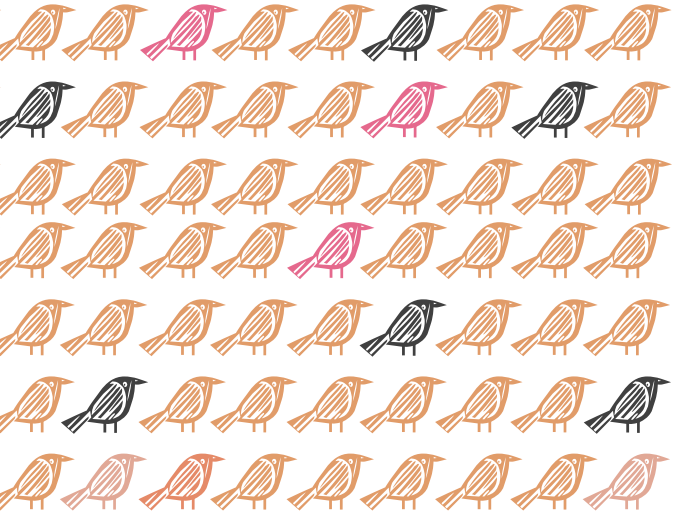
REFERÊNCIAS

COSTA-ARAÚJO, R. et al. Acesso às Coleções Biológicas Científicas. In: Coleções Biológicas Científicas Brasileiras: diagnóstico, prioridades e recomendações. Curitiba: Sociedade Brasileira de Zoologia, 2024. p.97-104.

GALVÃO, S. A. S. et al. EL CONSUMO DE CANGREJO Ucides cordatus (LINNAEUS, 1763) EN FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL. In: Boletim Técnico-Cientifico do CEPNOR, 2010. v. 10, p. 9 - 19.

LIMA, A. R.; FALEIRO, B. T. Coleções biológicas científicas. In: Princípios de sistemática zoológica. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. p. 69-77.

SOARES, M. O.; RABELO, E. F. PRIMEIRO REGISTRO DE BRANQUEAMENTO DE CORAIS NO LITORAL DO CEARÁ (NE, BRASIL): INDICADOR DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS?. In: São Paulo, UNESP, Geociências, 2014. v.33, p. 1-10.



SALA 1
COMUNICAÇÃO, EXPOSIÇÃO E DIVULGAÇÃO DE PATRIMÔNIO

Mediador
Eliane Muratore

Autor do documento
Carlos Eduardo Barbosa de Sousa

Apresentação 1: Espaços de Divulgação Científica do Instituto de Física da UnB: Um relato de experiência em andamento.
O apresentador trouxe destaque a um espaço voltado para a ciência e a tecnologia, ressaltando sua relevância como ambiente de aprendizado, inovação e aproximação entre o público e o conhecimento científico, evidenciando como esses museus podem despertar curiosidade e promover a divulgação da ciência de forma acessível.

Apresentação 2: A invisibilidade museológica no contexto universitário: um estudo sobre o Museu de Anatomia da UFPA.
A apresentadora destacou que o Museu de Anatomia da UFPA ainda não é amplamente conhecido, o que dificulta a expansão e a extensão das atividades desses espaços. Ressaltou, contudo, a riqueza e a diversidade do acervo, composto por cerca de mil peças, evidenciando como esse patrimônio contribui significativamente para a sociedade. Segundo ela, tais peças não se limitam ao campo acadêmico da saúde, mas possuem um papel que atravessa o pedagógico e o científico, permitindo que o conhecimento ali presente alcance diferentes públicos e amplie seu impacto para além das fronteiras da universidade.

Apresentação 3: Descobrindo a UFRGS: difusão e catalogação da coleção Imagens da UFRGS.
A apresentadora mostrou como utilizou a fotografia como mecanismo de divulgação da UFRGS, recurso que possibilitou ampliar o alcance do museu e democratizar a aproximação do público com esses espaços, tornando-os mais acessíveis e presentes no cotidiano das pessoas.

Apresentação 4: Museus e a democratização do acesso ao conhecimento na área das ciências biológicas: um estudo de caso acerca do Museu de Ciências Naturais da UFPR.
Na discussão, a ministrante trouxe a reflexão sobre a democratização do acesso ao conhecimento na área das ciências biológicas, destacando a importância do acervo de botânica como recurso fundamental nesse processo. Ela apresentou as ações do museu em projetos de extensão, visitas mediadas e participação em feiras de ciências e profissões, mostrando como essas iniciativas ampliam o alcance das atividades e aproximam diferentes públicos. No entanto, ressaltou também a dificuldade de acesso ao museu, marcada principalmente pela falta de divulgação, o que limita o potencial de impacto dessas ações junto à sociedade.

Apresentação 5: A exposição sobre o legado de Vital Brazil (1865-1950) na Bahia.
O apresentador destacou que a proposta da exposição era profundamente imersiva, permitindo que os artefatos não apenas ocupassem o espaço físico, mas também interagissem com os visitantes de forma ampliada, alcançando a esfera virtual. Nesse sentido, ressaltou-se o compromisso em gerar conteúdos que tornassem a mostra mais acessível e capaz de dialogar com diferentes campos e públicos. Além disso, foi evidenciado o legado de Vital Brazil, cuja contribuição histórica permanece como eixo fundamental para a compreensão e valorização da exposição.

Apresentação 6: Nosso Museu: primeiros passos para um museu da UNIRIO.
O projeto Nosso Museu teve uma apresentação marcante, fruto de uma pesquisa que convidava o público a imaginar um museu possível e coletivo. A iniciativa buscou envolver a sociedade por meio de formulários, estimulando a imaginação e a construção compartilhada de ideias, de modo que cada participante pudesse contribuir ativamente para esse processo criativo. Essa dinâmica ocorreu a partir da escuta de histórias, que serviram como ponto de partida para dar forma a um museu concebido não apenas como espaço institucional, mas como resultado de uma construção coletiva e viva.

Apresentação 7: Ecos de transformação: a trajetória do museu de anatomia humana da UFCSPA.
A apresentadora destacou a propagação do Museu de Anatomia Humana da UFCSPA, ressaltando como essa iniciativa amplia a visibilidade do espaço e reforça sua importância para a sociedade. Ao tornar o acervo mais conhecido, o museu não apenas contribui para o ensino e a pesquisa, mas também possibilita uma maior aproximação do público com o conhecimento científico, fortalecendo seu papel social e educativo.

Apresentação 8: Patrimônio de Barro: Diálogos entre a Cultura Popular e o Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí.
A apresentadora trouxe uma rica variedade de recursos visuais sobre a cultura popular, destacando a prática de esculturas em barro e sua relevância artística e simbólica. Além disso, analisou espaços museais do Piauí que buscam reapresentar histórias e contextos socioculturais, valorizando a memória e as identidades locais. A ministrante, por sua vez, documentou essas referências e estabeleceu relações entre a arqueologia, a paleontologia e essas produções artísticas, evidenciando como diferentes áreas do conhecimento podem dialogar na preservação e interpretação do patrimônio cultural.

Discussão

A discussão iniciou-se a partir da constatação da escassez de acervos voltados para ciência e tecnologia, refletindo também sobre o fato de muitos museus ainda priorizarem apenas o impacto imediato que suas coleções podem causar nos visitantes, sem considerar a relevância de outros campos e dimensões. Nesse sentido, destacou-se a importância das plataformas digitais, especialmente durante a pandemia, como meios eficazes de divulgação e democratização do acesso aos acervos. Também foi ressaltado que o acervo museal é diverso por natureza e pode abranger qualquer temática, o que amplia suas possibilidades de diálogo com diferentes públicos. Dentro dessa perspectiva, os museus de anatomia ganharam destaque pela relevância que possuem não apenas na pesquisa e na extensão universitária, mas também como ferramentas de aproximação entre a sociedade e conhecimentos muitas vezes restritos ao ambiente acadêmico. Ainda mais, eu contribuí destacando a importância da pesquisa Nosso Museu da UNIRIO, projeto que valoriza a construção coletiva realizada junto a outros coletivos, evidenciando que a verdadeira sustentação desses espaços não está apenas nos objetos preservados, mas, sobretudo, nas pessoas que os mantêm vivos.





Apresentações de comunicação oral, na sala 1 pela tarde, sobre Comunicação, Exposição e Divulgação de Patrimônio - Fotógrafo: Flávio Almeida

Espaços de Divulgação Científica do Instituto de Física da UnB: Um relato de experiência em andamento

André Luís Miranda de Barcellos Coelho
Cássio C. Laranjeiras
Joyce da Silva Santana

INTRODUÇÃO

O Instituto de Física da Universidade de Brasília possui um espaço privilegiado de divulgação científica. Localizado na parte central do prédio do Instituto Central de Ciências (ICC), a Experimentoteca do IF/UnB conta com uma área de cerca de 150 m^2 e chega a receber entre 100 e 150 visitantes semanalmente. Sua missão declarada é a de facilitar o acesso da comunidade acadêmica e população em geral ao ofício da ciência. É um espaço no qual está instalado uma exposição permanente de equipamentos e experiências, majoritariamente, demonstrativas. Faz parte das ações do Núcleo de Pesquisa em Ensino de Física (NPEF) e encontra-se fechada para reforma com previsão de reabertura para o primeiro semestre de 2026.

Até antes de seu fechamento temporário, a Experimentoteca recebia visitas principalmente de grupos escolares, que compreendem instituições tanto da rede pública quanto da privada de ensino. Em parceria com os museus de Biologia e Geociências da universidade, no âmbito do programa "Vivências UnB: Tour pelo campus" a Experimentoteca facilitava o agendamento de visitas simultâneas para escolas interessadas. Geralmente realizadas de segunda a sexta-feira, as visitas contavam com o apoio dos monitores - bolsistas ou voluntários - que eram discentes do curso de Física (bacharelado ou licenciatura) de qualquer semestre. O espaço era coordenado também com o auxílio de uma servidora do quadro da universidade, graduada e mestre em Química, terceira autora deste manuscrito.



Foto 1 : Registros fotográficos da Experimentoteca IF/UnB.
Fonte: Acervo fotográfico pessoal do professor Cássio Laranjeiras.

MATERIAL E MÉTODO

A Experimentoteca se constituiu no Instituto de Física no final da década de 1990, entre 1997 e 1998, por iniciativa do Prof. José Eduardo Martins. O princípio metodológico básico e norteador das atividades desenvolvidas no espaço é a ideia de que a relação com a ciência deve necessariamente ser mediada pela participação ativa do público. A dimensão histórico-cultural do conhecimento científico e tecnológico é também enfatizada e, neste sentido, cada atividade é apresentada como um desafio à compreensão de diferentes fenômenos físicos, estando o público permanentemente convidado a se envolver, a se colocar questões, a dialogar, a aprender. Neste momento ela está prestes a passar por uma reforma que tem o potencial de modificá-la profundamente, tanto na sua infraestrutura física quanto no aprofundamento da sua estrutura conceitual. O momento é auspicioso para cotejar sua história e, de alguma maneira, a partir de um registro sistemático, contar sua trajetória. Há muitos professores e professoras que ainda fazem parte do quadro funcional do instituto e que participaram de sua constituição enquanto espaço privilegiado de divulgação. O desafio passa por reunir e produzir depoimentos, documentos e outros registros de maneira a sermos capazes de contar uma história que ainda está sendo escrita, mas que já conta com mais de duas décadas de existência.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Outro espaço dedicado integralmente à divulgação e comunicação pública da ciência no IF/UnB é o Museulab. Fundado pelo professor Cássio C. Laranjeiras é originário dos esforços da idealização, projeto e realização do Museu de Ciência e Tecnologia de Brasília (MCTB). Projeto este que a despeito de grandes esforços e conquistas nas últimas décadas[1], ainda não logrou concretização em uma instalação cultural na cidade. Diante dessa circunstância, o Museulab surge com a proposta de ser um laboratório colaborativo, desenvolvendo ações no campo da divulgação científica e comunicação pública da ciência, enfatizando as relações intrínsecas entre Arte, Ciência e Tecnologia. Neste sentido, o Museulab incorpora a ideia de ser uma espécie de ação piloto e itinerante do referido museu. Ao longo dos anos realizou diversas ações itinerantes em feiras, escolas, semanas científicas e outros espaços, consolidando-se como uma importante referência na cidade.

[1] O que inclui projeto arquitetônico escolhido por concurso público, destinação de terrenos e até recursos alocados para a construção predial. Por diversos fatores internos e externos à Universidade, o projeto não foi executado até a presente data.

MATERIAL E MÉTODO

A Experimentoteca se constituiu no Instituto de Física no final da década de 1990, entre 1997 e 1998, por iniciativa do Prof. José Eduardo Martins. O princípio metodológico básico e norteador das atividades desenvolvidas no espaço é a ideia de que a relação com a ciência deve necessariamente ser mediada pela participação ativa do público. A dimensão histórico-cultural do conhecimento científico e tecnológico é também enfatizada e, neste sentido, cada atividade é apresentada como um desafio à compreensão de diferentes fenômenos físicos, estando o público permanentemente convidado a se envolver, a se colocar questões, a dialogar, a aprender. Neste momento ela está prestes a passar por uma reforma que tem o potencial de modificá-la profundamente, tanto na sua infraestrutura física quanto no aprofundamento da sua estrutura conceitual. O momento é auspicioso para cotejar sua história e, de alguma maneira, a partir de um registro sistemático, contar sua trajetória. Há muitos professores e professoras que ainda fazem parte do quadro funcional do instituto e que participaram de sua constituição enquanto espaço privilegiado de divulgação. O desafio passa por reunir e produzir depoimentos, documentos e outros registros de maneira a sermos capazes de contar uma história que ainda está sendo escrita, mas que já conta com mais de duas décadas de existência.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Outro espaço dedicado integralmente à divulgação e comunicação pública da ciência no IF/UnB é o Museulab. Fundado pelo professor Cássio C. Laranjeiras é originário dos esforços da idealização, projeto e realização do Museu de Ciência e Tecnologia de Brasília (MCTB). Projeto este que a despeito de grandes esforços e conquistas nas últimas décadas[1], ainda não logrou concretização em uma instalação cultural na cidade. Diante dessa circunstância, o Museulab surge com a proposta de ser um laboratório colaborativo, desenvolvendo ações no campo da divulgação científica e comunicação pública da ciência, enfatizando as relações intrínsecas entre Arte, Ciência e Tecnologia. Neste sentido, o Museulab incorpora a ideia de ser uma espécie de ação piloto e itinerante do referido museu. Ao longo dos anos realizou diversas ações itinerantes em feiras, escolas, semanas científicas e outros espaços, consolidando-se como uma importante referência na cidade.



Foto 2: Registros fotográficos de algumas ações do Museulab.
Fonte: Acervo fotográfico pessoal do professor Cássio Laranjeiras.

O acervo de divulgação e comunicação pública da ciência do IF/UnB atualmente encontra-se espalhado em diversos espaços do Instituto. Além disso, ele conta com equipamentos com variados graus de conservação e usabilidade. Não há listagem, nem qualquer registro para além do patrimônio institucional dos objetos. Tampouco há plano museológico. Além disso, diversos equipamentos precisam ser restaurados e (re)compreendidos como equipamentos de divulgação científica. Ainda em 2025 (provavelmente até Julho) a maior parte desse acervo precisará ser movimentado, motivado pela reforma que acontecerá na Experimentoteca. Será preciso também garantir que esses equipamentos estejam disponíveis para serem expostos ao término da reforma, no espaço onde hoje está a experimentoteca, ou próximo a ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses e outros esforços correlatos estão sendo capitaneados pelo Laboratório Colaborativo de Educação e Divulgação da Ciência e Tecnologia, que é coordenado pelo primeiro autor desse relato. É concebido como um laboratório científico, colaborativo e multifuncional, sediado no Instituto de Física da Universidade de Brasília. Caracteriza-se como um ecossistema de pesquisa, desenvolvimento e comunicação pública da ciência. É vinculado ao NPEF e atua nos campos da educação científica e divulgação da ciência e tecnologia. Seus membros são estudantes e professores de diversos departamentos da Universidade e algumas pessoas de outras instituições.

Buscaremos nos próximos meses consolidar as ações de renovação dos nossos espaços de divulgação. Como um importante referencial teórico que não apenas nos orienta, mas também nos inspira, elegemos alguns trabalhos de Jorge Wagensberg (2000)(2005). Contudo, pela natureza mesmo do movimento, esperamos que o que factualmente nos possibilite avançar é, justamente, o convívio e o diálogo entre diferentes epistemologias, pessoas e histórias.



Foto 3: Registro fotográfico da primeira reunião do Laboratório Colaborativo de Educação e Divulgação da Ciência e Tecnologia. O grupo conta com estudantes, professores e outros profissionais das áreas de História, Museologia, Física, Fisioterapia, Audiovisual, Artes Plásticas, Sociologia, Química, Jornalismo, Biblioteconomia, Administração, Computação e Engenharia. Fonte: Acervo fotográfico pessoal do professor André Barcellos.

PALAVRAS-CHAVE

Museu de Ciências, Museu de Física, Museu Universitário, Coleção Universitária

REFERÊNCIAS

WAGENSBERG, Jorge et al. Principios fundamentales de la museología científica moderna. Alambique, v. 26, p. 15-19, 2000.
WAGENSBERG, Jorge. The" total" museum, a tool for social change. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 12, p. 309-321, 2005.

A invisibilidade museológica no contexto universitário: um estudo sobre o Museu de Anatomia da UFPA

Julia Soares (UFPA) - soares18j@gmail.com
Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA) jessicatarine@ufpa.br

INTRODUÇÃO

Discute-se a questão da invisibilidade museológica no ambiente universitário, com foco no Museu de Anatomia da Universidade Federal do Pará (UFPA). A relevância da pesquisa reside na constatação de que museus universitários, embora possuam acervos valiosos e desempenhem um papel central na formação acadêmica, enfrentam obstáculos significativos de visibilidade e acessibilidade. A literatura evidencia que a função dos museus universitários vai além da preservação, abrangendo a educação, a extensão e a produção de conhecimento (Abreu et al., 2007; Almeida, 2001; Lima, 2023). O objetivo principal do estudo foi identificar os fatores que contribuem para a invisibilidade do Museu de Anatomia da UFPA e propor estratégias que possibilitem ampliar sua visibilidade, integração com a comunidade e valorização institucional. O estudo parte do pressuposto de que a visibilidade museológica depende de políticas de comunicação, acessibilidade e engajamento com diversos públicos.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada combinou abordagens qualitativas e quantitativas. O principal instrumento utilizado parcialmente foi o diagnóstico de coleções desenvolvido pela Rede de Coleções e Museus da UFPA, que inclui um questionário quantitativo aplicado especificamente nas dimensões de Acesso e Divulgação (Coelho, 2024; Lima; Coelho, 2025). A análise qualitativa é fundamental para identificar as problemáticas das coleções e museus com maior profundidade (Alves, 2020), enquanto a quantitativa contribui para uma avaliação mais abrangente e precisa, incluindo o número de coleções e aspectos como condições de preservação, relevância histórica e potencial de engajamento com o público (Lima, 2023a).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do questionário aplicado evidência que a invisibilidade do Museu de Anatomia da UFPA decorre de múltiplos fatores. A ausência de uma política formal de divulgação e a limitação do público-alvo a estudantes da área da saúde restringem o alcance do museu. Embora o espaço disponha de um site institucional

e utilize mídias sociais, como YouTube e Instagram, não há mecanismos formais para avaliar o impacto dessas ações, nem políticas de acessibilidade inclusivas (Costa; Alves, 2024; Chaves; Morigi, 2018). A falta de um sistema de registro de visitantes, a inexistência de recursos pedagógicos adaptados e a ausência de políticas claras sobre direitos de imagem das peças digitalizadas também foram identificadas como barreiras significativas (Valente; Freitas, 2017; Closs et al., 2024). Apesar de o acervo conter mais de mil peças anatômicas, com alto valor pedagógico e científico, a experiência do visitante é limitada por uma exposição pouco interativa e sem mediação cultural eficaz. Foi demonstrado também que o museu sofre com um processo de apagamento institucional, sendo subutilizado mesmo dentro da universidade. A Rede da UFPA aparece como elemento-chave ao fornecer suporte técnico e metodológico para o diagnóstico e a formulação de estratégias de fortalecimento da visibilidade museológica. Recomenda-se implementar uma política formal de divulgação presencial e digital e adotar estratégias inclusivas que ampliem o acesso e a interação com públicos diversos. Sugere-se também aprimorar a acessibilidade com recursos pedagógicos adaptados interativos. Destaca-se a necessidade de estabelecer critérios formais de valoração do acervo, implementar um sistema de monitoramento de visitas e elaborar diretrizes sobre direitos de imagem para viabilizar a produção e o compartilhamento de conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo confirmou que o Museu de Anatomia da UFPA enfrenta um quadro de invisibilidade multifatorial, caracterizado pela ausência de planejamento estratégico de comunicação, limitações de acessibilidade e uma frágil articulação com a comunidade acadêmica e externa. Para que o museu cumpra suas funções de ensino, pesquisa, extensão e salvaguarda do patrimônio, é necessário adotar políticas de divulgação, fortalecer a acessibilidade, implementar monitoramento sistemático do público e estabelecer diretrizes de valoração e uso de imagem do acervo. Destaca-se o papel crucial da gestão qualificada dos acervos, com investimento contínuo em políticas de preservação e difusão do patrimônio científico e cultural universitário.

PALAVRAS-CHAVE

Museus; Divulgação científica; Diagnóstico de coleção; Acesso; Patrimônio universitário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal do Pará, por oferecer o espaço acadêmico necessário ao desenvolvimento desta investigação, e ao curso de Museologia pela formação sólida e pelo incentivo à pesquisa crítica no campo museal. À Rede de Coleções e Museus da UFPA, por proporcionar acesso aos instrumentos metodológicos e à realidade institucional que fundamentaram este estudo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (org.). Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond; MinC/IPHAN/DEMU, 2007. Disponível em: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/c apitulos/21-muse us-colecoes_e_patrimonios-narrativas_polifonicas.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

ALMEIDA, A. M. Museus e coleções universitários: por que museus de arte na Universidade de São Paulo? 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: https://doi.org/10.11606/T.27.2001.tde-10092003-160231. Acesso em: 3 mar. 2025.

ALVES, J. R.. Avaliação para gestão de coleções em museus: uma proposta de indicadores de desempenho com base na norma spectrum. 2020. Tese (Doutorado) - Curso de Museologia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2020. Disponível em: http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/131189/4/434219.pdf. Acesso em 12 de fev. 2025

CHAVES, Rafael; MORIGI, Valdir. Os impactos dos usos das mídias sociais em museus. In: Encontro Regional Sul De História Da Mídia, 7 – Alcar Sul, 2018, Santa Maria, RS. Anais [...]. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/196241/001094014.pdf?sequence. Acesso em: 14 fev. 2025.

CLOSS, José Guilherme Veras; LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; VERAS, Mariana Matera. Práticas e ética na manutenção de coleções científicas universitárias: uma análise da intersecção entre Museologia e Medicina. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.11606/978-85-85026-09-7 Acesso em: 15 fev. 2025.

COELHO, Yasmin Correa. Diagnóstico de coleções universitárias: uma metodologia de gestão museológica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Bacharel em Museologia, Universidade Federal do Pará. 2024. Disponível em: https://redede colecoes.ufp a.br /wp -co n tent/uploads/2024/10/Coelho.-2024.-Diagnostico-de-colecoes-universitarias-TC-21.10.2024.pdf. Acesso em : 16 fev. 2025

COSTA, Mônica de Macedo; ALVES, Elias. O uso das mídias digitais: desafios no monitoramento e orientação de alunos no ensino fundamental II nas escolas públicas. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 10, n. 7, p. 82–91, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i7.14708. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1408. Acesso em: 30 jan. 2025.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de. Rede de Coleções e Museus da UFPA. Plano de Trabalho vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artística. Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Artes Visuais, Curso de Museologia, Belém, 2023a.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; COELHO, Yasmin Corrêa. Rede de coleções e museus universitários: uma experiência na amazônia paraense. Dossiê Museus e coleções universitárias. Revista Arteriais, Belém, v.10, n.18, p 21-29, 2025. Disponível em: http://dx.doi.org/10.185 42/a rteriais.v0i0.17687. Acesso em 14 fev. 2025.

SILVA, M. C. . Valoração de coleções museológicas: um aporte sobre a metodologia de gerenciamento de riscos. Dissertação de Mestrado, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, p. 1-15. 2017. Disponível em: https://www .arca.fiocruz.br /bitstream/handle/icict/40667/SilvaMar i a_PPGPATCO C_2017.pdf?sequence=2. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALENTE, Mariana Giorgetti; FREITAS, Bruna Castanheira de. Manual de Direito Autoral para Museus, Arquivos e Bibliotecas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. Disponível em: http:// www.mac.usp.br/mac/conteudo/academico/publicacoes/livros/manual_direitosautorais_GT.pdf. Acesso em: 01 mar. 2025.

Descobrindo a UFRGS: difusão e catalogação da coleção Imagens da UFRGS

Maura Bombardelli (UFRGS) – maura.bombardelli@ufrgs.br
Eliane Muratore (UFRGS) – eliane.muratore@museu.ufrgs.br
Lucas Quadros Petry (UFRGS) – lucaspetry.ufrgs@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Museu da UFRGS abriga uma coleção de fotografias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em diferentes momentos que vão desde sua origem – os primeiros cursos livres de Porto Alegre na virada para o século XX – passando por novas fases, com o incremento de cursos e campis. Essa coleção engloba principalmente imagens das instalações da Universidade e de atividades acadêmicas.

Promover a aproximação do público com a história da Universidade, fortalecendo seus vínculos com a instituição. Com esse objetivo teve início, em 2021, o projeto "Descobrindo a UFRGS". Naquele ano, devido ao contexto de pandemia de Covid-19, os estudantes, em especial os calouros, não puderam conhecer e vivenciar a Universidade de forma presencial.

A realização do projeto envolveu ampla pesquisa e divulgação do material fotográfico através das redes sociais do Museu. Somou-se às fotografias a apresentação de diferentes espaços museológicos que compõem a Rede de Museus e Acervos da UFRGS (REMAM). O presente trabalho detalha a realização do projeto e seus desdobramentos posteriores, com início da publicação das imagens da UFRGS no repositório digital Tainacan.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia contemplou a pesquisa, digitalização de imagens e produção de conteúdos sobre as unidades que compõe a UFRGS, bem como de seus espaços museológicos. O material foi postado nas redes sociais Instagram e Facebook[1] com imagens do acervo do Museu da UFRGS e dos acervos da REMAM, acompanhadas de textos com uma abordagem histórica. As publicações ocorreram ao longo de 2021, contemplando uma Unidade da UFRGS e seus respectivos espaços museológicos a cada semana. Paralelamente às publicações, foram feitas enquetes nos stories do Instagram para aumentar a interação com o público.

[1] As redes sociais Instagram e Facebook podem ser acessadas através do endereço @museu.ufrgs.

As postagens contaram com um expressivo número de interações e comentários. Em um balanço divulgado no final daquele ano, destacamos alguns números da série: publicamos 186 imagens em 62 posts. No Instagram, fizemos ainda 208 stories e 94 enquetes. Foram 5.750 as curtidas, somados Instagram e Facebook. Parte desse trabalho foi reproduzida em nosso site institucional, podendo ser acessada em https://www.ufrgs.br/museu/destaques-do-acervo/.

O referido projeto, somado a outras ações do Museu, tais como visitas guiadas, intensificou o interesse e a demanda de pesquisa das imagens da UFRGS. Em 2022 teve início o processo de digitalização das imagens, revisão de catalogação e disponibilização completa ao público através do repositório digital Tainacan, no endereço https://www.ufrgs.br/museutainacan/.

Hoje, já é possível acessar em nosso repositório, mais de 2 mil fotografias de onze unidades acadêmicas, totalizando 426 itens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A inserção dos museus em ambientes digitais tem sido objeto de estudos de comunicação em museus. Moraes e Santos (2024) em análise do Instagram da Pinacoteca de São Paulo destacam o potencial da rede social para o engajamento de novos públicos, mas também apontam limitações na participação ativa dos usuários, restringindo a perspectiva dialógica dos museus. Para as autoras, fortalecer o Instagram como mecanismo de mediação nos museus envolveria reorientar o uso da rede em direção ao diálogo e à participação, entendendo-a não apenas como meio de divulgação, mas também de interação.

Neste relato, apresentamos um projeto com conteúdo elaborado especialmente para as redes sociais do Museu. Cabe ressaltar que não foram realizados estudos de recepção de público do projeto. Cientes dessas limitações, podemos afirmar que houve um incremento significativo no engajamento do público com a história e o patrimônio da Universidade. O diálogo proporcionado pelas enquetes e comentários nas postagens evidenciou o interesse e a curiosidade do público em relação à história da Universidade. Além disso, a iniciativa contribuiu para a valorização dos espaços museológicos da UFRGS, destacando sua importância na preservação e divulgação do patrimônio cultural.

A disponibilização da coleção “Imagens UFRGS” no repositório digital Tainacan está ampliando o acesso ao acervo, permitindo que pesquisadores, estudantes e o público em geral explorem as imagens de forma organizada e acessível. Essa ação não apenas preserva a memória da Universidade, mas também promove a democratização do conhecimento e o fortalecimento da identidade institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Descobrindo a UFRGS” alcançou com êxito seus objetivos de aproximar o público da história da Universidade e fortalecer os vínculos institucionais, mesmo em um contexto de distanciamento físico imposto pela pandemia. A utilização estratégica das redes sociais, seguindo um padrão atual de conectividade digital de instituições culturais, permitiu a disseminação do conteúdo, enquanto a disponibilização do acervo no repositório Tainacan garante o acesso contínuo e organizado às imagens históricas.

A iniciativa demonstrou a importância da integração entre pesquisa, tecnologia e comunicação para salvaguardar e difundir o patrimônio cultural da UFRGS. Além disso, reforçou o papel do Museu e da REMAM como agentes da memória e identidade da Universidade. O presente relato evidencia o potencial de ações similares para outras instituições museológicas universitárias.

PALAVRAS-CHAVE

Acervo. Divulgação. Digitalização. Pesquisa. Catalogação.

REFERÊNCIAS

de Moraes, Julia Nolasco Leitão; SANTOS, Luiza Sant'Anna. Comunicação Museal na Cibercultura: uma análise do Instagram da Pinacoteca de São Paulo. In: XXIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. 2024. Disponível em https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1751. Acesso em: 19 maio. 2025.

Museu da UFRGS. Destaques do Acervo. Disponível em: https://www.ufrgs.br/museu/destaques-do-acervo/>. Acesso em: 22 maio. 2025.

Museu da UFRGS. Acervo. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/museutainacan/>. Acesso em: 22 maio. 2025.

Museu da UFRGS. Facebook: @museu.ufrgs. Disponível em: https://www.facebook.com/museu.ufrgs. Acesso em: 23 maio 2025.

Museu da UFRGS. Instagram: @museu.ufrgs. Disponível em: https://www.instagram.com/museu.ufrgs. Acesso em: 23 maio 2025.

Museus e a democratização do acesso ao conhecimento na área das ciências biológicas: um estudo de caso acerca do Museu de Ciências Naturais da UFPR

Bruna Andaiara Galvão (Unespar) – bruandaiaragalvao@gmail.com
André Fabrício Silva (Unespar) – andre.fabricio@unespar.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa o Museu de Ciências Naturais da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Por iniciativa do Professor Euclides Fontoura da Silva Júnior, o museu é inaugurado em 1994 e surgiu a partir da demanda de alguns professores, de um espaço para as exibições de atividades de extensão. Foi inaugurado em 26 de abril de 1994 com uma pequena exposição de plantas e animais preservados em recipientes com líquidos, taxidermizados, fósseis e esqueletos. A consolidação do espaço como um ambiente de visitas aconteceu nos anos seguintes, com a visitação pública, projetos de pesquisas e a formação de outras coleções. Apesar da inauguração do museu ter acontecido na década de 1990, "as coleções biológicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) tiveram início em 1952 com a criação do Herbário do Departamento de Botânica e, em 1956, com a criação da Coleção Entomológica, do Departamento de Zoologia." (Marinoni, 2016, p. 19)

Entendemos que o Museu de Ciências Naturais da UFPR representa um importante espaço de ações educativas. Assim como as universidades, os museus interligados às instituições de ensino, possuem como pilares o ensino, a pesquisa e extensão, desempenhando um importante papel na sociedade ao preservar, divulgar e promover ações e relações entre a comunidade e o conhecimento científico, como é o caso do Museu de Ciências Naturais da Universidade Federal do Paraná (MCN-UFPR).

O Museu de Ciências Naturais da UFPR é um importante centro de pesquisa de uma das maiores universidades brasileiras, trazendo visibilidade para as práticas de ensino, pesquisa e extensão, realizadas no estado do Paraná. Além de ser vinculado ao setor de ciências biológicas que possui uma das maiores coleções entomológicas do país e ter conexão com o Novo Arranjo de Pesquisa e Inovação – NAPI Paraná Faz Ciência, organização que visa criar ambientes e atividades que envolvam a população do Paraná com a ciência e tecnologia, o MCN representa uma grande participação da Universidade Federal do Paraná no campo da museologia, fazendo parte da tríade de museus universitários da UFPR junto do Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE UFPR e o Museu de Artes – MUSA UFPR.

Dessa forma, buscaremos analisar a construção e vivência dos museus universitários voltados às ciências, em especial as ciências naturais, como o próprio Museu de Ciências Naturais da UFPR, o Museu de Ciências Naturais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Mucin-UFRGS) e o Museu de Ciências Naturais da Universidade Estadual do Paraná (UEPG), tendo como ponto de partida a relação desses espaços, o conhecimento científico e a sociedade, com o intuito de reconhecer a importância dos museus para a educação não formal e a alfabetização científica de maneira acessível, lúdica e aberta a todos os públicos. A presente pesquisa em andamento busca investigar a democratização do acesso ao conhecimento na área das Ciências Biológicas no Museu de Ciências Naturais da UFPR, a partir de uma análise de suas exposições e divulgação tanto das ações do museu quanto das pesquisas realizadas a partir das coleções presentes no acervo do espaço.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para poder compreender a história tanto do Museu de Ciências Naturais quanto das suas ações de extensão à comunidade e a utilização das coleções que fazem parte do conjunto do Acervo Científico da Universidade Federal do Paraná, será realizado um estudo de caso acerca do Museu de Ciências Naturais. Para isso, além da pesquisa bibliográfica a respeito do tema de museus universitários, museus de ciência, patrimônio e conhecimento científico, e espaço mencionado, serão realizadas visitas aos espaços que tiveram início em fevereiro de 2025 e retornarão em setembro de 2025, devido a uma pausa nas atividades do museu em razão de uma reforma na estrutura física do espaço. Será realizada, após a retomada das atividades no museu, uma visita à reserva técnica para uma análise exploratória da documentação e da trajetória do museu. A pesquisa documental auxiliará na compreensão da história do espaço, sua vinculação ao setor de Ciências Biológicas da UFPR, bem como os meios de aquisição e descarte do acervo e a frequência de empréstimos para estudo e pesquisas.

A partir do acesso a documentação e registros do museu, iremos fazer um levantamento acerca do número de pesquisas realizadas com as coleções e espaço do museu. Esse levantamento será dividido em área de estudo (ciências biológicas, zootecnia, paleontologia etc.), níveis de formação (graduação, mestrado, doutorado ou iniciação científica) e qual vínculo institucional o pesquisador possui (se é membro ou estudante da UFPR ou da comunidade externa).

Para analisar a democratização do acesso ao conhecimento científico está sendo feito, desde as primeiras visitas, uma análise do percurso expográfico e legendas das exposições. Esse trabalho começa ao adentrar o espaço e analisar a narrativa do espaço está apresentada de maneira clara e se causa interesse do público.

O próximo passo é analisar as informações dispostas nas legendas e banners que são encontradas ao longo do percurso. Para isso serão feitas perguntas como: estão em alturas ideias? A linguagem está acessível para o visitante que não é da área das ciências biológicas? A quantidade de texto está atrativa ou não?

Além das perguntas mencionadas, focamos também em analisar as ações educativas do museu como participação em feiras de profissão e eventos científicos, visitas mediadas e a atividade em redes sociais, através de postagens e vídeos explicativos quanto ao acervo.

Para compreender o trabalho do museu e o alcance do espaço a todos os públicos, está sendo realizado entrevistas com a equipe de gestão do museu de ciências naturais, estudantes do Campus Politécnico onde o museu se localiza, visitantes de áreas das ciências biológicas e visitantes da comunidade externa à universidade.

RESULTADO E DISCUSSÕES

Por se tratar de uma pesquisa em andamento e devido a paralisação para reforma do espaço físico, algumas informações e resultados ainda não foram coletados. Entretanto, algumas ações e dados podemos observar.

Como citado anteriormente, algumas das ações de divulgação científica do espaço acontecem quase que diariamente. Em sua página na rede social Instagram, o museu realiza postagens com teor educativo, como a conscientização quanto aos biomas brasileiros, vídeos explicativos sobre o reino animal utilizando de seu próprio acervo, como a coleção de foraminíferos, de invertebrados e a atual atração do espaço a réplica em tamanho real do megatério, a preguiça gigante.

Além da atividade nas redes sociais, o museu participa de feiras de profissão, feiras de ciências e eventos científicos levando ao público, uma pequena parte de seu acervo para exposição e mediação. Ainda sobre o acervo do espaço, é dividido em três categorias: acervo expositivo, acervo científico/de pesquisa e acervo educativo. O acervo educativo é manipulável e pode ser emprestado tanto por professores da universidade para o uso em aula quanto por professores da rede básica de ensino, pública ou privada.

Por meio de entrevistas com visitantes tanto das ciências biológicas quanto de áreas diferentes de estudo, foi possível obter algumas percepções sobre o museu. Para pessoas do campo das ciências biológicas, o museu é uma ramificação da sala de aula além de ser o depositário de peças e réplicas utilizadas em seus estudos durante a graduação. Para visitantes que não são do ramo da biologia, o museu é atrativo, educativo, divertido principalmente pela presença de animais vivos, porém,

apresenta em alguns momentos, legendas que não alcançam de maneira ideal o conhecimento que o visitante possui ou não, como o uso apenas de nomes científicos, ou uma explicação muito acadêmica, não permitindo que a experiência seja 100% envolvente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função da Universidade, não somente no campo de pesquisa científica que a atuação do MCN-UFPR é possível ser vista, mas no campo de ensino e extensão à comunidade externa. Entretanto, é possível notar um certo desconhecimento sobre o espaço, mesmo entre pessoas de dentro da universidade. Além da falta de conhecimento sobre o espaço, as exposições do museu nos mostram algumas questões que podemos considerar como possíveis empecilhos no alcance do conhecimento da área das ciências biológicas. É justamente pela falta de conhecimento que a pesquisa sobre o museu, seus trabalhos no campo científico, estudos e divulgação de uma perspectiva museológica se faz necessária, sendo o caminho que pretendemos seguir.

PALAVRAS-CHAVE
Museu universitário; Museus de ciências; Conhecimento científico;

REFERÊNCIAS

CARVALHO, C. R. JULIÃO, L.; CUNHA, M. N. B. da. Museus Universitários no Brasil: Diagnóstico e Proposições. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, [S. l.], v. 10, n.2, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/42505. Acesso em: 30 mar. 2025.

CHAGAS, M. Pesquisa Museológica. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. (org.). Museus Instituição de Pesquisa. MAST Colloquia, 7. Rio de Janeiro: MAST, 2005, p. 51-63.

CORREIA, Helem Cristina Ribeiro de Oliveira. Gestão de museus universitários: um estudo a partir do caso do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. Dissertação (Mestrado em Museologia) Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-08082023-161249/pt-br.php.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. Museologia & Interdisciplinaridade, [S. l.], v. 2, n. 4, 2013. DOI: 10.26512/museologia. v2i4.16366. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16366. Acesso em: 20 mar. 2025.
SILVA, Mauricio Candido da. A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. Revista CPC, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 27, p. 297–309, 2019. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v14i27p297-309.Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/152250. Acesso em: 3 mar. 2025.

Nosso Museu: primeiros passos para um museu da UNIRIO

Luciana Menezes de Carvalho (UNIRIO) - luciana.carvalho@unirio.br
Rodrigo Fortes Mello (UNIRIO) - rodrigo.mello@unirio.br
Brunna Ellen de Almeida Santos (UNIRIO) - brunnaellen.santos@edu.unirio.br
Luiza Tallens de Lima Muhlethaler Chouin (UNIRIO) - luiza.chouin@edu.unirio.br
Rafaela da Silva Rego Gomes (UNIRIO) - rafaelagomes@edu.unirio.br

INTRODUÇÃO

Toda narrativa, inclusive a museal, nasce de escolhas — e também de silêncios. Mas silenciar, sobretudo em instituições de memória, não pode ser opção. Como lembra o ICOM (2017), encarar um passado doloroso é o primeiro passo para imaginar, juntos, um futuro de reconciliação. Na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), há um grito — ainda muitas vezes contido — que ecoa contra os apagamentos que a história impôs e ainda impõe. Tal como o Museu das Remoções declarou que "memória não se remove", aqui também pulsa a urgência de lembrar. Dar forma a esse passado por meio de um museu é, ao mesmo tempo, gesto de resistência e possibilidade de (re)conhecimento. Um caminho que fortalece a instituição, mas também transforma quem passa por ela — sobretudo os estudantes — em sujeitos mais conscientes de si, do outro e do tempo que habitam.

Iniciado em 2023 como projeto de Cultura[1] e intitulado "Como queremos nosso museu: experiências de cura, afeto e memória na construção de um museu para a UNIRIO", o objetivo principal, desde aquele momento, foi o de propiciar a possibilidade de participação na imaginação e elaboração de um museu para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Como resultado desta iniciativa e escuta, ficou claro que o desejo coletivo era pela implantação de uma prática museal de território dedicada à história da universidade, considerando interfaces relativas às suas memórias, principalmente as esquecidas (voluntária ou involuntariamente).

Considerando tal premissa, em 2025, temos dois principais focos: 1) propiciar inspirações expográficas para o desenho dos totens do primeiro roteiro do museu de território, no Campus 436, no bairro Urca (Rio de Janeiro); e 2) fortalecer um debate sobre a abrangência deste museu de território.

MATERIAIS E MÉTODOS.

A metodologia do projeto para 2025 foi organizada em quatro etapas, considerando os dois focos principais apresentados acima:

[1] O projeto foi cadastrado na Coordenadoria de Cultura da UNIRIO e contemplado com bolsas do Programa Institucional de Iniciação Artística e Cultural (PIBCUL) para estudantes de graduação.

Planejamento e Consolidação
Em março e abril, o coletivo de voluntários e colaboradores, em parceria com o Programa de Extensão "Espaços Livres UNIRIO", definiu diretrizes para 2025. Foram considerados também dados de pesquisas anteriores (2023 e 2024), relacionados a projetos de Cultura e de Extensão, especialmente sobre totens e paletas de cores.

Desenvolvimento de Ações e Consultas
Serão realizadas duas ações voltadas à discussão sobre a abrangência do museu de território, tais como: necessidade de sede física, integração com coleções da UNIRIO e definição dos tipos de roteiros (institucional, científico, ditadura, afetivo, entre outros). A primeira ação é o I Seminário Nosso Museu UNIRIO, com o tema: “Nosso Museu UNIRIO: o futuro (e os desafios) dos museus de territórios em comunidades em rápida transformação”. O evento será em três dias (de 27 a 29 de maio):
• Dia 1: Trocas com museus de território de todo o Brasil;
• Dia 2: Visita ao Museu de Favela (MUF);
• Dia 3: Hackathon com elaboração coletiva de propostas de circuito de museu de território. As propostas serão premiadas com base em critérios como originalidade, acessibilidade, criatividade, viabilidade, sustentabilidade, comunicação, caráter educativo e uso de mídias.
A segunda ação será uma consulta por formulário, a ser realizada em junho e julho.

Primeiros Esboços
A partir das ações anteriores, será desenvolvida uma proposta inicial de estrutura para o museu de território, com base nas contribuições coletivas, além de fornecimento de referências expográficas para o primeiro roteiro do museu de território, a ser implantado no Campus 436 pelo eixo Urbano do programa.

Documentação
Sistematização do processo com registros fotográficos, textuais e relatórios. Os resultados serão divulgados na Semana de Integração Acadêmica (SIA) da UNIRIO em 2025, servindo como base para continuidade do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As consultas e rodas de conversas que fizemos com a nossa comunidade acadêmica e externa resultou na ideia de um museu de território para a UNIRIO, já que o público participante da primeira pesquisa realizada em 2023 (112 participantes) apontou para um museu que fosse acolhedor, amplo, e interativo, além de tratar da história e da memória institucional. Em seguida, em 2024, conjuntamente com o Programa Espaços Livres, fizemos dois encontros abertos, no Campus 436 da Urca, usando espaços de trânsito nesse campus: a Tenda do CCH e a Tenda do CLA. Nestes encontros, escutamos a comunidade sobre aspectos de melhoria desses espaços, que em 2026 abrigarão o primeiro circuito/roteiro do museu de território. Ainda em 2024, fizemos nova consulta à comunidade (com 211 participantes), tratando especificamente de possibilidades de paletas de cores e modelos de totens para os futuros circuitos do museu de território. Ao longo do projeto, divulgamos nas redes sociais nossas ações, antes, durante e após sua efetivação[2]. Esperamos apresentar, durante o 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, os resultados preliminares das ações de 2025.

[2] https://www.instagram.com/nossomuseu_unirio/ e https://www.instagram.com/espacoslivresunirio/

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda prática museal que se quer viva, hoje, nasce do encontro — e do desafio — da construção coletiva. Assim, imaginar um museu para a UNIRIO é, antes de tudo, reconhecer a urgência de alianças consistentes entre os coletivos que coexistem em seus espaços e os que a cercam, na vizinhança dos afetos e das lutas. Esse museu não se fará em linha reta, nem entre dois pontos apenas. Ele é uma travessia entre muitos. Tudo o que aqui relatamos se constrói a partir dessa escuta aberta e da criação compartilhada. Por isso, esse projeto não carrega apenas um nome: carrega um compromisso. É, com sentido inteiro, o Nosso Museu UNIRIO.

PALAVRAS-CHAVE

Museu de Território. Memória. História da UNIRIO.

AGRADECIMENTOS

.À Pró-Reitoria de Extensão e Cultura; ao Programa de extensão Espaços Livres.

REFERÊNCIA

DIM 2017. Disponível em: < http://network.icom.museum/international-museum-day/dim-2017/el-tema/L/1/ >. Acesso em: 10 fev. 2017.

Ecos de transformação: a trajetória do Museu de Anatomia Humana da UFCSPA

Henrique Silva Lovera (UFCSPA) - henrique.lovera@ufcspa.edu.br
Isabela Karina Villas Boas (UFCSPA) - isabela.boas@ufcspa.edu.br
Morgana Silveira Bartz (UFCSPA) - morgana.bartz@ufcspa.edu.br
Ana Paula da Silva (UFCSPA) - paulabio@ufcspa.edu.br
Andrea Oxley da Rocha (UFCSPA) - oxley@ufcspa.edu.br

INTRODUÇÃO

O Museu de Anatomia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) é um projeto de extensão que expõe corpos e peças anatômicas dissecadas ou modelos sintéticos para integrar a comunidade acadêmica com a sociedade, em especial, as escolas da rede pública de Porto Alegre e região metropolitana, nosso principal público-alvo. A missão do projeto é contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico do país, por meio de ações de preservação, pesquisa e difusão do acervo de Anatomia Humana da UFCSPA para a população geral, além de conscientizar a sociedade brasileira sobre a doação voluntária do próprio corpo em vida para o ensino, extensão e pesquisa em Anatomia (ROCHA et al, 2017)

O MAUPoA possui como objetivos a democratização do conhecimento científico e a promoção da cultura em seu público-alvo. O contato entre estudantes universitários e estudantes de escolas públicas possibilita uma integração dos alunos da educação básica com o espaço universitário, ampliando as perspectivas do futuro destes jovens (GRODACH, 2008).

O objetivo deste trabalho é discutir e avaliar os resultados do projeto, considerando seu impacto, bem como seu desenvolvimento ao longo de seus 16 anos de existência.

MATERIAIS E MÉTODOS

A visitação no MauPOA é realizada mediante agendamento para escolas públicas e privadas, no qual são recebidos alunos do 6º ano do ensino fundamental ao final do ensino médio, além de escolas técnicas e cursos de nível superior. Cada turma agendada com aproximadamente 40 alunos recebe uma visita guiada por tutores, alunos universitários que já concluíram o estudo da Anatomia Humana.Os tutores explicam as peças anatômicas e exploram o ambiente museológico por meio da troca de saberes, tentando instigar o conhecimento dos estudantes, cumprindo com os princípios da educação museal. A exposição apresenta reproduções de obras de arte e peças anatômicas dispostas de acordo com os sistemas do corpo humano.

As obras de arte são selecionadas a fim de permear a história da anatomia humana e seu estudo, levando a uma reflexão sobre a relação ciência, arte e história. Cabe ressaltar que as obras de arte são selecionadas para compor uma narrativa expográfica, ajudando a criar uma apresentação que integra o conhecimento anatômico com o desenvolvimento das artes plásticas, da história em geral e da evolução do conhecimento científico (CURRY, M.X., 2005).

Já as peças anatômicas em exibição no MauPOA são produzidas por diferentes técnicas e busca-se abranger uma diversidade de sistemas e diferentes visualizações do corpo humano. Este material é ordenado seguindo cada um dos sistemas do corpo humano. Desde 2023, o MAUPoA está aberto durante 5 dias na semana, permitindo visitas guiadas, mediante agendamento, bem como visitação ao público geral. Para a avaliação do projeto e para a realização do estudo de público, se oferece aos visitantes, ao final da visita, um formulário de satisfação referente a experiência vivida.

Outro ponto importante a destacar é o protagonismo exercido pelos alunos universitários que atuam na exposição. De sua constituição, em 2008, como um projeto de extensão, até o ano de 2023, com a fundação do MauPOA como instituição universitária, o projeto não contou com apoio técnico de um museólogo. Assim, funções administrativas e de gestão estiveram à cargo da coordenação do projeto e dos alunos bolsistas e voluntários, bem como a realização de mediação, de projetos de pesquisa e contato com turmas e escolas. Atualmente, mesmo com a presença de uma museóloga, os alunos envolvidos no projeto continuam tendo ampla participação administrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde sua inauguração em 2008, o MAUPoA teve um aumento progressivo do seu público. As primeiras exposições, realizadas entre seu início e 2011, tiveram como público-alvo a própria comunidade interna da universidade, em especial funcionários e familiares de estudantes com curiosidade relacionada à anatomia. Entre 2012 e 2023, o local de exposição foi ampliado e, durante 10 dias por ano, exposições temporárias foram realizadas com convite às escolas de Porto Alegre e região metropolitana, mas que muitas vezes se estendiam a outras cidades, até mesmo fora do Estado, ampliando o público visitante anualmente. Em 2023, o MAUPoA ganhou um espaço dentro da UFCSPA que permitiu que ele se tornasse permanente, recebendo visitas ao longo de todo ano.

Os dados compilados e analisados demonstram uma evolução positiva do projeto de extensão ao longo de sua existência, com um crescimento significativo no número de visitantes na exposição. Com a linha do tempo nota-se na Figura 1 a evolução de visitantes ano a ano. Em 2024, mesmo enfrentando dificuldades, como a enchente que assolou o Estado do Rio Grande do Sul e obrigou o museu a ficar fechado por dois meses, mais de 6.800 indivíduos foram recebidos.



Figura 1 - Timeline com evolução do público anual do MAUPoa
Fonte: Vitória Copatti – Bolsista do MAUPoa

Além disso, destaca-se a contribuição do projeto à sociedade, já que a maioria dos visitantes afirmam ter aprendido algo novo sobre cuidados com a saúde, sendo que só no ano de 2024, 96% dos visitantes repetiram essa afirmação. Em relação ao público-alvo do MAUPoA os resultados também são positivos: 65% dos visitantes se sentem estimulados a ingressar no Ensino Superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última análise, percebe-se que o MAUPoA cumpre seus objetivos ao aproximar a comunidade externa à universidade, ampliando o acesso à ciência e à educação superior, contribuindo para a formação dos profissionais do futuro.

PALAVRAS-CHAVE

Museu de Anatomia; Educação em saúde; Impacto Social

AGRADECIMENTOS

A Equipe do MauPOA agradece à Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e à Pró-Reitoria de Extensão pela manutenção e apoio institucional, que torna possível a preservação e a divulgação do conhecimento anatômico à comunidade acadêmica e ao público em geral.

REFERÊNCIAS

CURY, M.X. Exposição-Concepção, Montagem E. Annablume, 2005.
GRODACH, C. Museums as Urban Catalysts: The role of Urban Design on Flagship Cultural Development. Journal of Urban Design V.13, n.2, p.195-212, 2008
ROCHA, A. O.; et al.. Using body donor demographics to assist the implementation of donation programs in Brazil. Anatomical Sciences Education, v. 8, p. 01-02, 2017.

A exposição sobre o legado de Vital Brazil (1865-1950) na Bahia

Abel D'Vargas Mescena (UFBA) abelmescena@outlook.com
Rejâne Maria LiradaSilva (UFBA) rejane@ufba.br

INTRODUÇÃO

Os museus são instituições permanentes que servem à sociedade, tendo o trabalho de pesquisar, colecionar, conservar, interpretar e expor o patrimônio material e imaterial (ICOM Brasil, 2022). São, portanto, espaços ligados à preservação da memória, que ao selecionar artefatos e elaborar exposições para o público podem atuar positivamente para consolidar na memória histórica da comunidade o legado e contribuição de eventos e pessoas. Sendo assim, as efemérides são uma ocasião oportuna para museus elaborarem exposições, especialmente aquelas que contribuam para a formação científica e a Ciência Cidadã, permitindo o acesso ao conhecimento científico para o público em geral e a produção de sentidos a partir dos artefatos, o que possibilita a formação de uma consciência coletiva a respeito de fatos ou eventos (Scheiner, 2015). Considerando a importância dessas ocasiões, o Museu de História Natural da Bahia (MHNBA/UFBA), através de sua Coleção Histórica e o Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia (NOAP/UFBA) da Universidade Federal da Bahia, através do acervo pessoal de suas coordenadoras, organizou uma exposição híbrida, em comemoração aos 160 anos do nascimento de Vital Brazil Mineiro da Campanha (28/04/1865-08/05/1950), cujo objetivo foi celebrar a sua memória e o seu legado na Bahia. Vital Brazil foi médico e sanitarista brasileiro, fundador do Instituto Butantan (1899) e do Instituto Vital Brazil (1919), se destacou na área da saúde, da Ciência Cidadã e pelo caráter humanitário do seu trabalho e é conhecido pela sua descoberta que até hoje salva milhares de vidas: a especificidade dos soros antiofídicos, tendo doado a patente para o povo brasileiro, em 1917 (Lira-da-Silva et al., 2016). Nosso objetivo é relatar a experiência do diálogo com os visitantes através da exposição O legado de Vital Brazil na Bahia que apresentou artefatos e objetos singulares ligados a Vital Brazil que chegaram à Bahia através do seu filho, Enos Vital Brazil (1924-1994), e passaram para sua neta, Tania Kobler Brazil (1947-) e, posteriormente, para curadora da Coleção Histórica do MHNBA/UFBA e coordenadora do NOAP/UFBA, Rejâne M. Lira-da-Silva (1968-), todos professores da Universidade Federal da Bahia.

MATERIAIS E MÉTODOS

O processo produtivo da Exposição presencial ocorreu através do Modelo Teórico da utilização dos Museus para fins educativos de Allard e Larouche (1999 apud Allard & Lefebvre 2001), tendo o MHNBA/UFBA e o NOAP/UFBA como o meio/instituições museológicas, os artefatos históricos como objeto/temática, os/as mediadores/as como os agentes (estagiário do NOAP/UFBA) e o público visitante como sujeito, estabelecendo-se as relações didáticas, de ensino e de aprendizado. A Exposição virtual foi construída a partir da Educação Museal Online (Oliveira et al., 2023), cujas publicações foram postadas no Instagram do NOAP (@noapufba) e da Rede Vital Para o Brazil: Rede de Informação, Diálogo e Cooperação sobre Animais Peçonhentos (@redevitalbrasil), procurando engajar o público na produção de significados e interação com o material expositivo. O estudo dos artefatos expostos baseou-se na abordagem de Lourenço e Gessner (2012), considerando-os como parte da cultura material capazes de evidenciar trajetórias e narrativas que de outra forma seriam esquecidas ou silenciadas (Gaskell; Carter, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição híbrida **O legado de Vital Brazil na Bahia** foi realizada durante a semana de 28 de abril a 4 de maio de 2025. Presencialmente os artefatos expostos foram tomados como documentos legítimos e fontes confiáveis (Santos; Granato, 2015) que atestam o legado de Vital Brazil para o Estado da Bahia. Foram expostos cerca de 35 artefatos: 18 livros, 5 assinados com dedicatórias à Vital Brazil (Tomo I - Memórias do Instituto Butantan; A defesa contra o ofidismo de Vital Brazil, proveniente da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFBA; Les Venins de Albert Calmette) e os Tomos I e II de Animaux Venimeux et Venins, de Marie Phisalix, dentre outros; 8 fotos, incluindo um retrato com a dedicatória de Vital Brazil à sua neta, Profª. Tania Brazil; 1 busto em Bronze, 1 lupa antiga; 1 selo comemorativo do centenário do Instituto Butantan; 2 notas de 10.000 cruzeiros com o rosto de Vital Brazil; 1 medalha Vital Brazil+2 fotos da Profª. Rejâne Lira-da-Silva; e 3 cobras de importância médica conservadas em via úmida do acervo didático do NOAP/UFBA. A Exposição virtual teve um total de 8 publicações: 4 reels e 4 posts no feed do Instagram do NOAP (Figura 1). Foi elaborado, ainda, um jogo interativo em forma de quiz através do aplicativo Kahoot[1], utilizado na exposição presencial e disponibilizado online. A visita presencial contou com 24 visitantes, que puderam, nos dias 29 e 30 de abril, visitar a exposição, interagir com os artefatos e participar do quiz com perguntas sobre a visita. Nas redes sociais as publicações contaram com mais de 180 visualizações por publicação.

Figura 1 – Artefatos utilizados na exposição



Fonte: compilação dos autores[2]

[1] O jogo pode ser acessado em: https://create.kahoot.it/details/13df043d-364e-47bf-bb48-52ef997ddff0. Acesso em: 02 mai. 2025.
[2] Montagem feita a partir do acervo de fotos do NOAP/UFBA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição teve uma resposta positiva do público, pois os visitantes, em sua maioria, não conheciam a dimensão do legado de Vital Brazil. Ademais, os artefatos apresentados como evidências materiais da sua memória, a maioria acervos pessoais, aproximaram o público da exposição, especialmente durante o momento em que os visitantes puderam tocar e folhear alguns dos livros que pertenceram a Vital Brazil. Os materiais publicados nas redes sociais[3] foram importantes para alcançar uma quantidade maior de pessoas, permitindo a interação do público com a exposição e contribuindo para a divulgação científica. A partir da boa recepção dos visitantes, optou-se por manter a exposição durante todo o mês de maio de 2025, dentro do circuito expositivo do NOAP/UFBA para a Sala da Coleção Histórica.

PALAVRAS-CHAVE

Vital Brazil. História das Ciências. Animais Peçonhentos. Museus.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo financiamento da Bolsa EXP-C, através do Projeto Os Bichos do Museu vão às Comunidades – Ciência Móvel e da Bolsa de Produtividade em Divulgação Científica.

REFERÊNCIAS

ALLARD, M.; LAROUCHE, H. L'éducation muséale à la croisée des chemins. In: LEFEBVRE, B. (Org.). La formation en muséologie et en éducation muséale à travers le monde. Canada: Ed. Multimondes, p. 157-173. 2001.

GASKELL, Ivan; CARTER, Sarah Anne. Introduction: Why history and material culture?. In: GASKELL, Ivan; CARTER, Sarah Anne (ed.). The Oxford Handbook of History and Material Culture. New York: Oxford University Press, 2020

ICOM – Brasil. Nova definição de museu (2022). Disponível em: https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/. Acesso em: 25 abr. 2025.

Lira-da-Silva, Rejâne Maria; LOURENÇO, Marta; Bochner, Rosany; Vital Brazil, Érico; Brazil, Tania Kobler; Cunha, Luís Eduardo Ribeiro da; Werneck de Castro, Antônio Joaquim. A contribuição de Vital Brazil para a medicina tropical: dos envenenamentos à especificidade da soroterapia. An Inst Hig Med Trop, v. 16, p. 21-26, 2016.

LOURENÇO, Marta; GESSNER, Samuel. Documenting collections: Cornerstones for more history of science in museums. Sci & Educ, [s. l.], v. 23, n. 4, p. 727-745, 2012. Disponível em:https://www.researchgate.net/publication/257662390_Documenting_Collections_Cornerstones_for_More_History_of_Science_in_Museums. Acesso em: 6 abr. 2025.

Oliveira, M.A.S.; Sebastião, M.R.; Lira-da-Silva R.M. Educomunicação para divulgar as inovações da Ciência Brasileira sobre animais peçonhentos. In: Soares, O.O.; Viana C.E.; Almeida, L.B.C.; Almeida. R.M.V. Educomunicação e Educação Midiática nas Práticas Sociais e Tecnológicas pelos Direitos Humanos e Direitos da Terra. São Paulo: ABPEducom, p. 507-5272. 2023.

SANTOS, Cláudia Penha dos; GRANATO, Marcus. A documentação dos acervos científicos e tecnológicos e o MAST: uma história a partir das memórias. In: GRANATO, Marcus (org.). Museologia e patrimônio. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015.

SCHEINER, Tereza. Cultura material e museologia: considerações. In: GRANATO, Marcus (org.). Museologia e patrimônio. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015.

[3] O card de abertura da exposição Virtual pode ser acessado em: https://www.instagram.com/p/DI_Rbo_CKRk/?img_index=1. Acesso em: 05 mai. 2025.

Patrimônio de Barro: Diálogos entre a Cultura Popular e o Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí

Lorena Francisca De Oliveira Castro (UFPI) – lorenacastroarqueo@gmail.com
Vinícius Melquíades (UFPI) – vms@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO

Considerando o contexto do Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), pretende-se discutir sobre como seus elementos expográficos podem ser repensados de modo a criar experiências mais inclusivas, participativas e que integrem referências da cultura popular local. A proposta parte especialmente da relação com a zona norte de Teresina, em particular com o bairro Poty Velho, território historicamente ligado à produção oleira e ceramista. Nesse contexto, o barro é compreendido não apenas como recurso material, mas como elemento fundamental na constituição de práticas culturais, identidades e modos de vida da comunidade local.

O Museu da Resistência da Boa Esperança, localizado na mesma região e de base comunitária, atua na preservação e valorização do patrimônio cultural, reconhecendo saberes de oleiros, ceramistas, pescadores, povos de axé e outras coletividades em sua expografia (molde de tijolos e telhas, panelas de ferro, canoas, bicicleta, pote de barro, etc.). Suas ações fortalecem as identidades e memórias do território, promovendo resistência cultural diante das ameaças de desterritorialização e das transformações urbanas e sociais. Ao adotar uma abordagem que considera a cadeia operatória e os gestos de diferentes coletivos em diversos contextos espaço-temporais, essa narrativa entende o barro como eixo articulador entre práticas tradicionais e contemporâneas, repensando a expografia do MAP e ampliando suas possibilidades ao integrar elementos da cultura popular a um acervo majoritariamente arqueológico e paleontológico.

O presente relato de experiência reúne reflexões obtidas pela autora e integrante do Plano Museológico Participativo (PLAMPA), projeto de extensão do Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí, desde 2023. A participação no projeto possibilitou vivências significativas no campo da museologia e da gestão participativa, com ênfase na articulação entre acervo, expografia, território e comunidade.

> [...] a execução do PLAMPA é realizada de forma participativa, permitindo que diversos públicos-internos e externos-contribuam na constante avaliação, sistematização e propostas do/para o museu. O PLAMPA busca não apenas a elaboração e implementação do Plano Museológico, mas a (re)visão, atualização e ampliação das atividades do museu, para que ele seja também um ambiente onde as interações com a Museologia, a Arqueologia e a Paleontologia sejam enriquecidas por referências culturais locais, promovendo maior diversidade e identificação da comunidade com o museu (MELQUÍADES, et al., 2025, p. 635).

Preocupando-se em promover a (re)estruturação e o fortalecimento institucional do museu, o PLAMPA também busca, assim, oportunizar a multivocalidade, a representatividade e o senso de pertencimento comunitário, por meio da inclusão de outras narrativas expográficas que evidenciem o patrimônio cultural local. Essa abordagem amplia as possibilidades de musealização do MAP, alinhada aos princípios da sociomuseologia, que rompe a lógica elitista e excludente historicamente associadas a essas instituições, como aponta Bruno (1997, p. 39):

> Os museus, nas últimas décadas, têm desempenhado um papel relevante e específico no campo da democratização da cultura, rompendo as barreiras dos seus espaços tradicionais, procurando novos públicos e criando exposições que incorporam linguagens mistas.

Nessa perspectiva, esta apresentação tem por objetivo refletir sobre como as práticas artesanais do bairro Poty Velho, nas quais o uso simbólico e material do barro, se configura como uma prática social que articula memória, identidade, resistência política e relações de gênero. Destaca-se, para tanto, o papel do MAP na preservação e difusão desses saberes, bem como na construção de redes colaborativas com o Museu da Resistência da Boa Esperança, promovendo o diálogo entre a museologia, arqueologia e comunidades tradicionais.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com enfoque etnográfico orientada por uma revisão bibliográfica que abrange os campos da sociomuseologia e do patrimônio cultural, contemplando tanto suas expressões materiais quanto imateriais. Como parte das atividades do PLAMPA foram realizadas, visitas em espaços museológicos e culturais diversos, com o objetivo de observar a expografia que reflete a cultura popular da cidade, assim como a presença ou ausência das narrativas subalternizadas nesses espaços. Também se examinou o perfil do acervo atual do MAP-UFPI e a possibilidade de inserção de novas categorias de objetos. Complementarmente a vivência da dança do barro em 2023, no Museu da Resistência, foi incorporada como uma metodologia sensível e experimental, voltada à articulação entre corpo, território, memória e ancestralidade, possibilitando a emergência de saberes corporais e afetivos no processo de construção do conhecimento. Também foram observadas produções artesanais locais, entendidas como expressões materiais de saberes tradicionais que dialogam com as práticas culturais e identitárias da comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa evidenciou que os espaços museológicos visitados apresentam avanços pontuais na incorporação de referências culturais locais, mas ainda carecem de representatividade das narrativas subalternizadas, sobretudo de saberes tradicionais e da presença feminina. A análise do acervo do MAP-UFPI revelou seu potencial para ampliação por meio da inserção de coisas relacionadas ao uso cotidiano do barro e à cultura popular, podendo assim, desenvolver uma abordagem potente e interdisciplinar que inclua indicadores de memórias, lutas sociais, relações de gênero e representações diversas. A participação na dança do barro, destacou a percepção do corpo e dos gestos como ativadores de memória, permitindo o surgimento de saberes afetivos e ancestrais invisibilizados em abordagens tradicionais. Essa vivência, aliada à observação das produções artesanais locais, revelou a cerâmica

como expressão identitária e política de empoderamento e transformação social, especialmente as produzidas por mulheres, reafirmando seu papel fundamental na articulação entre território, cultura e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam que o barro, enquanto símbolo material e simbólico, surge como eixo fundamental para ressignificar práticas museais, ampliando a representatividade e o pertencimento comunitário, a exemplo da narrativa expográfica do Museu da Resistência. Nesse contexto, o MAP ao incorporar essa herança cultural a sua expografia, não apenas valoriza saberes tradicionais, mas também promove o diálogo entre a sociomuseologia e as práticas culturais contemporâneas, ampliando os sentidos do patrimônio vinculado à cultura popular. Ademais, as ações participativas e interdisciplinares desenvolvidas pelo Plano Museológico Participativo do Museu de Arqueologia e Paleontologia, contribuem para uma museologia mais inclusiva, decolonial e enraizada nas realidades comunitárias.

PALAVRAS-CHAVE

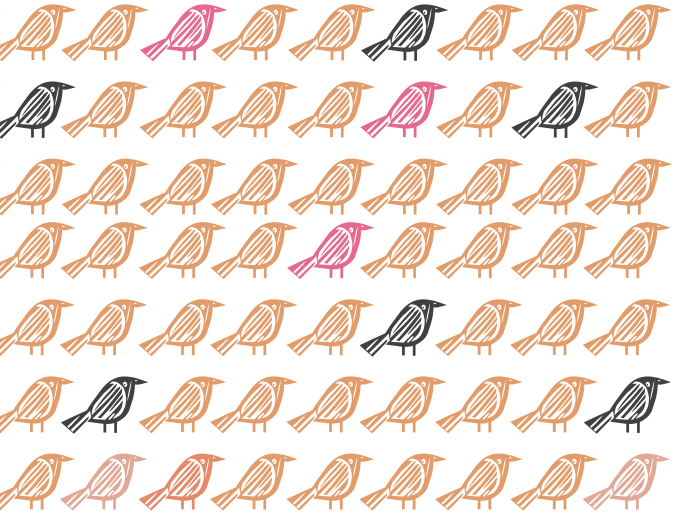
Barro. Patrimônio Cultural. Plano Museológico Participativo. Museu de Arqueologia e Paleontologia.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

REFERÊNCIAS

BRUNO, Cristina. (1997). Museus hoje para o amanhã. Cadernos de Sociomuseologia. N. 10, (pp.35-42).
MELQUÍADES, Vinícius; FEITOZA, Kamila Carvalho; NASCIMENTO, Camilly Santana; MORAES, Wallyson Vales. Musealização da Arqueologia e Planejamento Museológico em um Museu Universitário. In: Livro de resumos do 6º Seminário Brasileiro de Museologia [livro eletrônico] / organização Áurea da Paz Pinheiro, Rita de Cássia Moura Carvalho. Teresina, PI: Educar Artes e Ofícios, 2025.



AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS E CRÉDITOS

Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes)

Casa de José de Alencar (CJA/UFC)

Coleção Mineralógica/Departamento de Mineralogia - UFC

Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM Brasil)

Conselho Regional de Museologia - 1ª Região (COREM 1R)

Conselho Regional de Museologia - 3ª Região (COREM 3R)

Conselho Federal de Museologia (COFEM)

Departamento de Biologia - UFC

Divisão de Equidade, Diversidade e Inclusão (EDI/UFC)

Espaço Cultural Unifor

Faculdade de Direito da UFC (Fadir/UFC)

Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP)

Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC)

Governo Federal

Herbário Prisco Bezerra - UFC

Horto de Plantas Medicinais - UFC

Imprensa Universitária / Pró-Reitoria de Planejamento e Administração (IU/PROPLAD)

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Instituto Cultural Vale

Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet (MinC)

Memorial da Agronomia - UFC

Memorial da UFC

Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet (MinC)

Memorial da Agronomia - UFC

Memorial da UFC

Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Ministério da Cultura (MinC)

Ministério da Educação (MEC)

Museu da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP)

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Museu de Arte da UFC (Mauc)

Museu de História Natural da Bahia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens da Universidade Regional do Cariri (URCA)

Museu do Vale do Arinos da Universidade do Estado de Mato (UNEMAT)

Museu Itinerante de Paleontologia e Arqueologia - UFC

Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas)

Núcleo de Documentação e Laboratório de Pesquisa Histórica (NUDOC) da UFC

Núcleo Regional de Ofiologia da UFC (NUROF)

Oficina Digital / Instituto de Arquitetura, Urbanismo e Design (IAUD)

Petrobrás Cultural

Pró-Reitoria de Cultura da UFC (ProCult)

Rádio Universitária FM 107,9 (RUFM 107,9)

Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU)

Rede de Coleções & Museus da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Rede de Educadores de Museus do Brasil (REM/BR)

Restaurante Universitário / Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (RU/PRAE)

Seara da Ciência (UFC)

Secretaria de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social (SEDES/MCTI)

Secretaria de Comunicação da UFC (UFC Informa)

Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC)

Secretaria de Esportes da UFC

Secretaria de Comunicação da UFC (UFC Informa)

Superintendência de Infraestrutura (UFC Infra)

Tribunal de Contas da União (TCU)

TV Câmara de Jataí

TV Câmara de Fortaleza

Universidade Federal do Ceará (UFC)



Plenária Final do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários - Fotógrafo: Flávio Almeida








8ºFPMU




FORUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS




ANFITEATRO


8ºFPMU

PATROCÍNIO





















REALIZAÇÃO











APOIO





ORGANIZAÇÃO

































